

GABRIEL DELANNE

e

G. Bourniquel



ESCUTEMOS OS MORTOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Gabriel Delanne

e

G. Bourniquel

Escutemos os mortos

Vidência e incorporações

Identificação dos espíritos

Estudo crítico e provas experimentais da vida após a morte

Revele-me, ó meu bom gênio, a mim que tu amas, essas verdades que dominam a Morte, impedem temê-la e a fazem quase amar.

Renan

Centre Spirite Lyonnais Allan Kardec

<http://spirite.free.fr>

Título Original em Francês

Gabriel Delanne e G. Bourniquel *Ecoutons les morts* (Fr.)

Paris - Librairie Spirite

(1923)

Tradutora Fabiana Rangel

www.autoresespiritasclassicos.com

2013

Sinopse da obra

Na obra “Escutemos os mortos”, os autores trazem diversas manifestações mediúnicas no intuito de apresentar aos intelectuais da época a seriedade e a veracidade das mesmas.

As manifestações consistiam basicamente na interação com entes desencarnados que narravam a sua experiência pós-morte. Todas eram controladas por assistentes e, em momento posterior, aferiam-se as informações trazidas pelos espíritos desencarnados, de modo que pudessem ser tratadas como evidências a serem consideradas por grupos de intelectuais céticos.

Sumário

I –	A Conversão de um cético	4
II –	Os Médiuns e os Grupos	8
III –	A criptestesia	11
IV –	A Incorporação e a Vidência	15
V –	Visões em estado de vigília	20
VI –	Experiências psicométricas	30
VII –	Estudo sobre a memória subconsciente	37
VIII –	Manifestações errôneas ou duvidosas	46
IX –	Manifestações claramente subconscientes	50
X –	Manifestações onde a subconsciência é provável e pode ser validamente invocada	53
XI –	Manifestações onde o subconsciente é possível e pode não ser validamente afastado	61
XII –	Manifestações puramente espíritas	72
XIII –	Reunamos os fatos	117
.....	Conclusão	124

I

A Conversão de um cético

Quando três espíritas se sentam em torno de uma mesa,
apenas a mesa tem espírito.
Vassallo

Antes de expor nossas pesquisas experimentais, detenhamo-nos, a princípio, sobre uma curiosa manifestação da qual foi objeto, há uns vinte anos, o cético diretor do jornal *Il Secolo XIX*, M. Vassallo.

Ele tinha começado zombando o espiritismo e não deixava passar nenhuma oportunidade de lançar flechas afiadas sobre ele. Foi ele que lançou a reflexão humorística que prefacia esse capítulo.

Gozação pouco elaborada e, diga-se a nosso turno, gozação sem espírito. Não demorou a reconhecer seu erro e a reformar seu primeiro julgamento; depois de ter estudado a questão, coisa que nossos opositores quase nunca fazem, ele concluiu o seguinte: « Não há maior interesse que o de poder dizer à alma humana, pela voz da Ciência: você existe e existirá depois da dissolução da matéria. Tenho a firme convicção de que os estudos mediúnicos podem, por si só, levar a esse resultado e que é preciso impor aos intelectuais o desvelamento desse grande problema: a descoberta absoluta da Verdade».

De onde vem essa mudança radical? Das provas de identidade que lhe foram dadas por Eusapia, nas seguintes circunstâncias:

Depois de ter se familiarizado com os fatos pelos estudos seguintes, na sessão de 18 de dezembro de 1901, no Circolo Minerva, Vassallo se sentiu agarrado por trás por dois braços que o enlaçavam afetosamente, enquanto duas mãos de dedos longos e afilados de uma pessoa jovem lhe tomavam a cabeça, acariciando-a. Durante esse tempo, uma jovem cabeça o beijava repetidamente; todos ouviam o barulho dos beijos. Vassallo pergunta o nome da entidade que lhe manifestava sentimentos tão ternos e, pelos movimentos da mesa, obtem-se o nome Romano; era um dos nomes de seu filho falecido, ignorado até por seus parentes mais próximos, pois sempre o chamaram Naldino.

Tendo solicitado uma prova de identidade, um dedo atravessa a abertura do paletó e vai se colocar contra o bolso interior no qual, diz Vassallo, se encontrava um portaretrato contendo a foto de seu filho.

O cuidado tomado pela entidade em escolher o nome que era ignorado por todos indica sua vontade de ser reconhecido sem que se possa invocar a transmissão de pensamento, pois Vassallo declarou em seguida que não esperava por esse nome, que jamais era empregado. Vamos constatar que o fantasma deu outras provas, ainda mais convincentes.

Vassallo pediu uma prova mais completa e a mesa lhe respondeu afirmativamente, solicitando menos luz. Obedece-se a ela colocando uma vela acesa sobre o assoalho de uma outra sala. Dessa maneira, a luz estava fraca, porém suficiente para que se pudesse distinguir a visão de Eusapia e a dos outros observadores.

De repente, o doutor Venzano vê subir entre a senhora Ramorino e Eusapia uma massa vaporosa de forma longa, que se condensa gradualmente no alto e que toma o aspecto de uma cabeça humana sobre a qual sucessivamente aparecem em relevo uma cabeleira muito

abundante, olhos, um nariz e uma boca. Nesse momento, o professor Porro e o cavaleiro¹ Erba exclamam ao mesmo tempo: “Uma silhueta! Uma silhueta!” Vassallo, que observa de fora, volta-se a tempo de ver a cabeça que avança repetidamente acima da mesa em sua direção, depois se dissolvendo.

Observemos agora o episódio que segue; ele prova que Vassallo não foi o joguete de uma ilusão ao reconhecer seu filho. Quanto a alucinação, ela não teve como ter sido invocada, a forma tendo sido vista por quatro assistentes, como se fosse uma figura comum.

O doutor Venzano traça a lápis sobre uma folha de papel um croqui representando a forma percebida e, ao mesmo tempo, Vassallo, muito hábil desenhista, reproduz com bastante cuidado o perfil de seu filho. Constata-se, então, as feições de semelhança entre a figura aparente, os croquis desenhados e o retrato que Vassallo possuía. De fato, as linhas de contorno da cabeça e o aspecto piriforme desta última se correspondem maravilhosamente.

Se se quisesse explicar a aparição por uma transfiguração do médium, como se explicaria que este, não sabendo nem desenhar nem modelar, fosse capaz de dar à aparição uma semelhança tão forte de modo que o pai, que é artista, e o doutor Venzano fizessem um croqui maravilhosamente fidedigno? Poder-se-ia bem dizer, sem outras provas, que ela toma a imagem no subconsciente de Vassallo. Isso não é suficiente pois mesmo que se tratasse de um pintor ou um escultor muito hábil, não seria possível reproduzir instantaneamente qualquer figura. Se se quer imaginar que o perispírito toma automaticamente a forma de uma imagem mental muito intensa, por que não se obteriam sempre semelhanças ao invés de fantasmas que, no mais das vezes, não representam ninguém conhecido? E, depois, se a alma humana possuísse poderes tão prodigiosos, não é evidente que ela seria independente do corpo? Ela teria uma autonomia própria, uma existência *suis generis* que o organismo corpóreo não poderia engendrar, ele que muda perpetuamente, de modo que o desaparecimento total desse corpo não entraria mais as manifestações anímicas, que ela não as dificulta durante as sessões. Desejando escapar da prova direta da vida após a morte pelas aparições de defuntos, os adversários do espiritismo lhe fornecem outros argumentos que conduzem às mesmas conclusões.

Na sessão de 26 de dezembro, na penumbra, uma mão, a de Naldino, acaricia Vassallo; este solicita que seu filho encontre sobre sua pessoa um objeto que, quando estava em vida, lhe foi caro. Logo ele sente destacar de sua gravata um alfinete que tinha sido dado a seu filho e que ele tinha colocado lá justamente naquela noite, para constatar se ele lhe seria retirado pela aparição.

Tendo pedido ainda mais uma prova, Vassallo se sente logo em seguida preso sob as axilas por duas mãos que o suspendem, obrigando-o a se levantar e o puxam por dois passos mais ou menos, para trás de sua própria cadeira, ou seja, a uma distância de mais de um metro do médium.

Ele sente, então, um corpo humano se apoiar sobre seu ombro e um rosto que, a seu ver, tem as características do falecido Naldino, fica algum tempo junto a ele. Ele recebe em seguida muitos beijos dos quais todos ouvem o barulho e, nesse tempo, percebem-se frases interrompidas, pronunciadas por uma voz fraca que responde às questões reiteradas por Vassallo. Doutor Venzano, sem perder o controle, avança e consegue dizer muitas palavras em dialeto genovês, entre os quais se encontram as palavras *caro papa*. O diálogo entre a entidade e Vassallo continua por algum tempo, até o momento em que, depois do som de um

¹ Nota da tradução: O termo *cavaleiro* refere-se ao termo empregado pelo autor, *chevalier*. No entanto, *chevalier* – originalmente destinado aos membros da ordem da cavalaria da Idade Média – parece indicar, neste texto, o sentido de título honorífico de uma dada Ordem.

beijo, doutor Venzano consegue captar essa frase inteira: *questo è per la mamma* (isso é para mamãe).

Quase de repente a forma se esvai e a mesa pede tiptologicamente que se acenda a luz. Quando a luz elétrica é acesa, vê-se avançar em direção a Vassallo, que está de pé, uma forma humana envolvida nas cortinas da sala, que o abraça enquanto uma mão, sempre coberta da cortina, toma a de Vassallo e a retém por algum tempo. O médium está em sua cadeira, as mãos em contato com as dos controladores.

Venzano enfatiza que as palavras pronunciadas, mesmo por ventriloquismo, não poderiam vir do médium, a princípio por conta da direção da voz e depois porque era o puro dialeto genovês que tinha sido empregado, sem nenhum traço desse sotaque napolitano do qual Eusapia jamais poderia se desfazer.

Isso se passou há 20 anos.

Se aproximarmos a essas experiências já antigas, porém não ultrapassadas, outras experiências mais recentes feitas no Instituto Metafísico, veremos que o médium polonês Franek Kluski pôde reproduzir em Paris fenômenos idênticos àqueles produzidos em Gênova pelo médium italiano Eusapia e isso nas condições de controle mais severas que somente as pessoas de má fé ainda sonhariam contestar.

Eis o relato de uma cena impressionante, publicado pelo principal interessado, o conde Potocki, na Revista Metafísica de julho-agosto 1921, página 297:

Sessão de 20 de novembro de 1920

“O médium está sentado diante da mesa, fora da cabine escura. Dr. Geley segura a mão esquerda do médium. Potocki segura a mão direita. Os assistentes formam a cadeia. O médium logo cai em transe, o que se percebe por sua respiração característica. Aparição de luzes fosforescentes acima e ao lado do médium. Eu sinto carícias e sinto que há alguém entre mim e Franek. À minha esquerda, os véus da cabine escura começam a se movimentar e a inflar, como se um vento os empurrasse. Eu sinto que alguém se cobre com um véu, se inclina sobre mim e muito discretamente me diz ao ouvido o nome “Thomasch” (Tomas, em polonês). Ele soletra em seguida o nome tiptologicamente. Eu pergunto: É Thomas Potocki? (um primo com o qual eu era muito ligado, falecido há oito anos). Eu recebo pancadas bastante fortes e muito repetidas sobre o ombro para confirmar a resposta à minha pergunta. (Meu primo era entusiasta e exuberante. Tratava-se de pancadas que ressoavam estrondosamente sobre meu ombro e que todos os assistentes ouviam.)

“Eu agradeço a ele por ter vindo e pergunto se ele vê, no astral, minha irmã morta há três anos. Resposta: sim. E ao mesmo tempo, eu sinto uma mão de mulher pousar docemente sobre minha testa fazendo o símbolo da cruz dentro de um círculo, como o fazia sempre minha irmã quando viva, quando se despedia de mim. Eu reconheci sua mão, ligeiramente clara pela borda da tela iluminada colocada sobre a mesa que estava a minha frente. A mão passa várias vezes diante de meus olhos e cada vez mais eu tenho a impressão de reconhecê-la. Ela aperta minha mão, bate ligeiramente em meu rosto, acariciando. Eu não tenho mais como duvidar, é certamente de sua mão que eu reconheço o contato. Pouco tempo depois forma-se uma bola luminosa diante de meu rosto. Essa bola se afasta, depois se aproxima bastante de minha face e eu percebo, para minha grande surpresa e alegria, os traços perfeitamente reconhecíveis de minha irmã que me sorri como quando era viva. Ela me parece muito mais jovem, tal como era quando tinha vinte e cinco anos. (Ela morreu com cinquenta e quatro anos!). O topo da cabeça está rodeado por véus de nuvens. A aparição do rosto dura apenas alguns segundos. Eu tive tempo de exclamar: “É ela!”, depois tudo desaparece. A mão

traça ainda várias vezes o sinal da cruz sobre minha testa; um beijo sonoro, ainda algumas batidinhas no rosto e toda manifestação cessa.

J. Potocki.”

Essas duas citações selecionadas de uma quantidade hoje bastante importante de manifestações metafísicas suspende todas as dúvidas que se poderia conservar a princípio sobre a realidade dos próprios fatos e depois sobre sua interpretação.

Nos dois casos, uma cabeça aparece, é reconhecida, dá beijos que são ouvidos por todos que assistem, assim como uma voz que não provinha de nenhuma das pessoas presentes. O controle do médium era feito por experimentadores qualificados, habituados a esse tipo de pesquisas. Nada permite supor que eles pudessem ser vítimas de uma fraude vindo de fora, ou que eles mesmos tivessem se dado o estúpido prazer de elaborar uma boa farsa.

Além disso, em outras sessões do Instituto Metafísico as formas materializadas eram tão pouco alucinatórias que elas deixaram modelagens de seus membros temporariamente objetivadas; todas precauções foram tomadas secretamente para que se pudesse reconhecer, por um processo químico especial, se houve substituição da parafina empregada. No mais, essas modelagens, submetidas a *experts*, foram declaradas inimitáveis por quaisquer procedimentos técnicos atualmente conhecidos.

Eis aqui fatos contra os quais todas as negações vêm se dissipar, pois, enfim, essas modelagens são testemunhas irrecusáveis; são os próprios negadores a estabelecerem prova contrária ao fazerem coisas semelhantes nas mesmas condições.

Essas novas experiências não fazem mais que confirmar aquelas numerosas então obtidas há mais de 30 anos pelo professor Denton, na América, e pelo Sr. M Reymers e Oxley, na Inglaterra.

Quanto aos insucessos constatados, seja na ocasião de pesquisas da Sorbonne seja aquelas para as quais o *Matin* organizou um concurso, eles não provam nada contra os resultados dos quais falamos. É um princípio elementar o de que cem experiências negativas não reverterem um fato positivo quanto este é bem controlado; é até bastante lógico para alguns.

Também nós assistimos a uma formidável campanha jornalística onde tudo que é considerado nulo, inaceitável, pôde trazer seu ponto de vista. E isso naturalmente produziu ponderações diplomadas. Felizmente o bom senso público se encarregou de colocar as coisas no lugar.

Os dois exemplos que demos são suficientes para o estabelecimento da realidade dos fatos, sem que nós sejamos obrigados a colocar sob os olhos dos leitores os inúmeros atestados e minutas publicadas no mesmo sentido, sobre todos os pontos do globo, desde o começo desse tipo de manifestação.

Eis, então, um ponto conquistado: a vida após a morte é provada pelos fenômenos da mediunidade objetiva. Poderia ela ser assim também para os fenômenos subjetivos?

É precisamente esta a questão que nós nos propomos a resolver nessa obra.

II

Os Médiuns e os Grupos

Os fatos são mais úteis, mesmo quando contestados,
do que as teorias dadas, mesmo quando defendidas.
Homphry Davy.

O público, mais inclinado à crítica do que ao estudo, é composto da imensa massa de ignorantes que forma em todos os países uma maioria considerável. Tal pontífice, que condena sem remissão os fatos que lhe são completamente estranhos, não poderia ter uma opinião pessoal e se, numa manhã, ele não tiver tido tempo de ler o jornal, ei-lo totalmente desamparado, incapaz de saber o que deve pensar sobre os acontecimentos do dia. Ora, como a maioria dos jornais não mostra mais que ignorância e incompetência, tem-se que a opinião pública é completamente distorcida a respeito de questões das mais importantes.

Então, critica-se o espiritismo; e criticar-se-à por muito tempo ainda, sem que se procure compreendê-lo; folheam-se alguns livros, algumas revistas, enche-se o cérebro de teorias mal assimiláveis; fica-se, assim, livre da reflexão, mas conserva-se o direito de discutir, de negar, de censurar e com base em conclusões dadas por elocubrações de algumas pessoas que não são lá muito sérias; ao passo que seus fundamentos verdadeiros se encontram em trabalhos de pensadores eminentes: Allan Kardec, W. Crookes, Wallace, Lodge, Myers, Hodgson, Hyslop, Zöllner etc...

Esses homens estavam bem longe de ter a fé – aquela que cega. Ao contrário, todos eles foram, a princípio, energicamente desfavoráveis e foi somente depois de 20 ou 25 anos de pesquisas pessoais (exemplo: Lodge) que eles formularam sua opinião, despojaram suas armas, se deram por vencidos em termos definitivos. Os fenômenos mais importantes, os mais indiscutíveis, foram obtidos por esses intelectuais no início estranhos ou hostis e finalmente convertidos ao espiritismo. Esses homens, classificados de apóstolos, dados por dogmáticos, o foram muito menos na afirmação que seus adversários na negação. Eles tinham o direito de afirmar, porque eles sabiam, enquanto que os outros não tinham o direito de negar, porque ignoravam.

Qual poderia ser, então, o valor de argumentos de um Maeternlinck entendendo que não se encontra na revelação dos espíritos nada que permita que se creia em sua realidade? De que peso pode ser a opinião de outros personagens também incompetentes, porém de menor envergadura, os quais “veem nos ditos espíritos apenas dejetos, tipos de cascas astrais que, depois da morte, realizam inversa e paralelamente o processo de formação embrionária que se desenvolve desde nosso nascimento e que é agora um fenômeno de decomposição. O grande erro da hipótese espírita ortodoxa, diz-se ainda, é o de querer prolongar no além a ilusão de nossa individualidade, de nosso pequeno eu que é em si uma deficiência e uma limitação”.

Vá se situar em tal padecimento!

Nós não vemos com bons olhos a recusa em crer nos espíritos, mas admitimos sem esforço as cascas astrais; esse “processo inverso e paralelo” aparece tão límpido quanto a famosa luta de negros num túnel e o debate não consegue vencer na claridade. Que um cético “prefira se sentir à vontade em um grande Todo do que desconfortável no grande erro espírita”, isso é por conta dele. Mas, a princípio, não é certo que tenhamos escolha.

Quanto a dizer que os espíritas “querem prolongar no além a ilusão de sua individualidade”, o fazem a fundo perdido; é o que eles mais querem. Eles constatarem simplesmente uma verdade que se torna a cada dia mais evidente à medida que o campo de seu conhecimento aumenta pela experimentação.

É, de fato, pela experimentação que se deve estudar o espiritismo.

Não é necessário o uso de aparelhos complicados, mas um instrumento humano, o MÉDIUM, que é um ser difícil de encontrar, mais difícil ainda de manejar, geralmente suscetível e sensível. É preciso perdoar quaisquer pequenos defeitos, lembrando da espécie falha da qual ele faz parte e à qual todos pertencemos.

O médium é dotado de uma faculdade particular que lhe permite, pela exteriorização de sua energia psíquica, conhecer alguns fatos passados, presentes ou futuros; entretanto, não todos, pois no que se relata a ele há particularidades que, evidentemente, não puderam vir a sua consciência pela via dos sentidos, mesmo hiperestesiados.

E, como em inúmeros casos nem a hipótese telepática, nem a da clarividência ou do subconsciente podem ser invocadas, chega-se à obrigação – absurda, se assim se quiser dizer, mas inevitável – de admitir a intervenção de uma inteligência estranha a sua e à humanidade viva.

Sim, está fora de questionamento o fato de que os médiuns, especialmente predispostos por natureza e constituição, possam servir de intermediários entre os vivos e as entidades invisíveis que afirmam sempre, e que frequentemente provam, que elas já viveram na Terra.

Certamente os médiuns podem errar. Acontece a eles, por vezes, de dar informações incompletas, incoerentes, contraditórias; repetir histórias conhecidas ou de inventá-las em várias peças, e isso de muito boa fé.

Teremos a oportunidade de constatar o importante papel do subconsciente em algumas manifestações. Encontraremos também diante de outros casos onde o subconsciente não intervém e veremos, à medida que avançarmos em nosso estudo, parte considerável de mistérios desconhecidos que ainda nos falta decifrar.

Entretanto, não se deve esquecer que, em matéria de experimentação, os resultados valem o que vale o instrumento. Com fracassos com um médium de vigésima categoria, admitindo-se que não se trata de um sonâmbulo, não provam que o espiritismo seja uma ilusão; eles não poderiam contrabalancear os resultados obtidos por Crookes, Wallace, Lombroso e C^{ie}; entre dez ditos médiuns há nove a serem descartados; e porque não se esteve com o décimo pode-se dizer que ele não existe? Para as pessoas que não acreditam senão nos intelectuais, torna-se uma alegria se for aquele décimo, sejam precisamente intelectuais notórios, oficiais, como aqueles que nomeamos, experimentado e consagrado por estes.

Quanto a querer opor às experiências feitas com médiuns reconhecidos experiências feitas com médiuns que não o são, é um controle ilusório porque não se podem comparar fenômenos que não sejam da mesma ordem. Personagens fictícios, criados por autossugestão, não têm nada de comum com as verdadeiras manifestações póstumas, como demonstraremos.

Ao lado dessas dificuldades quase inevitáveis, entram em jogo outros fatores que retardam consideravelmente a marcha do espiritismo; são eles: o misticismo, a falta de senso crítico, os excessos da mediunidade mal compreendida, a rivalidade dos grupos, o abuso de experiências fúteis, as sessões obscuras, a puerilidade das manifestações, a credulidade encantada de alguns adeptos.

Todas essas pessoas são bem intencionadas, mas elas ignoram muito frequentemente os mais simples elementos da nova ciência ou os compreende mal e sua personalidade moral não

absorve deles nenhum benefício. Assim que se tenta pôr um freio em seu ardor desordenado, elas se lançam às tolices e à vaidade. Elas aceitam o verdadeiro e o falso com o mesmo entusiasmo; elas se curvam diante da autoridade de ditos espíritos que se pretendem superiores e oniscientes, se erigem como guias infalíveis e fazem com que se cometam os piores disparates.

Outros, melhor instruídos se deixam dominar, também eles, por esses maus elementos do invisível, esquecendo os erros e as mistificações às quais se expõem aqueles que são bastante imprudentes para perder o controle de si mesmos. Sua boa fé incontestável não é suficiente para desculpá-los.

Nos grupos, encontramos pessoas de todas as condições sociais, de todos os níveis intelectuais, de todos os mundos. Na sua pressa em se comunicar com o além, eles se precipitam impulsivamente em direção a toda luz que brilha.

“Pedir ao homem, disse Renan, para adiar alguns problemas e deixar para os séculos futuros saber o que ele é, que lugar ele ocupa no mundo, qual é a causa do mundo e de si mesmo, é pedir-lhe o impossível”.

Os principais motores dessa cruzada crescente são nobres e legítimos: necessidade de conhecer o destino – necessidade de crer em uma vida futura e reparadora – necessidade de consolação.

É importante, pois, que os espíritas esclarecidos deem a sua filosofia um caráter consolador e moral e as garantias de controle sem as quais ela não teria razão de ser.

Essa missão é mais particularmente reservada aos médiuns, “esses mensageiros que, segundo Carlyle, vêm do Infinito com novidades para nós”; sua faculdade surpreendente sempre superexcitando a curiosidade do público. Gaston Méry, tendo feito um artigo sobre a senhorita Couesdon, em 14 de março de 1896, recebeu mais de mil cartas nos três dias que seguiram a publicação; segundo artigo em 20 de março: as cartas jorravam ainda mais, perguntando o nome e o endereço da vidente. Depois, foi a vez dos jornais que, todos, publicaram entrevistas do Sr., Sr^a e Senhorita Couesdon. Lord Kitchener e os negócios do Egito, Galliéni e Madagascar passaram a segundo plano e foram esquecidos por alguns dias.

Tal curiosidade constituía somente a ela um dos fenômenos psicológicos mais estranhos do século.

III

A criptestesia

Sapiens nihil affirmat quod non probet
(O sábio não afirma nada que ele não possa provar)

Diante desses fatos que parecem anormais à ciência oficial, qual é a atitude dela?

Digamos francamente: a atitude não é um elogio, ao menos na França. Até os últimos tempos, ela toma partido por ignorá-los e negá-los sistematicamente.

O professor RICHET, o primeiro, o único, teve a coragem de afirmar os fatos deixando no escritório da Academia de Ciência seu extenso TRATADO DE METAFÍSICA.

Eis um ato. Um ato tão importante que se deve a uma das personalidades científicas mais justamente reputadas de nossa época. Os metafísicos só podem se alegrar e reconhecer o valor de tal testemunho; é então com a maior deferência que iremos analisar, muito rapidamente, a obra desse grande homem, considerado como um Mestre no mundo inteiro.

Mas deferência não quer dizer abdicação e nós reclamamos o direito de expor todo nosso pensamento sobre as questões que, no Tratado, tocam à metafísica subjetiva, deixando de lado os fenômenos objetivos aos quais o prof. Richet deu uma explicação materialista, em contradição com a nossa; entretanto, ele se ateve em demonstrar sua realidade.

Esses fenômenos chamam a atenção sobretudo porque eles se prestam bem às experiências de laboratório e porque podem ser pesados, medidos, fotografados ou modelados.

Quanto aos outros, aqueles que não têm nenhuma ação sobre a matéria e que escapam ao controle de nossos órgãos sensoriais (leitura e transmissão do pensamento, visão e audição à distância, intuição, encarnação, glossolalia etc...) esses constituem a Metafísica subjetiva e que o ilustre sábio explica com o seguinte nome: CRIPTESTESIA; é a ela que são creditados os fenômenos subjetivos.

Então, o que é a criptestesia?

O nome não é novo; Flournoy fez uso dele em sua obra “Espíritos e Médiuns” (páginas 314 e 316).

Não é outra coisa senão a curiosa faculdade à qual os antigos magnetizadores davam o nome de lucidez ou de clarividência e que Myers chamou telestesia. O professor Richet, que se compraz no papel de padrinho, simplesmente desenterrou esse outro vocábulo.

Graças a essa criptestesia, os sensitivos podem conhecer os fatos que seus sentidos não puderam revelar “por quais meios nós ignoramos; quanto mais tentamos compreender essa faculdade inacessível, menos compreendemos; sua modalidade e seu mecanismo nos escapam absolutamente” (página 779). E o autor acrescenta: “Dizer que houve criptestesia não significa de forma nenhuma resolver as questões confusas as quais não podemos responder” (p. 780).

Ninguém pode negar a existência dessa faculdade; o que contestamos é que ela seja aplicada indiferentemente a todas as ordens de fenômenos.

Entre outras experiências que lhe deram essa certeza débil, ele cita a seguinte: “Stella, na presença de G, que ela não conhece e que não pode conhecer a família, diz os nomes do filho

de G, de sua mulher, de um irmão já falecido, de um irmão vivo, de um cunhado e do lugar onde G morava”.

Nessa experiência, a presença de G permite, de fato, revogar a hipótese espírita; a criptestesia é suficiente, aqui, para explicar tudo, ao menos no estado atual da ciência. Ninguém sustentará o contrário: isso seria lutar contra um exército de moinhos ao vento. Mas isso se torna totalmente diferente quando, dizendo-se ser o espírito de um morto, uma personalidade desconhecida a todos vem relatar eventos que ninguém conhece e que uma investigação ulterior verifica.

A criptestesia não é suficiente para explicar a perfeita reprodução da escrita e da assinatura de defuntos, nem os fenômenos de xenoglossia, quer dizer, as línguas estrangeiras, os idiomas raros escritos ou falados pelos médiuns que os ignoram completamente.

Um sujeito magnetizado poderá ter os gestos de um padre, mas será incapaz de rezar uma missa ou fazer orações em latim. Ele imitará a eminência de um médico à cabeceira de um doente, mas lhe será impossível redigir corretamente uma receita.

Maxwell cita Sr^a Agullana que, “incorporando um médico que viveu no século passado, emprega a linguagem médica arcaica, dá às plantas seus nomes medicinais antigos; seu diagnóstico acompanhado de explicações extraordinárias e geralmente correto, mas a descrição dos sintomas internos que ele percebe é bem feita para surpresa mesmo de um médico do século XX; os humores, o fluido, as moléculas do sangue dançam uma estranha mistura. No entanto, meu confrade do além-túmulo, pouco loquaz em outro tempo, reconhece que há muitas coisas que ele ignora. Há dez anos que eu o observo; ele não variou e apresenta uma continuidade lógica assustadora” (J. Maxwell – Os fenômenos físicos, p. 210). Maxwell, de resto, contesta o caráter espiritual dessa manifestação verdadeiramente típica que, de seu próprio relato, jamais variou. Ele prefere ver ali dentro nada além de uma segunda personalidade.

Nós não concordamos com ele. Um sujeito hipnotizado não poderia reproduzir por autossugestão personalidades tão fieis, tão lógicas, tão permanentes. Ele não poderá também falar línguas estranhas: Aksakof cita Laura, a filha do juiz Edmunds, que incorporava o espírito de Evangélidès; este engaja uma conversa em grego moderno com seu irmão, que estava presente, e chega a revelar a morte do patriota Botzaris, ignorado por todos.

É aqui que intervém a hipótese espírita com uma força que singularmente domina qualquer outra explicação. Mas Richet não quer ouvi-la. Seu Tratado é um ataque contra tal concepção que, em sua pretensão, conduz à uma religião; para ele o estado mediúnico não passa de um fato de autossugestão cujas raízes são desconhecidas.

No nosso entendimento, é um erro. Que um médium, pelo jogo do subconsciente, possa evocar a lembrança de um morto na presença de um parente ou de um amigo, isso não é impossível, ainda que isso não esteja provado. Mas, então, se ele possui a faculdade de poder falar assim em nome de um desencarnado com o qual a família deseja se comunicar, ele deveria sempre satisfazer esse desejo. Na prática é tudo diferente e as pessoas experientes na questão conhecem bem os múltiplos insucessos que não podem evitar. Entretanto, admitamos a intervenção do subconsciente ou mesmo da autossugestão nesse tipo de comunicações, mas o que nem a autossugestão nem o subconsciente poderão fazer é criar, forjar peças da personalidade real de um morto que nem ele nem nenhum dos assistentes jamais conheceu.

Esse caso, como aqueles de premonição, como aqueles das identidades de escrita, como aqueles da xenoglossia, Richet pretende explicá-los pela criptestesia; e, então, ele vai se afundar nessa areia movediça com elegância e obstinação.

Mas, que restrições em seu cérebro obstinado:

“Nós não reconhecemos na criptestesia nada além de uma potência humana, uma faculdade superior e desconhecida de inteligência; nós devemos nos deter aí, ao menos provisoriamente (p. 256). – E depois de tudo, quem sabe? Sejamos quase tão reservados em nossas negações que em nossas afirmações (p. 225). – E depois há uma confusão de eventos que tudo é possível (p. 226).”

Comparemos, passando essas tergiversações com a clara afirmação de William Crookes: EU NÃO DIGO QUE AQUILO É POSSÍVEL, EU DIGO QUE AQUILO É; e sem outro comentário, continuemos o exame.

Saboreemos isso aqui:

“Tais fatos são muito importantes; eles se explicam melhor pelas teorias espíritas do que pela simples hipótese de uma criptestesia... contudo, apesar de sua aparência espiritoide, os fatos são impotentes para me fazerem concluir que as consciências dos defuntos assistem, na forma de fantasmas, a morte de seus próximos (p. 453).”

E por que, Mestre? Porque seu postulado materialista lhe impede de concluir seguindo a lógica. O senhor também é sugestionado por ideias preconceituosas; é a criptestesia na contramão, mas tão vacilante que ela o leva a dizer que “a existência de seres independentes dos seres humanos, se ela não pode ser provada, não pode, tampouco, ser negada (p. 627).”

De vez em quando, temos saudado de passagem alguns hinos que não são novos, frutos dessa filosofia alemã de Wirchow, de Büchner, de Moleschott, de Marck, de Ostwald que decididamente lançou uma semente ruim; reencontramos o clichê antiquado que reprova os espíritas porque evocam apenas personagens célebres; isso dá um contrapeso a um outro clichê que afirma que não nos comunicamos senão com espíritos de estágio inferior.

Eis aqui outras contradições:

Em vários casos, a hipótese espírita é manifestamente absurda (p. 757). – Não se deve desejá-la nem temê-la (769). – Entretanto, é timidamente que a combato pois eu não posso lhe opor uma teoria antagônica satisfatória (770). – A prova da vida após a morte não está dada, mas me apresso em acrescentar que se tem aproximado bastante dela (778). – Todas as palavras de grandes médiuns são impregnadas, por assim dizer, da teoria de uma vida após a morte; aparências, talvez, mas por que essas aparências (773)?

E tudo isso para chegar a dizer:

Eu não condeno a teoria espírita; seguramente, ela é prematura; provavelmente, ela é errônea (781).

Richet admitiria mais como hipótese cômoda “que existem no universo seres misteriosos, dotados de inteligência, anjos ou demônios, que tomam o espírito material e psicológico de personalidades humanas desaparecidas; é uma maneira simplista de compreender a maioria dos fenômenos metafísicos (788)”.

Mas esses sistema que se aproximam singularmente daquele das religiões não o detém por muito tempo:

“Se, então, (isso que de outro modo eu não posso crer), existem espíritos dotados de poderes misteriosos (que não compreendo absolutamente) e de intenções misteriosas (que compreendo menos ainda), em todo caso, os espíritos não são as consciências de defuntos. Eles pertencem a outros mundos, diferentes do nosso mundo material assim como do moral, e se eles se mostram na aparência humana é para se fazerem compreender fragmentariamente para nós (789)”.

Como esses seres fora da humanidade encontram meios de se exprimir com palavras humanas? É mais improvável como hipótese que a hipótese espírita, e a lógica nos

apresentando uma lei de não multiplicar as causas sem necessidade, estimamos ser mais fácil admitir a imortalidade da alma humana nessas manifestações que a intervenção de entidades sobrenaturais cuja existência jamais foi estabelecida.

Tudo isso é muito vago e obscuro. Tata indecisão, tanta hesitação nos mostra que o autor ainda procura seu caminho e o fim desse longo debate nos leva a essa conclusão desconcertante:

“Nós ainda não temos nenhuma hipótese séria a apresentar. Em definitivo, creio na hipótese desconhecida que será a do amanhã, hipótese que não me lanço a formular porque não a conheço.”

Há nessa exposição de Metafísica subjetiva erros de fato chocantes, contradições que mal seriam desculpáveis para um simples teórico. O professor Richet, que particularmente experimentou os fenômenos de ectoplasmia, não parece ter tido a mesma curiosidade no que se refere a manifestações puramente psíquicas, seja porque o tema não o tenha cativado o suficiente, seja porque ele não tenha encontrado um médium suficientemente forte. Sua documentação pessoal é, nesse aspecto, quase nula. Sua educação se faz por leituras, o que é insuficiente, pois a prova pessoal não pode se adquirir senão por uma experiência pessoal. Daí, essa abundante compilação de fatos obtidos há 50 anos por outros que não ele e que relemos ainda com resignação.

Pobre Helena Smith! Pobre Sr^a Piper! Pobre Esperança! Sobretudo, se injustamente desdenhada por ele! Os senhores podiam imaginar que seriam um dia tão fortemente chacoalhados pelo carro da Ciência, lançados ora aqui ora ali por tantas interpretações divergentes? A tarefa dos médiuns é verdadeiramente ingrata!

O tratado de Metafísica é uma obra considerável por suas dimensões; toda a parte subjetiva está cheia de documentos já antigos, quase todos exóticos. Isso não leva nada a seu valor; mas porque se obstinar em ir tomar exemplos cansados (sempre os mesmos) no exterior, quando se pode encontrá-los na França e em data recente? Nossas revistas espíritas, nos últimos anos, fizeram inúmeras e marcantes citações que o autor do Tratado teve a infelicidade de ignorar ou de negligenciar sistematicamente.

É um trabalho a retomar. Se ele se decidir por retomá-lo, deverá colocar em prática o conselho que ele próprio dá aos outros, na página 603: fazer, seguindo o princípio cartesiano, uma tábua rasa sobre tudo que foi dito e escrito até aqui e, para começar, se desfazer de seu apriorismo e de sua parcialidade; se colocar pessoalmente na experiência e julgar não mais conforme outros, conforme outros relatórios, conclusões, processos verbais, mas conforme suas próprias obras.

Se ele tiver a sorte de encontrar verdadeiros médiuns, se ele se der o trabalho de procurar por si próprio, sem cessar, e não em períodos distanciados correspondendo a seus caprichos, ele constatará que esses médiuns não são seres privilegiados que, por seu conhecimento universal de todos os fatos passados, presentes ou futuros, terão aqui na Terra o papel de vice-Deus. Ele verá que a vida após a morte pode ser controlada, verificada e provada, submetida ao nosso senso crítico e mesmo ao nosso bom senso, seguindo a justa expressão do Dr. Geley.

Quanto a nós, nos recusamos a admitir que a chave da criptestesia possa abrir indiferentemente todas as fechaduras metafísicas; não poderíamos aceitá-la na explicação de todos os fenômenos subjetivos, pois ela atribui esses fenômenos a causas indeterminadas, cuja existência ainda está para ser demonstrada, o que é contrário ao método científico.

As experiências que acompanhamos há muito tempo nos provaram a insuficiência da criptestesia: é isso que vamos demonstrar pela exposição de nossas pesquisas.

IV

A Incorporação e a Vidência

São meio-sábios aqueles que condenam
pesquisas como as vossas.
Henri Bergson

Depois de muitos anos de inanição devido a essa infeliz guerra que não terminava nunca, retomamos nosso trabalho em um meio totalmente novo para Albertine (Ver nos Testemunhos Póstumos os princípios de sua mediunidade); sua faculdade, por tanto tempo em repouso, retornou intacta e não tardou em se desenvolver; ela se completou com duas novas faculdades: a reprodução fiel da agonia do desencarnado e a simulação perfeita do estado de morte.

Eis o processo da experiência.

Albertine se ausenta depois de uma breve invocação ao espírito guia. Ela é tomada de movimentos convulsivos, agitação, tremores nervosos; sua respiração se torna irregular, palpitante; ela solta gemidos, suspiros; suas mãos fazem o gesto habitual aos moribundos, de puxar os lençóis; soluços violentos, borborigmos barulhentos se produzindo algumas vezes. De acordo com a natureza da enfermidade que levou o paciente, ora o médium é tomado de uma tosse persistente de tuberculose, ora seu ventre incha desmesuradamente sob o efeito de uma falsa hidropisia, ora sua figura se deforma, normal de um lado, contraída do outro, dando assim a aparência de um rosto hemiplégico. Se ela incorpora um soldado morto na guerra, ela protege sua cabeça da metralhadora com os braços, ou ela apoia seu fuzil, ou todo seu corpo se curva por instantes como se evitasse os fragmentos de bombas. Cada agonia varia e se apresenta com suas características específicas.

Os pais, os amigos, as pessoas que assistiram o falecido em seus últimos momentos reconhecem esses gestos, essas deformações do rosto ou do corpo. Sr. B... professor-adjunto na escola de Bordeaux, reconheceu perfeitamente a agonia de seu filho, que aconteceu em dois momentos: ele tinha dado o último suspiro; acreditavam-no completamente morto, fecharam seus olhos e colocaram uma faixa para manter sua boca fechada. Ao cabo de um instante, ele fez alguns movimentos leves, reabriu os olhos, soltou pequenos suspiros e finalmente recaiu no último sono. Albertine, incorporando esse espírito, que ela jamais conheceu, reproduziu essas duas fases em todos os detalhes.

Temos de acrescentar que a médium jamais assistiu nenhuma agonia, nem a morte de quem quer que seja. Na infância, devido a sua sensibilidade extrema, sempre a afastaram do leito dos que estavam morrendo. Então, não é pela lembrança consciente ou inconsciente que ela pode, tão fielmente, reproduzir gestos, movimentos ou deformações especiais a cada moribundo.

A duração dessa parte do transe é mais ou menos longa (em torno de 5 a 10 minutos) e termina bruscamente por um sobressalto que normalmente projeta a médium para fora da poltrona.

É a segunda parte do transe que representa o estado de morte, o estado tanatoide, para empregar a expressão perfeitamente apropriada do doutor Gibier. Nesse estado, o corpo inteiro adquire a rigidez cadavérica; sem movimentos, quase sem respiração. O uso dos sentidos é completamente abolido. Para que Albertine saia desse estado de contração, deve-se

fazer nela insuflações sobre todo o corpo e no interior das mãos tensas; depois, passes transversais que produzem ao seu redor uma grande agitação de ar e, enfim, passes fortificantes ao longo dos membros e de todo o corpo. Todos esses meios agem lentamente, de modo que um dia perguntamos a Camillo, nosso guia, se não existirá um procedimento mais rápido para que a médium perdesse a rigidez cadavérica.

Camillo indicou, então, que o experimentador deveria dirigir a extremidade dos dez dedos à cavidade do estômago dela, encostando levemente. Fizemos isso na primeira oportunidade. O resultado foi imediato. Assim que os dedos do experimentador tocaram o plexo solar da médium, o corpo se descontraiu e retomou sua agilidade; a respiração se reanimou, as funções vitais se restabeleceram rapidamente.

Desde então, continuamos a praticar esse método que não aparece, ao que temos conhecimento, em nenhum manual e que nos foi indicado por nosso guia, dando sempre o mesmo resultado.

Essas duas fases da agonia são geralmente penosas para aqueles que as presenciam pela primeira vez. São apenas representações, simulacros da morte. Os sofrimentos apresentados pela médium são representações. Na verdade, ele não sofre mais que um sujeito em estado de hipnose ao qual se sugere estar cortado em pedaços. Assim que ele acorda e bem desperto, pelo tanto que ele foi sacudido, seu organismo não guarda nenhuma sensação. Ele logo retoma a vida normal; sua alegria reaparece; ele come e dorme como todo mundo e até melhor.

Quando a médium sai da catalepsia, começam a fazer-lhe perguntas para conhecer a identidade do espírito com o qual se relacionou. É preciso, na maior parte do tempo, multiplicar essas questões, pois, a princípio, a entidade se mostra como alguém que sai de um longo sono. O espírito não sabe muito sobre onde ele está; ele se esforça muito, diz ele, para entrar lá dentro. Lá dentro é o corpo do médium e vê-se, de fato, que ele faz esforços como se tivesse dificuldade para se colocar numa roupa muito apertada.

Os espíritos que jamais se comunicaram – e é a maioria dos casos – se creem ainda vivos, seja em seus leitos, expostos ao mal, febril, reclamando de sede, do barulho; seja em suas ocupações habituais, serrando madeira, regando flores, regando contas. É preciso compreender sua situação atual, na qual eles não querem crer; eles protestam energicamente quando lhe dizem que estão mortos. Eles sempre acreditam estar na data de sua morte e quando lhe informam a data real em que eles se encontram, ficam muito espantados.

Por meio de perguntas e respostas obtem-se informações sobre sua vida terrena. Essas informações, por vezes de grande precisão, por vezes completamente falsas, são acompanhadas de gestos adaptados que constituem um tema de estudos psicológicos muito interessante. Quando o desencarnado não tem mais nada a dizer, agradecem a ele e deixam-no partir. O médium acorda, então, sozinho, uma vez que ele estava ausente, sem que seja necessário que se ocupem dele.

Nos primeiros tempos, ele experimenta algum cansaço, algum peso na cabeça, após algumas incorporações que o tenham maltratado. Nesse caso, é preciso desprendê-lo por meio de passes transversais, fazer insuflações no rosto, reanimar a circulação, reaquecer os membros resfriados com fricções enérgicas, descongestionar o cérebro com a imposição das mãos sobre as extremidades inferiores.

Tudo isso não se passa sem um bocado de cansaço. Procuramos então um meio mais prático para desprender o médium. Há muito tempo temos observado a ação benfazeja exercida sobre ele por alguns espíritos familiares. Logo que são manifestados por Albertine, que de algum modo atravessaram seu organismo, eles levam embora toda a influência deprimente que tenha podido deixar aqueles que os precederam.

Estimamos, então, o hábito de, antes de encerrar as sessões, chamar um de nossos guias e deixá-lo alguns minutos incorporado à médium; assim que ele se retira, Albertine desperta sem nenhum mal estar ou pesar, completamente liberta, não tendo conservado qualquer lembrança do que se passou durante a incorporação.

Enfim, depois de alguns anos, ela adquiriu uma nova faculdade: a vidência.

Quando ela desperta, imagens mais ou menos nítidas se formam diante dela e desfilam como projeções cinematográficas.

Essas imagens, esses quadros se reportam quase sempre a cenas da incorporação. Ela revê as figuras que estavam com ela no instante anterior, os fatos dos quais ela acabou de falar. Nomes de família ou de país, datas que ela deu sem perfeição lhe aparecem e às vezes escritas ao inverso; ela deve, então, soletrá-las letra por letra ou decifrá-las para que se possa compreender seu sentido. Outras vezes, ao invés de ver esses nomes ou essas datas, ela os escuta; é como uma voz interior, tendo uma ressonância objetiva.

Se alguém se interpõe entre ela e as imagens, estas se deslocam e vêm se colocar diante da pessoa interposta, de modo que a visão não é interrompida. Nesse estado particular, a médium já retomou sua consciência; ela comenta suas visões que, por vezes, lhe agradam bastante; ela fala, brinca, discute muito livremente com seus vizinhos.

Para resumir, Albertina se ausenta sozinha, passa pelos três estados clássicos: letargia – catalepsia – sonambulismo; durante o transe, vê-se por vezes sua mão se elevar e fazer passes em sua face; é o guia que emprega esse meio eficaz para descongestiona-la quando ele a nota com o cérebro muito cansado. Em seguida, ela desperta sozinha.

É pela experiência que nós fomos conduzidos a admitir essa possibilidade para a médium adormecer e despertar, graças à intervenção de Camillo, que há muito tempo se encarregou desse cuidado.

Parece, de fato, que os espíritos têm um poder muito superior ao nosso para agir sobre os sujeitos. A caixa do sr. Greliet, proprietário do hotel da Inglaterra, em Havre, era médium. Um dia que Donato estava nesse hotel, o sr. Greliet, que era espírita, disse-lhe que os espíritos tinham o poder de impedir um magnetizador de agir sobre um sujeito. Donato, naquele tempo ainda incrédulo, não acreditou em nada. O sr. Greliet lhe propôs agir sobre sua caixa e ao cabo de alguns instantes ela estava sob o domínio do magnetizador. No dia seguinte, Donato, tendo sido solicitado a refazer sua experiência, não conseguiu nem provocar o sono nem realizar a menor sugestão ao sujeito; este via duas mãos fluídicas que o libertavam ao mesmo tempo em que o magnetizador fazia seus passes. Esse foi um dos primeiros fenômenos que chamaram a atenção de Donato sobre o espiritismo e o levaram mais tarde a admiti-lo como realidade.

Todas essas fases pelas quais passa Albertine são extremamente interessantes para estudo. Elas já foram observadas sobre Helena Smith e minuciosamente descritas por Flournoy (Flournoy. – Das Índias ao planeta Marte, páginas 266 e 331). É importante notar a rigorosa analogia das manifestações nos dois médiuns e observar que Albertine jamais leu o livro sobre do célebre psicólogo.

Para ela, como para Helena Smith, a vidência não é exclusivamente limitada às sessões espíritas.

Quando, fora das incorporações, Albertine está em uma reunião de amigos, se alguém lhe pede, ela visualiza em estado de vigília. Ela só precisa se recolher um momento para ver, nas mesmas condições dispostas acima, as imagens de interesse da existência, as preocupações de pessoas que a interrogam e isso sem que alguém lhe forneça o menor objeto.

Essas imagens chegam a ela muito lentamente e são geralmente de grande exatidão; elas se remetem quase que exclusivamente a fatos passados ou presentes, raramente futuros, e, nesse último caso, os eventos que ela anuncia nem sempre se realizam. Como a maioria dos videntes, ela tem visões notáveis para os outros, mas jamais para o que lhe diz respeito pessoalmente.

Nossas experiências provam que essa faculdade é um fenômeno constante, que se pode reproduzir, por assim dizer, à vontade e simplesmente variável na intensidade e na clareza.

A saúde de Albertina é perfeita; ela está muito bem equilibrada, nos dois pontos de vista: fisiológico e psicológico. Contrariando as tendências históricas que sempre se desejam encontrar à todo custo nos médiuns, ela é absolutamente normal e no máximo um pouco viva de caráter. Ela jamais teve em sua vida uma só crise de nervos, mas somente no momento de sua formação teve algumas falhas inerentes a essa idade, provocadas pelo cansaço. Ela raramente sofre de dor de cabeça e dorme regularmente um sono de criança, sem agitações; seria impossível encontrar, ali, o menor traço de psicopatia. Nela, a mediunidade é um fato natural, desenvolvido pelo exercício e não um acidente mórbido.

Seu filho de 4 anos é uma maravilha de beleza plástica e de vigor; ao vê-lo, tem-se a impressão de uma natureza que transborda saúde e vida; ele é de uma precocidade extraordinária como força e inteligência.

Os pais de Albertine são robustos camponeses sem nenhuma questão fisiológica que não seja uma surdez em sua mãe, proveniente de um endurecimento precoce do tímpano. Seus avós, seus familiares mais antigos tinham a fama de viver muitos anos, em seu país.

Albertine sem dúvida era predisposta a se tornar médium por sua sensibilidade, sua fineza de percepção; poder-se-ia dizer o mesmo de tantas outras pessoas que conservam o receio de se deixar levar por seu temperamento. Em todo caso, durante sua infância, longe de ser visionária ou sonhadora, ela, ao contrário, revelou um caráter prático e ativo. Não se encontra em seu passado nem amor ao sobrenatural, nem alucinações nem tendência ao automatismo. Quando se percebeu que ela tinha algumas faculdades mediúnicas, muito rudimentares, foi necessário desenvolvê-las, durante longos meses, por um treinamento contínuo.

Estado fisiológico do sujeito. – As constatações seguintes foram feitas em diferentes tomadas pelos doutores Viguiet, Maurice Dirksen, Georges Dirksen e Pigot, durante nossas sessões.

	Pulsações	Respirações	
Sujeito normal acordado.....	84	21	
Incorporado por Camillo.....	92	40	
mais velho com maior amplitude			
de Arthur Moser (42 anos).....	84 à 96	26	
de Yéyé (2 anos e meio).....	84	24 à 26	
de Duhêtre (84 anos).....	94	42	muito fortes

É possível observar as diferenças notáveis de batimentos do coração e da respiração, tendo em conta que o sujeito está em seu estado normal ou que incorpora seja um senhor, seja uma criança.

Entretanto, seria prematuro tirar conclusões definitivas dessas constatações; o quadro seguinte nos mostra, ao menos no que se refere a criança Yéyé, que o número de suas pulsações não correspondia às de uma criança de sua idade.

Pulso à	1 ano	134	de 25 à 50 anos	72
	3 anos	108	à 60 anos	75
	6 anos	90	à 80 anos	80
	10 anos	80	à 85 anos	93

Há aí um tema de estudo muito interessante que recomendamos aos biólogos e que retomaremos, incessantemente, por nossa própria conta.

Nas últimas sessões, para cercar a realidade mais de perto, adotamos o hábito de fazer não somente constatações fisiológicas sobre o sujeito, mas igualmente perguntar aos espíritos incorporados algumas linhas escritas e sua assinatura. Continuaremos essas pesquisas e tentaremos, quando for possível, comparar a escrita e a assinatura dos falecidos com aquelas que tivermos obtido. Esses documentos psicológicos são de primeira importância e constituirão novas provas do mais alto valor. Os intelectuais não conservarão sempre a intransigência do professor Flournoy, que jamais reconheceu nas assinaturas do cura Burnier e do síndico Chaumontet uma semelhança que o mais incapaz dos experts não poderia recusar.

Digamos, enfim, que para estabelecer os fatos de uma maneira irrefutável, tivemos o cuidado de juntar aos relatórios, todas as vezes que foi possível, as referências correspondentes, quer dizer, os nomes e endereços de testemunhas e de investigadores. É possível ter informações junto a essas pessoas, todas dignas e que estão prontas a atestar a veracidade de nossas citações.

V

Visões em estado de vigília

Duvidar de tudo ou crer em tudo,
essas são duas soluções igualmente cômodas,
que, tanto uma quanto a outra, nos eximem de refletir.
Henry Poincaré

A primeira visão de Albertine remonta ao ano de 1919. Ela se encontrava na casa do comandante Darget onde os amigos habitualmente reuniam-se todas as semanas. Para sua grande surpresa, ela viu formas humanas se apresentarem ao lado de uma das assistentes.

“Madame, disse ela a essa última, há crianças ao seu lado. Eu vejo um jovem homem atrás da senhora. Ele se chama Pierre. É seu filho mais velho.

- Sim, é verdade; pergunte a ele se ele pode me dizer onde está Georges?

- Pierre responde: mamãe, é uma prova; a senhora terá uma visão em sonho e verá onde está Georges.”

Ainda que impressionada pelo imprevisto dessa manifestação, Albertine não sentiu nenhum pavor; há muitos anos seu guia Camillo lhe disse que ela iria adquirir essa faculdade e ela estava algo preparada. Mesmo que as informações dadas nessa primeira sessão tenham sido pouco numerosas, sua exatidão foi para ela um encorajamento precioso.

Desde esse momento, as visões se repetiram a cada reunião. Nós não levantamos todas, é claro; nos contentamos em recolher as mais características evitando, assim, cair em fastidiosas repetições.

Importante circunstância a observar: naquela época, Albertine aleitava seu filho. Durante a gravidez e o aleitamento, ela não teve uma incorporação sequer; não teve nada além de visões, como se uma força superior tivesse tido a providência de não sobrecarregar a mamãe. Ela só começou a incorporar quando parou a amamentação do filho. No começo dessas experiências, seu peso normal era de 47 quilos; depois de três anos de trabalho mediúnico ela pesa 57. Prova da inocuidade da mediunidade, quando é bem dirigida.

Outra visão na casa do comandante Darget

“Eu vejo junto a senhora, disse ela a Sra. Capéra, um jovem homem com uma jaqueta, polainas, moreno, cabelos grisalhos e abundantes; ele me disse que se chama Marcel. É um parente seu.

- Sim.

- Cometeu suicídio. Ele tem na têmpora uma mancha negra produzida por uma bala de revólver. Ele sofria de neurastenia. Matou-se longe; eu vejo um bosque. Ele tem na mão um plano de horários de trem. Seus pais eram muito religiosos e ele deixou a casa acreditando assim causar menos tristeza”.

Albertine dá a data do falecimento, que se reconhece ser exata, assim como as informações acima, depois ela continua:

“Foi uma pessoa sem ocupação. Ele caçava. Vejo um *basset* branco com manchas alaranjadas e um outro cachorro maior. Ele deve ter cometido suicídio indo à caça”.

Esses detalhes eram igualmente exatos. Na véspera do suicídio, Marcel tinha pego um plano, como que para se informar do horário dos trens e fazer crer a seus pais que ele ia viajar.

(Na casa do comandante, Darget).

Visões do general Fix e de Papus:

(Na casa do comandante Darget).

“Eu vejo um senhor alto, magro, por volta de 80 anos, atrás dessa dama”.

A dama assim designada é muito forte e Albertine não a conhece.

O comandante Darget insiste:

“Quem é?”

- Escuto...Fix.

- Ah! É o general Fix; muito bem, mas ele não deve estar só. Repare bem.

- Sim, vejo agora uma outra forma: um homem com uma barba negra mesclada de pelos brancos; altura mediana, corpulento, olhos grandes e salientes, uma boca volumosa; eu vejo uma bola luminosa sobre a cabeça. De seus dedos saem raios. Ele devia ser médium.

- Insista; talvez ele diga seu nome.

- Eu vejo escrito: Papus”.

Sra. Darget, que é uma excelente vidente, confirma essa visão. Albertine retraça, então, a vida íntima de Papus, que ela não conheceu, com grande abundância de detalhes íntimos; esses detalhes são declarados exatos pela dama forte que é a própria Sra. Encausse, igualmente desconhecida pela médium.

Eis agora alguns extratos de processos verbais, relatando visões que Albertine teve no salão da Sra. Capéra.

Reunião de 13 de outubro de 1919

A médium vê ao lado da Sra. B... um militar graduado, jovem, muito grande e muito forte, bem afeiçãoado, olhos claros, cabelos penteados para trás, fronte alta e desembaraçada; ela diz que ele deve ter sido morto instantaneamente, sem ter tido tempo de sofrer. Sinto que esse militar insiste, pois ele quer trazer-lhes esse pensamento doloroso. – Eu vejo agora uma outra pessoa ao lado desse militar: homem de idade, cabelos brancos; deve ter morrido por volta de 55 anos, mas parecia mais velho. Foi casado e creio que era da mesma família do militar. Esse deve ser seu pai”. A sra. B reconhece como perfeitamente exato tudo isso que foi dito.

“A médium vê em seguida diante da sra. D... um senhor idoso parecendo ter 75 anos, segurando uma bengala que lhe servia para tentar andar, como um cego ou um enfermo; é um militar aposentado; ele é calvo, magro, algo baixo; não morreu em Paris. Eu o vejo numa propriedade do Sul, onde morreu. Eu o vejo numa poltrona de vime, na qual ele costumava ficar. Ele esfrega as mãos e espera que uma de suas filhas leia o jornal para ele. É a mais nova que era encarregada de seu cuidado; a senhora, a senhora era a mais velha.

“A médium indica a data da morte e vê, em seguida, uma jovem mulher colocando sua mão sobre o ombro do senhor com um ar protetor. Essa jovem mulher deve ter morrido de uma

doença no ventre ou no pós-parto. – A sra. D. reconhece sua mãe, morta no parto, mas ela se espanta que ela apareça assim tão jovem, ao lado de seu pai morto já idoso. A médium responde que sua mãe não envelheceu no mesmo tempo que seu pai, uma vez que o espírito se mostra tal qual era no momento da morte.

Nesse momento, como para dar uma explicação, o senhor idoso se reapresenta como fora aos 30 anos, oficial com o patente de capitão que ele tinha quando se casou e que estabeleceu uma base militar no Sul. Todos os detalhes acima são reconhecidos exatos pela sra. D”.

Observemos que o pai da sra. D., a princípio se apresenta como era quando tinha 75 anos, depois quando tinha 30 anos. Eis a explicação desta estranha faculdade: o perísprito possui o poder de retomar um instante, sob a influência de sua própria vontade, uma das formas que o constituíram durante sua vida terrestre. Ele pode reconstituir seja como criança, seja como adulto, seja como idoso, todas as etapas de sua existência passada. Esse é um fenômeno de ideoplastia que é completamente geral e que todos os bons médiuns videntes constataram. Existem casos onde o espírito materializado pôde retomar sob os olhos dos assistentes a forma que ele tinha não no momento da morte, mas quando estava na flor da idade (caso Brackett).

Continuemos a folhear o registro dos processos verbais obtidos na casa da sra. Capéra.

Reunião de 27 de outubro de 1919

“A médium em estado de vigília viu um homem jovem parecendo ter 20 anos e um militar parecendo ter 45 anos. Aos sinais dados, a sra. Meis... reconheceu seu filho e seu marido, mortos há poucos dias; o primeiro não tinha mais que 17 anos e o segundo 39, mas quando vivos pareciam mais velhos. O filho se apresentou de modo muito característico, com um cinto sobre uma jaqueta civil, coisa muito exata que ele fazia quando vivo para provocar sua mãe. A médium então viu uma pessoa de idade, parecendo 60 anos, pequena, gorda, com as mãos sobre o ventre, cabelos com um lenço à moda de Gascogne. A sra. Meis... reconheceu sua mãe que usava os cabelos assim e costumava fazer essa pose.

“Em seguida, a médium vê no meio do salão uma máquina de escrever rodeada de um bocado de papéis; ela viu uma forma feminina loura, parecendo ter 25 anos, mas era uma visão de uma pessoa viva. Trata-se de uma órfã cujos pais morreram em Paris; ela recebe um bocado de papéis para copiar, como faturas. A sra. Capéra se lembra que uma jovem amiga, correspondendo a essa descrição, procurava emprego em sua casa. A médium declara que ela conseguiria. (No final de sessão, uma jovem entra e a médium a reconhece como sendo a que ela acabou de falar. No dia seguinte, a sra. Capéra observa que a jovem tinha comprado uma máquina de escrever e mais tarde ela entendeu que teria mais trabalho do que poderia dar conta).

“Em seguida, a médium vê um senhor de paletó com um ar de gerente de hotel, com guardanapos sob o braço que ele arrumava depois sobre uma mesa como se colocasse um talher, e morre subitamente. Ela acrescenta que vê um fogão. A sra. Dag... declara ter conhecido esse senhor, que morreu asfixiado com sua mulher, devido a ruptura de um cano de gás.

“Depois de um instante, a médium viu perto da sra. Jac... um soldado que portava dois objetos feitos com projéteis. A sra. Jac... se lembra que um dos últimos presentes relatados do *front* para seu filho a sua mulher foi precisamente dois vasos feitos com projéteis, e se tratava tanto desse filho que ele disse seu nome a médium, pedindo-lhe para dizer a sua mãe que se aproximasse o máximo possível de sua mulher”.

Como se vê, essa jornada foi bem cheia. A apontar particularmente a visão da moça ainda viva. É um fato frequente que não pode se explicar de outro modo senão pela telepatia; a

moça em questão estava preocupada pelo desejo de comprar uma máquina de escrever e o medo de não conseguir; seus pensamentos trouxeram impressões ao cérebro da médium; esta viu ao mesmo tempo a pessoa preocupada e aquilo que era objeto de suas preocupações. A visão era incrivelmente nitida, de modo que alguns instantes depois a médium reconheceu, no momento em que ela entrou no salão e antes que alguém falasse, essa moça que ela não conhecia.

Reunião de 10 de novembro de 1919

“A médium vê perto da sra. Vi... um senhor de cabelos compridos, por volta de 40 anos de idade, que se aplicava ou que alguém lhe aplicava injeções. Como a sra. Vi... não reconhecia o espírito e a médium sofria, a sra. Vi... lhe aconselha abandonar essa visão. No final da sessão, o mesmo espírito estava perto da sra. Vi... e a médium, insistindo, disse que ele certamente veio para aquela senhora. Ela acrescenta que era um morfinomaniaco, que ele estava com uma camisa de dormir na qual estava marcada a inicial R. A sra. V. se lembra subitamente de um doutor Raymond (O nome do doutor é alterado), que ela tinha conhecido em outros tempos e que morreu há 20 anos ou menos, daí não ter pensado nele. – A médium afirma então que o doutor tinha feito seus estudos em Montpellier e que morou em Montmartre. Aqui, informações íntimas. – A médium viu um menino e uma jovem mulher, filho e mulher do doutor.

Em seguida, ela viu o jovem homem como soldado. O filho do doutor R. está no serviço militar atualmente”.

Ainda aqui notamos a faculdade do espírito desencarnado de poder se mostrar em diferentes idades da sua existência terrestre. Nós jamais tínhamos observado esse fenômeno curioso, uma vez que se tratava de pessoas encarnadas vistas por telepatia.

Reunião de 22 de dezembro de 1919

Processo verbal redigido pela sra. Darget.

“Reunidos em torno de vinte pessoas na casa da senhora Capéra, em torno de uma mesa que a anfitriã dizia ser muito velha, eu brinquei: a minha é ainda mais velha; ela era usada no ano de nascimento do meu avô, em 1793.

“A médium diz, então: Seu avô foi soldado, de início; ele só se casou quando voltou a ser civil; ele teve muitos filhos, mas não criou mais que cinco, dos quais o primogênito é uma filha e o mais jovem, um menino.

“- Tudo isso é perfeitamente exato, respondi; depois, a médium me descreveu meu avô, mas não o tendo conhecido, não pude controlar como em relação às visões precedentes. Marquei somente essa particularidade que eu conhecia de meu avô, que ele era absolutamente barbeado e não tinha sequer um bigode.

“Eu disse, então: como a senhora vê tão bem essa família, veja o que aconteceu particularmente a um dos filhos.

“ – Ah! disse ela, é uma menina! Eu a vejo como um grande embrulho, não podendo respirar; é certamente um acidente, mas não vejo qual.

“ – Muito bem, disse eu; é de fato uma jovem morta, queimada viva aos 19 anos, e a senhora a vê como um pacote porque, na verdade, ela foi envolvida com algodão sobre todo o corpo, que era todo ferida.

“ – Mas, segue a médium, ela se chamava Berthe e o que eu vejo é muito singular: ela e a senhora são a mesma pessoa.

“ – Ah! disse eu, Então, ela reencarnou na casa de sua irmã (na família de sua irmã) e mentalmente eu fiz a conta dos anos. Essa tia morreu três anos e meio antes de eu nascer; então isso é totalmente possível. Eu não a conheci e não sei a terrível causa de sua morte senão pelo que me disseram minha avó e minha mãe. O que sei é que eu tenho o mesmo nome que ela, Berthe. Como na minha família não se conhecia a doutrina espírita e as reencarnações, ninguém jamais pensou nisso; evidentemente, o controle não pode ser feito, como fiz o da primeira parte da visão, que é de uma exatidão incrível”.

O que há de particular para ser notado nessa manifestação é que a visão do avô foi provocada por um pensamento da senhora Darget; ele respondeu ao seu chamado involuntário, instantaneamente, como acontece muito frequentemente nas incorporações; isso parece dar razão a hipótese espírita. Entretanto, nós não a deduziremos daqui, nem a deduziremos todas as vezes que se puder explicar os fatos por um fator puramente humano; esse fator é, mais geralmente, a telepatia.

Reunião de 23 de fevereiro de 1920

“A médium vê diante da sra. Al... uma parteira e lhe pergunta se ela conheceria alguma. Como a resposta é negativa, ela acrescenta: entretanto, ela está lá para alguma coisa, porque ela parece ter uma criança em seu avental. A senhora não teve um filho que não vingou?”

“A sra. Al... responde que, de fato, ela teve um filho, mas, acompanhado pela parteira, a criança morreu, tendo sido feito muito lentamente o trabalho.

“A médium acrescenta: a senhora tem uma outra criança, uma filha.

“-Sim.

“-E, bem, o primeiro filho reencarnou na outra; o filho se tornou uma filha.

“Aí, a sra. Al... exclama que sua filha, quando criança, tinha apenas gostos de menino; nunca bonecas, mas armas, espadas, tambores, quepes, soldados de chumbo, e que ela até os 25 anos apresentou uma aparência e gostos pouco femininos.

“A médium pergunta ainda a sra. Al... se ela conhece alguém com o nome de Louis; é o nome do menino do laboratório do meu marido, responde a senhora.”

Os pressupostos da reencarnação não são suficientemente estabelecidos na visão acima e não se pode, é claro, dizê-los senão para efeito de registro.

Reunião de 23 de março de 1920

“A senhora Capéra chama sua empregada doméstica que se senta emudecida e cai em lágrimas; depois de um instante, a médium diz que ela foi vítima de um roubo; que lhe tomaram um espartilho, roupa, relógio de prata e dinheiro, ao menos duzentos francos. Isso estava exato e a médium não tinha tido conhecimento desse roubo que aconteceu poucas horas antes. A médium diz também que ela via o patamar onde dava este quarto, que é o último à direita, no corredor. Ela acrescenta que a ladra, que não tem aí seu primeiro furto, levou o material roubado na rua Borca. Ela diz que o pequeno relógio tem um desenho algo especial, que parece um coração. A empregada diz que, na verdade, é um relógio que seu irmão lhe trouxe da Alemanha, onde ele foi prisioneiro de guerra, e que o desenho é um coração rodeado de flores.”

Visões na casa do sr. Piart

O sr. Piart, que mora em Sant-Denis, 16, rua das Ursulines, redigiu os dois relatórios que seguem, relativos às visões de Albertine, que a ele concernem.

“30 de outubro de 1920. – A médium vê um jovem homem que escreve seu nome: Marcel; ele é meu sobrinho, que morreu na guerra. Ele apresenta uma foto de uma jovem mulher que se casou há pouco tempo; mas, não querendo ou não podendo indicar o país onde ocorreu o casamento, ele mostra uma extensão de água. De fato, foi às margens do Marne que a cerimônia aconteceu (casamento de sua irmã). Ao lado de meu sobrinho, a médium vê um homem parecendo ter 55 anos, grande e muito forte, que se chama Jules. É meu nome e meu cunhado era muito forte. A médium me diz: ‘Ele foi pescador? Ele me mostra um monte de peixes’; não, meu cunhado não era pescador, mas toda sua vida ele fez latas de estanho e sondava as tampas com os peixes nas latas.

Jules Piard”.

“6 de novembro de 1920. – A médium viu o marido da senhora D..., falecido, disse seu nome e também o da sra. D... Ela apontou a doença do falecido e mencionou uma sangria feita no doente antes de sua morte.

Jules Piard”.

Sessões na casa de Camille Flammarion

Em abril e maio de 1922, Albertine fez, na casa de Camille Flammarion, uma série de sessões privadas que interessam, e das quais estão aqui um resumo.

27 de abril. – Albertine vê um grande número de pessoas agrupadas, antigos amigos da casa e que continuam a visitá-la depois da morte. Os rostos têm a aparência que tinham em vida, mas a formação dos corpos está incompleta: a maioria dentre eles é simplesmente materializada até a cintura. A médium distingue um, ao qual ela denomina Didier: “É, diz ela, aquele que foi seu primeiro editor com a Pluralidade dos mundos habitados. Ele parece ter 70 anos; morreu em 1865, no mês de dezembro; sua morte foi súbita em um ônibus (Ligeiro erro: Didier morreu na estação de ônibus da praça Saint-Michel). Ele usa uma barba branca longa; é calvo, com uma coroa de cabelos brancos. Agora, acrescenta ela, vejo uma mulher alta, magra, por volta de 80 anos. Ela deve ter morrido de um ataque; ouço o nome Sylvie... Pétiot. Ela escrevia com seu marido, o ajudava em seus trabalhos.

“- Onde ela morava?

“- Em Juvisy. Ela foi enterrada lá.

“- Como se chamava o marido dela?

“- Flammarion. É sua primeira mulher. Agora ela desaparece.”

Logo em seguida, ela viu um homem pequeno, magro, cabeça grande, parecendo ter 65 anos, morto recentemente.

“Ele pode lhe dizer o nome dele?

- Espere. Eu escuto Jean... Vinot... ou Finot; sim, é Jean Finot.

“- Jean Finot? Aquele que escreveu o prefácio dos Testemunhos Póstumos?

“- Sim, é ele, certamente.”

Ficamos todos muito surpresos, sobretudo a sra. Flammarion e seu marido. Estreitamente ligados por amizade com Jean Finot, o diretor da Revista Mondiale, eles ainda ignoravam sua morte, ocorrida na véspera. Ele foi enterrado no dia seguinte.

5 de maio. – Ela novamente viu Didier, mas não pôde dar as informações que lhe pediam sobre sua família e sobre seus filhos. Em seguida, ela declara ver, próximo a Sra. Flammarion, quadros e estátuas.

“Na sua família, diz ela, há artistas; há um pintor, seu pai, e um escultor, seu irmão. A senhora não é italiana?”

- Não, mas de origem italiana.

- É isso, do lado de sua mãe. Ela está aí. Ela parece ter 47 anos; é pequena, forte, com uma barriga grande; ela tinha um tumor. Ela tinha os cabelos negros com grandes tranças; lábios carnudos, pele bem morena, muito bela.

- Veja onde ela foi enterrada.

- Vejo colinas, árvores (após hesitação): não seria Meudon?

- Sim; o que você disse é bastante exato.

- Escuto o nome Paul; é seu irmão. Ele disse que morreu de uma doença no pulmão, não faz muito tempo.

- Sim, sua morte resultou da guerra; ele foi operado.

12 de maio. – “Eu vejo sua mãe novamente; ela me diz seu nome: Maria. Ela não está sozinha. Ela está com um homem de 30 a 35 anos: é seu irmão Paul. Ele era pintor. Ele é grande, moreno, olhos negros, cabelos apenas nas têmporas. Ele me diz: Gabrielle; é à senhora que ele se dirige. Vocês não conviviam muito. Ele me mostra um anel, uma aliança, mas ela não está unida. Ele me fala de seus negócios de família... (Aqui mudança de perguntas e de respostas sobre questões íntimas).

“Agora, vejo um homem de uns sessenta anos, barba branca, olhos azuis acinzentados; ele respira com dificuldade. Enfisema. Morreu em Paris, de uma angina pectoris. Escuto seu nome: Renaudot; é seu pai. Ele conheceu sua mãe na Itália; ela tinha 15 anos e ela lhe serviu de modelo.”

Apesar de toda a persistência, Albertine não pôde ver um fato muito importante em relação a esse dia na Itália: a sra. Renaudot serviu de modelo ao pintor Henri Régnault, para o célebre quadro: Salomé, que foi vendido por 500.000 francos e se encontra hoje na América. Nova prova da extrema dificuldade de transmitir o pensamento ao cérebro, mesmo que se trate de um sujeito muito sensível, como no caso presente.

Algumas reflexões acerca da faculdade da visão

É desconcertante constatar que um fato desse gênero, tão notório, e sobre o qual a sra. Flammarion pensava muito intensamente, não pôde ser percebido pela médium, enquanto outros fatos menos conhecidos, menos importantes e sobre os quais ela não pensava, vieram se objetivar da maneira mais espontânea e foram visualizados por Albertine.

Isso demonstra, de uma vez por todas, aquilo que nós tivemos oportunidade de dizer algumas vezes: na mesma medida em que os sujeitos hipnóticos e magnéticos são sensíveis à telepatia, os médiuns espíritas são insensíveis a essa ação, seja no estado de transe, seja no estado de vigília.

Seria fastidioso reproduzir aqui todos os processos verbais e relatórios relativos a essa forma de mediunidade; certo que fatos que temos relatados até o presente momento poderiam ser atribuídos, à rigor, a uma faculdade de clarividência do médium, embora, na verdade, a faculdade de tomar conhecimento de imagens contidas nos cérebros de outros que não o do vidente seja inconciliável com a teoria materialista.

O cérebro é um agente puramente receptor; ele não entra em relação com o mundo exterior senão pelos sentidos e pelos agentes físicos que acionam cada um desses sentidos. Daí, o ácido fosfórico contido na caixa craniana, e que não sai dela, está materialmente impossibilitado, por nenhum meio físico conhecido, de tomar conhecimento do que foi registrado por uma outra massa cerebral que não pode irradiar seus pensamentos para fora do organismo de outro modo que não pela via dos sentidos.

Mas, é diferente se a inteligência humana for capaz de tomar conhecimento diretamente do mundo exterior e de entrar em relação com outras inteligências até encarnadas, pois estas têm meios de comunicação hiperfísico que a ciência não conhece, mas que descobrirá precisamente ao estudar os casos de clarividência e de telepatia.

Qualquer que seja a extensão que se queira dar à criptestesia, apresento um caso onde ela certamente é inoperante.

O caso Clarinval

Em 17 de março de 1922 recebemos a seguinte carta:

“Cara senhora,

Não posso esquecer a maneira tão agradável que a senhora e seu marido me receberam numa noite de terça-feira. Também espero que os senhores me permitam ir a outra de suas reuniões com uma de minhas amigas; digam-me o dia que menos lhes atrapalhe; obrigada e perdão pelo incômodo que eu lhes causo e esteja certa, cara senhora, de minhas melhores lembranças.

Baronesa de Bournat

35, rua Théophile Gauthier”.

Essas duas damas vieram há apenas duas semanas; a sessão tinha começado já há uma meia hora e a médium estava em transe quando elas chegaram; elas se sentaram no fundo da sala. Albertine continua a incorporação, sem se dar conta da presença das recém-chegadas.

Quando a sessão terminou, uma hora e meia depois, ela desperta, mas ao invés de ter, como de costume, a visão de espíritos que ela acabou de incorporar, ela se volta para o lado das duas damas, sentadas lado à lado em um canto escuro, e pareceu muito surpresa de ver alguém num lugar anteriormente desocupado.

“Senhora, diz ela à desconhecida, eu escuto Marcel: é seu filho?

- Não, é meu genro.

- Vejo que ele morreu na guerra.

- Sim.

- Mas a senhora perdeu um outro filho na guerra; escuto René.

- Sim.

- 25 de maio de 1920.

- É a data em que soube onde ele estava.

- Agora, vejo um avião que plaina; ele cai aos seus pés; está completamente esvaçalhado. É seu filho que morreu em um combate de aviões.

- Sim, e o que surpreende é que nas sessões, ele jamais vem primeiro; é sempre Marcel que o precede; a senhora o vê?

- Não, ainda não...; (ao cabo de um momento): ah! agora, ele se forma atrás da senhora; tem as mãos apoiadas sobre seus ombros”.

Ela faz uma descrição precisa e indica sua idade.

“Agora, acrescenta, ao lado dele eu vejo duas cabeças, como medalhas, não muito materializadas. A senhora deve ter enfrentado muita dificuldade para encontrar seu filho”.

A amiga da baronesa de Bournat nos diz, então, quem ela era: Sra. Clarinval. Seu filho René foi dado como desaparecido em 2 de setembro de 1916, depois de um combate de aviões. Em 25 de maio de 1920, encontrando-se à sua janela, a sra. Clarinval viu a figura de seu filho, muito pálido, aparecer em um bouquet de árvores da rua Ribéra, acompanhado de dois jovens soldados, um Russo e um Alemão.

Após essa visão perturbadora, a mãe fez pesquisas longas e difíceis e depois de tribulações inúmeras, acabou por descobrir em um cemitério alemão os despojos de seu filho enterrado entre um Russo e um Alemão.

Pode-se ler o relato detalhado dessa comovente história no 3º volume de “A Morte e seu Mistério”, de Camille Flammarion, página 313 e seguintes; para evitar aproximações fáceis aos nossos contraditores, acrescentaremos que essa obra apareceu em 18 de maio de 1922 e que a visão de Albertine se produziu em 28 de março do mesmo ano. Poder-se-ia, entretanto, objetar que a Revista Espírita tinha feito menção ao caso Clarinval em um número anterior a 28 de março; mas nós respondemos a essa objeção dizendo que Albertine não pôde conhecer esse fato pela Revista Espírita, que ela jamais leu e que, sobretudo, nem nessa Revista nem no livro de Flammarion ela poderia ter encontrado elementos que lhe permitissem dizer à senhora Clarinval que ela tinha um genro de nome Marcel.

É o primeiro nome que ela pronunciou ao despertar, atraída por uma voz ao lado das duas damas; ninguém entre nós conhecia a identidade da pessoa que acompanhava a baronesa de Bournat. Albertine já estava em transe quando elas entraram na sala; quando ela despertou, ela não soube, a princípio, devido à luz insuficiente, que era a baronesa que estava ali, mas mesmo que ela soubesse, isso não lhe teria dado nenhuma indicação sobre a identidade da outra dama.

Seria um caso de desmaterialização?

Que nos seja permitido esse pequeno petisco, relativo a um fato curioso que se passou na casa de Ct. Darget, em 22 de janeiro de 1921.

Um trinta pessoas se encontravam reunidas no salão, para assistir às experiências de Albertine; esta acabava de chegar e estava no meio do grupo, onde falava-se um pouco de tudo.

Ao cabo de um momento, a sra. Darget, muito emocionada, diz:

“Sra. Bourniquel, eu... eu não a vejo mais”.

E todos os assistentes, participando de sua emoção, se levantam de seus lugares; os mais próximos puderam perceber que, de fato, a figura da médium ficou totalmente invisível; apenas a gola decotada ficou visível.

Sr. Alloncins se aproxima e pede a médium para elevar a mão à altura da figura: a mão fica visível e a figura invisível. Ele tira um jornal de seu bolso e o aproxima da figura que, então, foi iluminada pelo reflexo do papel; ela volta a ficar invisível quando o papel é retirado.

Durante esse tempo, perfeitamente desperta, Albertine compreendia o que se passava ao redor dela, via os assistentes ansiosos e, para não prejudicar o fenômeno, ficou completamente imóvel.

Isso durou por volta de três minutos, de acordo com as pessoas mais próximas, mais especificamente a Sra. Dargel, Roy, Ducourreau, a srta. Jeanne Laplace, Sr. Alloncins etc...; depois, tudo volta ao normal. À que se pode atribuir isso que aconteceu?

A primeira explicação que se apresenta é a da desmaterialização parcial do corpo em estado de vigília; mas, nesse caso, os assistentes teriam visto os objetos localizados atrás da cabeça da médium; é isso que se produzia na desmaterialização dos membros inferiores da Sra. Espérance: o vestido dela repousava diretamente sobre a cadeira e a continuação das pernas tinha desaparecido completamente.

Aqui, nada semelhante; de resto, Sra. Roy, particularmente bem localizada para observar, e que não tinha perdido o sangue frio, fez algumas observações que nos levam a rejeitar esta primeira explicação.

Segundo ela, o desaparecimento do rosto não foi instantâneo, mas progressivo. Ela viu, a princípio, como um véu que cobria quase toda a figura, deixando visível apenas uma pequena parte. Esse véu se fez cada vez mais espesso à medida que a superposição das camadas fluídicas iam se acumulando, até o momento em que ele esconde quase completamente a figura. “Isso produzia o efeito, disse a Sra. Roy, de um véu espesso”.

Diante dessa constatação formal, foi possível supor que esse curioso fenômeno teve como causa determinante a formação de um invólucro fluídico muito espesso que se colocou por meios de camadas sucessivas, no lugar desejado, opondo-se como uma barreira aos olhares.

Essa explicação, que nos parece aqui a mais lógica, não poderia se aplicar a todos os fatos da mesma ordem, para os quais se tem invocado a desmaterialização.

VI

Experiências psicométricas

Nec mortale sonans
(cuja voz não tem a sonoridade dos mortais).
Virgile

A lucidez psicométrica é extremamente atraente; dela muitas vezes nos foi dado ser testemunhas, notadamente com uma jovem muito bem educada que agrega a uma graça e a uma elegância nativas uma educação e uma alegria de bom tom que a tornam uma pessoa simpática e amável.

Quando nos conhecemos, a Srta. Jeanne Laplace se divertia em fazer girar as mesas das quais ela recebia, por vezes, mensagens assinadas: Voltaire. Seu entorno crédulo a encorajava a procurar relações lisonjeiras; não tivemos muita dificuldade em fazê-la compreender que ela errava e a aconselhamos a cultivar, de preferência, a lucidez psicométrica de que ela parecia possuir os germes. Outros amigos competentes lhe deram o mesmo conselho, o que vai tornar possível que se vejam resultados interessantes.

Eis aqui alguns relatórios que nos foram comunicados e que reproduzimos com tanto zelo que até conhecemos intimamente os autores; podemos, conseqüentemente, dar garantias da autenticidade dos fatos. Acrescentamos que se pode dar a essa faculdade uma interpretação puramente animista.

Experiências na casa da Sra. Roy. – “Foi em uma de nossas reuniões familiares que se descobriu a mediunidade psicométrica da Srta. Jeanne Laplace. Meu marido e eu lhe demos uma carta dentro de um envelope. Ela a colocou sobre sua testa.

“Eu vejo, disse ela, um país de montanhas; frio no inverno; é uma mulher que a escreve; alguém que vocês não gostam”.

Ela parecia endereçar essa observação à Sra. Roy.

Ora, como o envelope vinha de nosso amigo, o capitão V, que morava em Orleans, onde não há montanhas, dissemos: a senhorita tomou o caminho errado; e, para provar, retiramos a carta do envelope; para nosso grande espanto, constatamos que, com a carta, havia uma outra da mãe do capitão V. Essa senhora mora em Auvergne, país de montanhas, frio no inverno, e ela não me inspira nenhuma simpatia. Achamos esse caso muito interessante, pois nosso pensamento estava voltado para o capitão e apenas os fluidos da outra carta tinham impressionado a médium. Então, nada de transmissão de pensamento.

Com uma pregadeira, que pertencia a Sra. S, a qual eu não conhecia e sobre quem não se tinha a menor informação:

“Essa dama é louca, muito forte, casada; eles tiveram grandes perdas de dinheiro devido à guerra, quase arruinados; em seguida, fizeram uma grande fortuna. Família de grandes burgueses, vindo cada um de sua parte; o marido tem uma doença do coração”.

Depois, nos certificamos da exatidão de tudo isso.

Com um grampo de cabelo, que pertencia a uma empregada que trabalhava comigo e da qual eu conhecia assim a vida:

“A senhora teve uma vida infeliz; uma decepção amorosa: a senhora tem um filho que tem 12 anos. A senhora vai para o exterior, empreenderá um comércio na Inglaterra; será bem sucedida. A senhora sofre do estômago e das pernas”.

Tudo está exato.

Com uma carta endereçada a um de meus pais, ela deu a descrição exata do remetente:

“Vejo círculos metálicos, em espiral sobre os quais haveria como que imagens de Épinal; creio que sejam filmes. Vejo um café onde se conversou sobre negócios com esse senhor; ele tomou um aperitivo; vejo sobre o pires: 2 francos e 75. Sinto um cheiro de absinto”.

Exato, tudo.

Com um inalador ela descreveu exatamente a pessoa que a ofereceu, dá a inicial de seu nome, L, acrescenta que o perfume foi enviado do sul a ela e a outras pessoas.

Com uma moeda Luís:

“Vejo um senhor com um colarinho de recorte nas pontas; ele jamais quis vestir outro tipo; casado; uma filhinha muito inteligente; ele era muito instruído, fazia matemática; engenheiro; devia dirigir uma usina; foi morto no início da guerra; foi uma alma muito direita, pouco expansivo; amava apenas sua mulher e sua filha”.

Escrupulosamente exato, em todos os detalhes. Enfim, última prova: Eu fui convocada à prefeitura onde friamente me deram nota da morte de meu filho, morto havia 3 meses, no Marrocos; ao mesmo tempo me avisavam que ele me deixou uma carta e uma herança de 25 francos. Minhas pernas falharam e eu caí em uma cadeira. A srta. Laplace, a quem dei a carta com um ar indiferente, me disse:

“São notícias que vêm de longe; vejo areia, é um deserto; palmeiras, um uniforme cáqui, não é graduado, não é seu filho mais velho, Robert, não tem sua bela alma. A senhora teve grande agonia ao receber essa carta; depois a senhora fez um movimento; deve ter sido um aviso de falecimento. Oh! Mas a senhora me esconde uma grande dor, suas pernas fraquejaram. Ele morreu de doença; vejo uma ambulância; ele teve um delírio, ele sofria da cabeça e do intestino; o fígado foi atingido; ele morreu em coma, não se deu conta”.

Tudo estava exato: a srta. Jeanne me apresentou suas visões absolutamente como num filme que se passa. Eu recebi mais tarde uma carta do major da ambulância de M... no Marrocos; ela me advertia que meu filho tinha morrido de tifo (doença localizada no cérebro e intestinos). Todas as visões são impressionantes.

Aimée Roy.

43, rua Saint Georges”.

Sr. e Sra. Dérosier, 7, praça Gambetta, igualmente passaram por experiências com a Srta Laplace; eis aqui o resumo de suas observações, o sujeito indicando suas visões:

O espírito (Temos de enfatizar que as experiências desse gênero não permitem que se conclua pela intervenção dos espíritos.) do Sr Deh... disse que foi morto por uma bomba de avião e descreveu claramente o lugar do atentado, praça de Bitche; todas as particularidades dessa praça são dadas: velha igreja, mercado, escola, próximo a um canal, rua populosa, muitas crianças etc...

O espírito do Sr. I.S indica que ele deixou uma obra inacabada, invenção à qual ele consagrou seus dias e suas madrugadas; ele mostra o desenho da invenção: uma grande roda com raios vazados. Meu pai foi quem pesquisou o movimento perpétuo: a roda foi a primeira forma de suas pesquisas. Ele diz, ao falar sobre isso: Quimeras! E, entretanto, eu espero que outros se aproximem ainda mais de meu sonho.

O espírito de Dér... se fez ver em sua fazenda; ele mostra seu caixão com duas garrafas que foram colocadas a seu pedido. Ele mostra seu filho lhe dando de beber em seu leito de morte; o menino o serve rapidamente, durante a ausência da mãe. Perfeitamente verdadeiro, como todas as outras visões.

O espírito de Valentine S. apresenta, para ser reconhecido, brincos formados por um azul turquesa torneado de rosas.

O espírito de sua mãe lembra a M. E. G. os girassóis que ele plantou próximo à casa, quando criança.

O espírito de M. W. M. se apresenta no mar, em suas ocupações habituais; ele disse que trabalhava com o resgate de navios naufragados; ele mostra que usava escafandros.

Eu quis lembrar, aqui, apenas alguns fatos dos quais não se pode dizer que sejam comuns a todos os espíritos que se apresentam nas sessões; parece-me que cada um deles tem sua originalidade.

Marcelle Dérosier”

Srta. Jeanne Laplace teve experiências interessantes com o capitão B., escritas num relatório que resumimos assim:

“1º Ela descreveu física e moralmente o falecido Sr. Michaudon, meu sogro, morto em 1894, e disse que lhe é mostrada uma fotografia de uma explosão que ela não pode definir claramente (explodiu um curtume). ‘Vejo água clara, diz ela; mas o que se retira dessa água?’ Nós pensamos que se retiram dela peles e que a água não é muito límpida; mas ela acrescenta: ‘Eu gostaria de saber o que é isso: diamante ou oro’. Nós a teríamos retirado, pelo pensamento, de seu erro, mas ela continua: ‘Eu vejo também um monte de animais com chifres, bois, o país é árido, selvagem, muito selvagem, o terreno é seco, avermelhado’. O capitão B então teve o pensamento de que tudo isso se reportava não a seu sogro, mas ao irmão deste, que partiu para a América e do qual não se teve mais notícias desde 1886; ele fez a observação e a médium confirma, dando o primeiro nome desse parente: Claude; depois, a descrição precisa de seu físico e de seu caráter. Ela acrescenta que ele morreu acidentalmente numa queda de cavalo”.

“2º Em julho de 1922, o capitão B... se encontrava de viagem com sua família, para Ploumanack. Durante 3 dias, ele teve como vizinho de mesa, no Hotel onde se hospedou, um inglês que, ainda que falando o francês com dificuldade, disse-lhe entre outras coisas: ‘Eu venho aqui fazer uma estadia de repouso. – Minha mulher veio a França no último mês com um amigo; eu parti no momento de seu retorno. – Eu tomo meus banhos no pé do penhasco chamado Castelo do Diabo.’

A terceira frase me fez lhe advertir que o lugar era perigoso, que era imprudente se banhar ali: ‘Lugar bom para mergulhar’, ele me respondeu.

Ora, aconteceu que, no terceiro dia de sua chegada, esse inglês não apareceu na hora do almoço. As pessoas se inquietam por sua ausência e constatam que ele tinha levado sua roupa de banho e um roupão. Ele deixou uma carta inacabada, endereçada a sua mulher, na qual ele dizia ‘que ele adorava se banhar à beira dos grandes rochedos; que as praias eram boas para os franceses’.

Caiu a noite, notificou-se a guarda de Perros Guirec. A investigação descobriu suas roupas sobre as rochas do Castelo do Diabo.

O exame de seus documentos definiu que ele era Coronel no exército inglês; uma foto mostrava sua mulher e seus cinco filhos: 3 meninos e 2 meninas.

Eu observei, na foto, que sua mulher era ainda jovem e muito bonita (ao contrário de minha suposição).

A investigação concluiu pelo desaparecimento, muito provavelmente causado por um afogamento, e esperava-se que, em 9 dias, o mar retornasse com seu cadáver, o que não aconteceu.

O capitão B... teve a impressão de que esse desaparecimento, creditado a um acidente, poderia ser um suicídio.

Ao cabo de 3 semanas, o irmão do desaparecido veio para a liberação das roupas e objetos que lhe pertenciam.

Um cartão sem valor, destacado do álbum do coronel inglês, foi deixado, seja por esquecimento ou como objeto sem interesse. O cartão foi dado ao capitão B..., que fazia pintura; ele o envolveu cuidadosamente, pensando em fazer psicometria junto a Srta. Laplace.

Foi isso que aconteceu desde seu retorno a Paris, em agosto de 1922.

Nenhuma indicação foi dada a médium; ela descreveu o inglês com exatidão, o que se estendeu a suas roupas. Ela continua:

“Ele tem por volta de 50 anos; se casou por amor, mas não durou e ele teve graves desentendimentos em seu lar. Ele tem 3 filhos” – (Eu fiz a observação de que isso não estava muito exato).

“Sim, ele tem 3 meninos, depois duas filhas, mas apenas os meninos contam para ele; ele os ama e os deixou com pesar.

“Esse homem partiu com a ideia de não mais voltar. Eu vejo ideias de suicídio, de afogamento, mas elas não se realizam. – Esse homem ainda vive. Eu vejo agora uma outra mulher, mais velha que a sua, à qual ele está muito ligado; ela estava com ele nesses últimos dias. Eles falam com alguém do país. Eu vejo que alguém leva roupas em um barco, perto dos rochedos; a mulher não está no barco, mas não está longe.

“Eles querem fazer com que pareça suicídio, o que arranjaria muitas coisas, notadamente uma situação de dinheiro.

“Eu afirmo, ainda, que esse homem não está morto, mas moralmente não está nada bem. Ele era oficial. Ele não retornará a seu país”.

O capitão B... estima que há interesse em se estabelecer um relatório sobre essa curiosa experiência, pois o amanhã, tão fértil e imprevisível, pode trazer esclarecimentos e, talvez, a prova da exatidão da visão da Srta. Laplace.

A enfatizar, igualmente, que a médium não absorveu do pensamento dos signatários os elementos de sua vidência, pois nesse caso ela teria visto uma morte por “afogamento acidental” ou por “suicídio”, e não uma simulação de acidente.

Paris, 18 de setembro de 1922

Capitão B.”

As visões da Srta. Laplace são extremamente vívidas e rápidas; nós tivemos a prova em julho de 1922, quando uma delegação de espíritas espanhóis, de passagem por Paris, a encontraram na casa do Sr. Bourniquel. Ela teve, para cada delegado, visualizações psicométricas de uma precisão tal que, de seu retorno à Espanha, o chefe dessa delegação, Sr. Quintin Lopez, diretor da Revista “Lumen”, quis submetê-la a uma experiência mais convincente; ele enviou, uma primeira vez, uma mecha de cabelos de uma pessoa que ela não conhecia; alguns dias depois, foi uma carta escrita em idioma catalão, indecifrável. Srta. Jeanne Laplace psicometrizou os

dois objetos e o resultado das duas provas foi enviado ao Sr Lopez que respondeu, em 11 de novembro de 1922:

“Srta. Laplace triunfou em cada linha. Tenho a intenção de publicar as duas experiências e gostaria de juntar seu retrato. Seria possível obtê-lo? Reservo a publicação para o nº de janeiro. As pessoas interessadas na experiência me encarregam de transmitir sua inteira gratidão. Acrescento meus agradecimentos pessoais”.

No número de janeiro de 1924, a Revista científica e moral do espiritismo, página 11, nos revelou o seguinte artigo:

Uma experiência de psicometria

Nós temos o prazer de contar dentre nossos amigos a Srta Jeanne Laplace, com a qual pudemos fazer algumas experiências de psicometria, notadamente a seguinte:

Uma vez se encontrando entre nós a Srta Laplace, minha mulher coloca entre as mãos dela uma pequena caixa de marfim, que lhe foi dada recentemente, e pergunta a médium o que ela pensa desse objeto. Colocando a caixa sobre sua frente durante alguns minutos, a srta Laplace, que estava perfeitamente desperta, pronuncia as seguintes palavras:

“Essa caixa lhe foi dada recentemente, por uma dama, mas não está impregnada de fluidos porque foi embrulhada em papel de seda. Ela foi comprada muito longe daqui e viajou por muito tempo em uma mala, entre roupas. No mais, ela não foi comprada para a senhora”.

A partir dessa experiência, minha mulher e eu fomos informados sobre os pontos seguintes, desconhecidos da vidente: A caixa foi dada a minha mulher por sua cunhada, recentemente vinda da República Argentina: ela tinha comprado essa caixa ao passar por Las Palmas e nela trouxe embrulhada em papel de seda.

Tendo reencontrado nossa cunhada após alguns dias, perguntamos a ela a história da caixa. Ela não nos esconde que ela tinha sido comprada sem nenhuma intenção determinada ao passar por Las Palmas: ela pensou em presentear alguém, mas sem saber quem. Apenas em Paris ela teve a ideia de nos presentear. Para levar a caixa para a França, ela a colocou em uma mala, entre suas roupas, por razões... aduaneiras; a caixa ficou nesse estado até o dia em que nos foi dada.

Esses últimos detalhes nos eram completamente desconhecidos no momento da experiência, o que exclui toda ideia de leitura de pensamento da parte da vidente.

Pierre Maillard. Engenheiro E. C. P.

46, avenida de Suffren

Último atestado.

“Há alguns anos, meu filho tendo ido a uma excursão para Cherchell, houve a oportunidade de abrir uma tumba romana inviolada por séculos. Ele me traz como lembrança desse passeio algumas ossadas encontradas nessa tumba. Eu morava em Argel, nessa época, e conservei com muito zelo essas ossadas. De volta à França, trouxe-as junto a bibelôs e os coloquei em uma vitrine de minha sala.

Encontrando-me um dia com a srta Laplace, dou a ela um desses ossos, embrulhado de tal modo que lhe seria impossível adivinhar a natureza do embrulho.

Ela o coloca sobre a frente e diz rapidamente:

“Esse objeto é muito antigo; ele acaba de fazer uma longa viagem, muito fechado, imprensado contra outros objetos; ele passou pelo mar, depois foi colocado em uma vitrine.

- Bem; agora, remonte-se ao passado.

- Esse objeto é de alta antiguidade; não é uma joia, é um tipo de relíquia. Foi encontrado durante uma excursão ou um passeio por um homem jovem, moreno, alto, de olhos azuis, cujas iniciais são C. O., pessoa que lhe é muito próxima. O senhora conservou esse objeto com certo respeito; sua antiguidade é autêntica; ele viu muitas lágrimas, muitos choros, o próprio terror. Sofreu muitos cataclismos, muitos tremores de terra; foi encontrado em uma cidade cujo nome começa com C. O mar é próximo; uma alta montanha está acima, um antigo vulcão, sem dúvida, que não está alheio às mudanças e ao terror dos quais esse objeto foi testemunha. Eu vejo pessoas vestidas com todos os tipos de túnicas. Eu não sei onde isso pode ser, uma colônia francesa no Egito, alguma parte por ali. Esse objeto pertenceu a uma mulher, era-lhe muito próximo... Oh! Mais próximo ainda... um pedaço dela mesma, dessecado: uma parte de múmia!”

Então, eu abri o pacote e mostrei o osso encontrado em uma tumba romana em Cherchell, cidade que foi destruída muitas vezes pelos tremores de terra, ao pé de uma montanha alta, o Chenoua. A descrição física de meu filho está exata, assim como as primeiras letras de seu nome. O osso tinha tudo registrado e a médium pôde lê-lo.

Uma outra experiência foi feita alguns dias depois:

Uma senhora tinha dado a minha irmã um pequeno embrulho contendo um par de brincos formados por dois dentes de criança fixados sobre prata.

“Esses objetos, diz a psicometrista, viram muitas lágrimas; pertenceram a uma jovem boa musicista, morta ainda jovem. Eu vejo um túmulo, uma exumação. Esses objetos foram enterrados com essa jovem, ficaram muitos anos em seu caixão e retirados no momento da exumação. Talvez sejam joias; entretanto, eu tenho mais a sensação de que sejam dentes”.

Paris, 7 de janeiro de 1923

Sr. Chevalier.

5, subúrbio Saint-Jacques.

As condições do experimento

Nós temos que alertar quanto a alguns experimentos que, para evitar informar os médiuns por uma palavra imprudente ou pelo menor gesto, se acreditam obrigados a lhes observar face-a-face numa atitude fechada, glacial, arriscando parecer hostis. Não é preciso mais para que se prejudique toda a tentativa experimental, sobretudo quando o sujeito é de natureza tímida, receosa ou impressionável, o que é o caso da maioria deles.

Se se quer ser bem sucedido, é preciso colocar os médiuns nas condições que lhes são habituais.

Longe de diminuir sua faculdade de percepção por um silêncio ácido, é preciso tratar de exaltá-los pelas marcas exteriores e uma confiança absoluta, mesmo quando não a tem. Isso não impede os assistentes de exercer seus meios de observação, de sagacidade, de dedução, e isso ajuda fortemente os fenômenos.

Esse silêncio distante, que alguns psiquistas creem indispensável para evitar dar uma orientação às pesquisas do vidente, esse silêncio é nocivo, pois, se um médium lhe diz, por

exemplo: “Seu filho foi morto pela explosão de uma bomba”, você não fará muito ao responder, segundo o caso, sim ou não, e isso não será uma indicação que permitirá a ele lhe dizer, num momento posterior: “Sua tia é aleijada e mora em Perpignan”.

Então, regra geral, deixem os sujeitos à vontade.

É por ter mal compreendida a necessidade do sorriso e por vezes da boa conduta, que alguns experimentadores inconscientemente fizeram falhar inúmeras experiências; nós não somos os primeiros a fazer esta constatação.

O Sr. Ossowiecki, o extraordinário vidente polonês que participou em Varsóvia, na presença dos doutores Richet e Geley, de sessões psicométricas nas quais sua lucidez se manifestou de maneira totalmente espantosa, descreveu assim suas impressões de vidente (Revista Metapsíquica: julho-agosto 1922, páginas 254 e 255):

“Aparentemente, eu perco uma certa energia; a temperatura se torna febril e os batimentos cardíacos irregulares. O que confirma essa suposição é que quando eu paro de pensar, há como que fluidos elétricos que atravessam durante alguns instantes minhas extremidades.

“Isso dura um momento, depois uma verdadeira lucidez se apossa de mim; surgem quadros, mais frequentemente do passado. Vejo o homem que escreveu a carta e sei o que ele escreveu. Vejo o objeto no momento em que ele se perde, com os detalhes do acontecimento; ou percebo, sinto a história de um objeto qualquer que tenho em mãos. A visão é nebulosa e exige grande tensão. É preciso bastante esforço para perceber algumas condições e detalhes das cenas.

“O estado de lucidez é evocado por vezes em poucos instantes e, outras vezes, ele pode se fazer esperar por horas. Isso depende em grande parte do ambiente: a incredulidade, o ceticismo ou mesmo uma atenção mais concentrada sobre minha pessoa paralisa o sucesso rápido da leitura ou da sensação... Na minha sessão ocorrida no Instituto Metapsíquico de Varsóvia, estou certo que a facilidade e a rapidez com a qual eu li duas cartas se deveu a harmonia geral e a disposição do espírito de simpatia das pessoas presentes, que me favoreciam”.

VII

Estudo sobre a memória subconsciente

Periculosum est credere et non credere.
(É igualmente perigoso crer e não crer)

Fedro

Tem-se acusado frequentemente os espíritas de uma falta de discernimento na interpretação dos fenômenos que eles observam. Como aqui iremos precisamente nos encontrar na presença de identificações obtidas durante o transe, cremos ser útil, antes de seguir mais adiante, descrever os trabalhos dos intelectuais que se ocupam dessa questão e mostrar em quê suas explicações diferem das nossas.

Está perfeitamente definido pelas pesquisas de psicólogos contemporâneos que existe em nós uma memória profunda que é batizada de subconsciência: é nela que vêm se registrar não apenas todas as sensações visuais, auditivas, táteis etc... que percebemos normalmente, mas também aquelas que agem sobre nós durante o estado de distração.

Despertar da memória subconsciente no sonho

O sonho tem por propriedade fazer renascer essas imagens, mesmo que elas saiam da consciência ordinária. Em seu livro “O Sono e os sonhos”, páginas 123 e 124, Maury cita o seguinte caso:

Um tintureiro que ficou cego descreveu com bastante precisão os traços de um de seus primos que lhe apareceu em sonho e que ele jamais havia encontrado, apesar de o primo não ter nenhuma privação na visão. Essa aparente intuição era devida, como ele acaba por se lembrar, a ele já ter observado em outro tempo o retrato de seu primo em um outro de seus pais.

É, evidentemente, uma lembrança esquecida que renasce durante o sonho normal; se esse fato se produziu em um sono magnético ou em transe, ele teria totalmente a aparência de uma revelação exterior.

No exemplo seguinte, há mais que uma simples lembrança da memória. Parece que um certo número de impressões visuais foram registrados inconscientemente, como veremos adiante que isso é possível; depois, sob a influência da atenção, elas foram reencontradas durante o sono. Eis o caso:

“Chegando ao hotel Morley às 5 horas, diz a sra. Bickfort Smith, terça-feira, 20 de janeiro de 1889, eu percebi que eu tinha perdido meu broche de ouro e supus que eu o tivesse deixado em um provador na Swan e Edgar. Mandei ver e fiquei muito desapontada por ter que todas as buscas tinham sido inúteis. Eu estava muito contrariada e à noite sonhei que eu o encontrava em um número da Queen, que tinha estado sobre minha mesa; no meu sonho, eu via até a página onde ele estava. Fixei uma das gravuras dessa página. Logo depois do almoço, fui a Swan e Edgar e pedi os jornais, contando ao mesmo tempo meu sonho às jovens. Os jornais tinham sido levados dali, mas alguém os reencontra e, para grande surpresa de todos, eu digo: eis o que contém meu broche. Ele estava, de fato, na página que eu indiquei”.

Não se poderia colocar esses casos na conta da clarividência, nem na do espiritismo; estes são pura e simplesmente fenômenos de criptomnésia, como, com sua mania de criar neologismos, os psicologismos atuais batizaram.

Despertar da memória subconsciente na hipnose

Não podendo nos estender mais longamente sobre esse tipo de exemplos, passemos a um segundo revelador dessa memória latente, que é a hipnose.

É uma linha muito geral a de que o sono sonambúlico aviva as lembranças mais fugidias da vida normal.

“Os sonâmbulos, diz Richet (Ch. Richet. – “O homem e a inteligência”, p. 194), representam com uma riqueza incrível de detalhes precisos os lugares que eles já viram em outro tempo, os fatos aos quais eles assistiram. Durante o sono, eles descrevem com muita exatidão tal cidade, tal casa que já visitaram ou avistaram; mas quando acordam, é com dificuldade que podem dizer que eles estiveram lá em outro tempo. X..., que cantava o ar da Africana durante o sono, não pôde refazer sequer uma nota quando despertou”.

“Léonie, diz o sr. Janet (P. Janet. – “O automatismo psicológico”, p. 267), é capaz de reler, por alucinação², páginas inteiras de um livro que ela leu há tempos, e distingue a imagem com tamanha nitidez que ela observa ainda sinais particulares, como os números das páginas e os números das folhas na parte inferior de certas páginas”.

Devemos nos convencer de que nada que entra no espírito, conscientemente ou não, pode dele sair. Apesar do esquecimento ser uma condição para uma boa memória (Ribot. – As doenças da memória, p. 15), a palavra esquecer não é sinônimo de desaparecimento da imagem mental. Ao contrário, esta parece inalterável: cada impressão deixa uma marca que dura e que reaparecerá, mesmo que se a tomem por irrecuperável, quando as circunstâncias o permitirem.

Parentesco do sonambulismo natural e do sonambulismo provocado

As lembranças do sonambulismo natural são quase sempre ignoradas ao despertar, elas podem ser retomadas em um sonambulismo artificial, o que estabelece o parentesco desses dois estados. A relação que se vai ler atesta isso (Pitres. – “Lições sobre a histeria e o hipnotismo”, p. 200):

Dr. Dufay, senador do Loir-et-Cher, publicou a observação de uma jovem que, num acesso de sonambulismo, tinha trancado em uma gaveta as joias que pertenciam a sua patroa. Esta acusa sua doméstica de tê-las roubado. A pobre jovem protestava sua inocência, mas não podia dar nenhuma informação sobre as causas do desaparecimento desses objetos. Ela foi colocada na prisão em Blois; o doutor Dufay, que era médico nessa prisão, já havia feito algumas experiências de hipnotismo com essa jovem. Ele a colocou em transe e a interrogou sobre o delito do qual ela foi acusada e compreendeu, assim, que por medida de segurança, a empregada havia trancado as joias em um outro móvel. O juiz, informado dessa revelação, se dirigiu à casa da dama, encontrou as joias e retornou a jovem a liberdade.

Uma das formas mais surpreendentes da renovação da lembrança é a reconstituição completa de toda uma época da vida passada de um sujeito. É a isso que Pitres chama de delírio ecmnésico. Se um sujeito de uma faixa de trinta anos de idade, por exemplo, perde subitamente a lembrança de tudo o que conheceu nos últimos quinze anos de sua vida, ele se colocará a raciocinar, falar, agir como o faria há quinze anos atrás. É o caso de uma paciente,

² Nota da tradução: O termo original empregado é *hallucination*.

A. M., de vinte e oito anos de idade, que se encontra reportada à idade de sete anos, quando se ocupava em vigiar a vaca de sua ama; ela joga as Cinco Marias, não sabe mais se expressar senão em dialeto etc...

Percepções inconscientes

Há ainda melhores. Fatos que não percebemos conscientemente podem deixar seus traços indeléveis e surgir em um momento inesperado, renovados por uma sensação próxima. São imagens que a alma ignora e que estão adormecidas nela.

Tomemos de Ribot (Ribot – “As doenças da memória”, p. 143) dois exemplos desses fenômenos.

Uma dama, em seus últimos dias devido a uma doença crônica, foi levada ao campo. Sua filha, que ainda não falava, foi levada e, depois de uma curta estadia, reconduzida à cidade. A dama morreu alguns dias depois. A filha cresceu sem se lembrar da mãe até a idade adulta. Foi então que ela teve a oportunidade de ver o quarto onde sua mãe morreu. Embora ela o ignorasse, entrando nesse quarto ela estremeceu; como alguém lhe perguntou a causa de sua emoção: Eu tive, disse ela, a distinta impressão de já ter estado nesse quarto. Havia nesse canto uma dama deitada, parecendo muito doente, que se inclinou sobre mim e chorou.

Eis o segundo caso:

Um senhor foi visitar com seus amigos um castelo que ele não se lembrava de já ter visto; ao se aproximar, ele teve a viva impressão de já ter visto e ele revia não somente a porta, mas as pessoas instaladas na parte superior e, na inferior, asnos sob o pórtico. Ele pede alguns esclarecimentos a sua mãe e obtém dela que quando ele tinha dezesseis meses ele foi levado a esse lugar em um cesto, no dorso de um asno e que ele foi deixado embaixo com os asnos e os empregados enquanto os mais velhos do grupo se instalaram acima do portal para comer.

Esse renascimento do passado pode ser provocado também por uma causa mórbida:

Quando tinha quatro anos, diz o doutor Abercombrie, uma criança, devido a uma fratura no crânio, sofreu uma trepanação. Retomando a saúde, ele não tinha guardado nenhuma recordação nem do acidente nem da operação. Mas quando tinha quinze anos, tomado por um delírio febril, ele descreveu para sua mãe a operação, as pessoas que o assistiam, sua *toilette* e outros pequenos detalhes, com a maior exatidão. Até aí, ele jamais tinha falado disso e jamais tinha ouvido ninguém dar todos esses detalhes.

Nós só podemos dar alguns breves exemplos dessas numerosas lembranças, tão completamente saídas da memória que elas parecem desconhecidas: são elas que dão ao autômato a falsa crença de uma intervenção do além, quando ele as encontra relatadas sob a assinatura de um amigo ou de um parente morto. É preciso, então, não ver nelas senão o que elas são: fenômenos de subconsciência, a menos que outras particularidades nos demonstrem a evidência da intervenção de espíritos.

As múltiplas personalidades

A observação permitiu constatar que podem existir, em alguns sujeitos, modificações espontâneas da personalidade, provenientes de perturbações nervosas ou de autossugestão. Desde que o Dr. Azam chamou a atenção dos sábios para o caso de Félida, esses fenômenos interessantes foram estudados por muitos autores: Léontine e Léonore por Janet; Ansel

Bourne por Hodgson e James; Hélène Smith por Flournoy; Smead por Hyslop. Binet os consagrou todos em uma obra (Binet. – “As alterações da personalidade”).

Lembramos desses casos apenas por memória, pois eles, na verdade, não têm mais que um relato bastante distanciado dos fatos que vamos passar em revista; entretanto, é bom assinalar essas possibilidades, a fim de mostrar que temos visto todos os aspectos que podem revestir a personalidade humana em suas diversas modificações durante o estado normal ou após crises nevropáticas.

Um dos casos mais interessantes é o da senhorita Beauchamp, minuciosamente estudado pelo professor Morton Prince, a partir de 1898, durante um período de sete anos (Morton Prince. – “A dissociação de uma personalidade”).

Srta. B. é uma estudante trabalhadora, em quem se desenvolveram muitas personalidades, cada uma guardando seu caráter e lembranças próprias; essas personalidades se sucedem de momento a momento, de hora em hora ou de dia em dia; sua diferença se manifesta por uma maneira de ver, ideias, crenças, gostos, um temperamento, um estado de saúde, hábitos, lembranças distintas. No começo, elas se ignoram mutuamente, de modo que há na memória de cada uma delas vazios que correspondem aos momentos em que as outras estavam incorporadas.

Um estado de coisas tão anormal produz situações extremamente embaraçosas; acontece que a srta. B. faz planos, marca encontros aos quais ela se oporá um momento posterior.

De um caráter reservado, refinado, de boa educação, amante dos livros, apaixonada por literatura, impressionável e nervosa, ela encontrou sua antagonista em uma de suas personalidades segundas, que ela encarna sob o nome de Sally; esta é gaga (nos começos), rebelde, inconstante, robusta; ela ignora a fadiga e a doença.

Primeiro, o professor Morton Prince tem dificuldade em se situar perante essas personalidades que se sucedem tão rapidamente.

“Vocês têm os mesmos braços e as mesmas pernas”, disse ele a uma delas, ao que ela responde muito sabiamente:

“Braços e pernas não faz com que sejamos a mesma pessoa.

- Então, se são pessoas diferentes, como você se chama?”

E essa questão a mergulha em grande embaraço.

Desde que Sally apareceu, constata-se a coexistência de duas consciências separadas e distintas; Sally fuma e a srta. Beauchamp, retomando posse de si mesma, se surpreende por encontrar em sua boca o sabor acre do tabaco; ela se atrapalha, escreve numerosas cartas a si mesma.

Para que duas vontades possam se opor uma a outra, é preciso que elas coexistam; então, Sally, não simplesmente alternando com a srta. B., coexistia com ela; ela a odiava; ela tinha ciúme.

“Por que, dizia ela, eu não posso viver como ela? Eu tenho tantos direitos quanto ela”. É mesmo uma personalidade distinta; ela não tem a cultura da srta. B., ela não conhece o francês como ela. Uma noite, depois de ter fechado as janelas, a srta. B., em um acesso de neurastenia, tinha aberto as válvulas do gás e se colocou na cama; mas Sally, agindo como um anjo da guarda, imediatamente se levanta, fecha as válvulas, abre as janelas e, assim, salva sua vida. (Página 202).

Agindo como um anjo da guarda! A expressão é do próprio Morton Prince. À beira do abismo espírita, ele vai se deixar cair ao fundo do precipício escancarado onde lhe chamam vozes encorajadoras?

Não. O professor Prince pertence a essa classe de intelectuais que não recebem uma palavra de ordem senão da Matéria; nem um só momento ele suspeita que essa personalidade de Sally poderia ser, simplesmente, a incorporação de um espírito independente, como há tantos na fenomenologia espírita. Essa hipótese teria, pois, mérito para ser examinada de perto; mas o sábio americano, como muito de seus pares, não se digna a observá-la.

No final dessa obra, encontramos um exemplo chocante do que é a probidade científica, vista por alguns lados.

No último apêndice (Apendice R, página 521), ele cita um caso de visão nitidamente espírita, complicado pela audição.

Um desencarnado aparece a sua mulher e conversa com ela. As condições nas quais se produziu essa manifestação foram perfeitamente precisas; elas não dão margem à menor dúvida. Com uma serenidade parcial, Morton Prince atribui esse caso à alucinação. Segundo ele, a visão não passou da percepção consciente de uma fotografia do marido, e, quanto as palavras ouvidas, elas eram apenas, disse ele, a repetição de palavras que uma amiga tinha dito à viúva dois meses antes para consolá-la. Ora:

1º A viúva disse a ele que ela não tinha ninguém com quem desabafar;

2º As palavras que ela tinha escutado eram as seguintes: “Se eu ainda pudesse sentir as emoções terrestres, nada poderia me deixar mais infeliz do que ver como você está agora. Quando eu estava perto de você, meu desejo era de lhe ver feliz. Lembre-se de mim ou esqueça de mim, isso não tem importância, o amor não morre jamais. Não tenha mais pensamento sombrios de desespero, goze todos os prazeres da vida, e você me permitirá uma vida mais plena e mais elevada.”

Sobre essas palavras, que na boca da amiga ou de qualquer outra pessoa viva não teriam nenhum sentido, Morton Prince afirma friamente que foram pronunciadas anteriormente pela amiga da viúva, as quais ela teria escutado de novo dois meses mais tarde por autossugestão.

É verdadeiramente fazer troça do mundo.

Senhores, os super-doutores que exigem de nós tantas provas, testemunhos e atestados, não verão com maus olhos que, a nosso turno, nós não nos contentemos com suas simples afirmações e que lhes peçamos um pouco dessa probidade que muitas vezes falta à exposição de suas teses. Recusamo-nos a nos inclinar diante de sua autoridade, por mais alta que seja, quando ela não estiver acompanhada das mesmas garantias que nós mesmos trazemos.

Um outro caso muito interessante de dupla personalidade foi estudado sucessivamente pelo doutor Stevens, por Hodgson e por Frédéric Myers; Sr. Chevreuil o tornou, em 23 de dezembro de 1917, o tema de uma conferência que foi publicada na Revista Científica e Moral do Espiritismo (janeiro e fevereiro de 1918) sob o título: “A Maravilha de Watseka”.

Trata-se de uma criança de treze anos, Lurancy Vennum, moradora de Watseka (Illinois) que, após uma crise, perdeu bruscamente sua própria personalidade, a qual deu lugar a de uma outra criança, Mary Roff, morta há doze anos. As duas crianças nem seus familiares jamais haviam se conhecido.

Daí, durante quase quatro meses Mary Roff fala e age com os órgãos de Lurancy Vennum, reconhece as pessoas e os objetos que ela conheceu quando viva, se identificando de uma maneira rigorosa com a consciência da falecida. Ela esqueceu completamente tudo que a médium conhecia, não reconheceu ninguém da família dela, mas reconheceu uma boina

outrora usada por Mary, se lembrou de uma viagem dela ao Texas, de um golpe de faca em que ela machucou o braço, recorda que seu irmão foi queimado por um aquecedor.

Ao final de quatro meses, nos quais ela deu provas cotidianas de sua lembrança do passado, ela retomou consciência e tornou-se novamente Lurancy Vennum.

Tentou-se associar esse caso às dissociações da personalidade; mas, como observa justamente o sr. Chevreuil, o que nunca se viu é uma dissociação capaz de criar uma personagem que não seria saída da própria personalidade, capaz de fornecer um registro civil, de provar sua identidade, uma pessoa que tinha uma família, amigos e domicílio. Um caso tal não pode advir de uma dissociação e é também a opinião do Dr. Hodgson, que concluiu que esse fato, na sua forma culminante, pertence à categoria espírita.

O misticismo e a autossugestão

Sabemos o quanto o estado de credulidade é fácil de se produzir em pessoas facilmente excitáveis e o quanto a autossugestão tem poder sobre elas. Podemos reconstituir o estado d'alma desses místicos que, em todas as épocas, acreditaram estar em relação com a divindade, com os anjos ou com os santos.

A sra. Guyon, amiga de Fénelon, compunha livros que ela supunha ditados pelo próprio Deus ou por Jesus Cristo; ela publicou o “Tratado Completo da Vida Interior”, depois o “Comentário sobre a Santa Escritura”, o “Comentário sobre o Cântico dos Cânticos”; tendo perdido seu Comentário sobre os juizes, este lhe foi ditado uma segunda vez. Encontrando, posteriormente, seu primeiro manuscrito, observa-se que as duas versões estavam em conformidade em todos os pontos (Matter. – “O magnetismo nos tempos de Fénelon”).

Em 1885, apareceu uma Vida de Jesus editada por ele mesmo, que nos parece puro produto da imaginação do pseudo-médium; nada nesse trabalho leva a nenhum traço do grande espírito do qual ele traz o nome. A passagem seguinte revela o estado de excitação do sujeito e as fontes de onde ele tirou os materiais que lhe serviram para compor subconscientemente sua elucubração:

“Eis aqui como me foi ditada essa obra: eu percorri muitos autores da Vida de Jesus; feitas essas leituras, tive a convicção de que o melhor desses ensaios representava um romance mais frutuoso materialmente para seu inventor que para a inteligência e a instrução dos leitores. O desejo de saber mais me atormentava incessantemente, de modo que arrisquei uma questão a meu guia sempre tão fiel de tão devotado. Thiphis me respondeu: Se queres conhecer a verdade, pergunte-a ao próprio Jesus, ele a dirá”.

Não há dúvida de que a exaltação mística leva a uma excitação nervosa, um exagero das faculdades intelectuais que permitem compor obras muitas vezes brilhantes, infelizmente não contendo nenhuma prova de sua origem exterior.

O diabolismo na autossugestão

Para sermos completos, não deixemos de apresentar o caso contrário, muito raro em nossos dias, mas que teve um grande papel na história da Idade Média: o delírio da possessão pelo diabo. Ainda que esse gênero de manifestação não seja reivindicado por nenhuma pessoa sensata como sendo de origem espiritual, a autoridade eclesiástica insiste em ver a intervenção do Maligno e sua incorporação no possuído.

Inúmeros autores têm, há muito, discutido sobre essa forma de delírio, mas um dos casos mais curiosos foi observado pelo professor Janet que fez dele uma comunicação interessante em uma conferência na Universidade de Lion, em 23 de dezembro de 1894.

Trata-se de um certo Achille, em tratamento na Salpêtrière, que se entendia rodeado de pequenos demônios com chifres e fazendo caretas; no mais, o Diabo estava nele e o forçava a pronunciar horríveis blasfêmias: “Eu não acreditei bastante na nossa santa religião, nem no Diabo, dizia ele; ele se vingou”. Ele tentou suicídio jogando-se em um lago após ter atados os pés, mas conseguiu sair: “Os senhores veem que estou possuído pelo Demônio, diz ele, porque não pude morrer. Eu dei a prova que pede a religião e eu sobrevivi. Ah! o diabo está em mim!”. Ele murmurava blasfêmias: “Maldito seja Deus! Maldita a Trindade! Maldita a Virgem!”, afirmando que era o Demônio que assim falava através de sua boca. Ele discutia com o Diabo: “Os padres são uns miseráveis! – Tu mentes. - Não, eu não minto”. Ele se batia, se mutilava com suas unhas, sem sentir dor.

Janet relata longamente como ele conseguiu, por autossugestão, curar esse pobre homem que se tornou louco após um ato de infidelidade feito a sua mulher. Quantos homens, hoje, seriam capazes de tamanho remorso?

Os exemplos que precedem levam aos espíritas uma imperiosa obrigação de distinguir nas manifestações mediúnicas as que emanam do além e as que provêm do animismo; é preciso repudiar toda comunicação que não traga a demonstração de sua origem supra-terrestre; é preciso exigir provas.

Quanto a nós, não cessaremos de expor ao público que o espiritismo não é responsável por todas as fantasias de que é acusado e que ele não toma nada a seu encargo enquanto a autenticidade e a identidade do comunicador não estiverem estabelecidas com uma riqueza de provas que possa desafiar toda contradição.

Não estando amarrados a nenhuma escola, temos realizado nossa tarefa com a maior imparcialidade e uma inteira independência, sob o risco de termos lançado sobre nós a ira da Igreja e as críticas de alguns pedantes que não podem tolerar que se ultrapassem os limites designados por eles como sendo os do saber humano.

O ponto de vista psicológico clássico e o ponto de vista espírita

Em seu capítulo tão interessante sobre a objetivação de tipos (Ch. Richet. – “O homem e a inteligência”, página 234), o prof. Richet expõe o tipo de fenômenos sobre o qual ele baseia sua demonstração:

Ele primeiro lembra que “é a memória que constitui o sentimento de nossa identidade: é pela lembrança do que fiz ontem, há oito dias, há seis meses, que tenho consciência de ser a mesma pessoa”. Mas se, de repente, eu perdesse essa memória e alguém me sugerisse que sou um outro indivíduo (uma criança, uma mulher idosa)... produzir-se-ia em mim alguma coisa parecida com o que acontece com o romancista quando ele cria os diversos tipos de seu romance: ele imagina sentimentos, gestos, eventos em relação a seu personagem ideal; porém por mais fielmente que ele arrume seu personagem, mais profundamente que ele entre na ficção que ele desenvolve, ele não perde jamais o sentimento de sua personalidade. Ele sabe que é ele que imagina todos os episódios do romance, enquanto no sonâmbulo a quem se sugere ser uma mulher idosa, produz-se imediatamente uma amnésia total para tudo aquilo que concerne a sua personalidade normal e apenas subsistem em sua consciência lembranças relativas ao tipo a que a ele é sugerido.

Essas recordações se associam entre si com tal força que o sujeito se imagina realmente ser o indivíduo provocado pela sugestão e, então, seguindo seus conhecimentos pessoais, ele toma a personagem com uma fidelidade muitas vezes notável. Nesse momento, sua personalidade normal desapareceu para dar lugar a uma personalidade fictícia.

Eis aqui dois casos, citados por Richet, que nos farão compreender esse fenômeno mental, obtido por sugestão durante o sono do sujeito.

Objetivação do tipo arcebispo – A figura toma um aspecto muito sério; a voz é de uma doçura fingida e monótona; ela leva as mãos a cabeça e reflete: “É preciso que eu realize minhas tarefas. Ah! É o senhor, grande vigário, o que deseja de mim? Eu não gostaria de ser incomodado. Sim, hoje é dia 1º de janeiro e deve-se ir à catedral. Toda essa massa é bem respeitosa, não é, senhor grande vigário? Há muita religião no povo, não importa o que se faça. Ah! Uma criança; que se aproxime, eu vou abençoá-lo. Bem, minha criança!” Ela lhe dá seu anel imaginário para que o beije e em seguida faz gestos à direita e à esquerda para a bênção. “Agora, tenho uma corvéia: é preciso que eu vá apresentar minhas homenagens ao Presidente da República... Senhor Presidente, velho lhe oferecer meus cumprimentos. A Igreja espera que o senhor viva longos anos; ela sabe que não tem nada a temer, apesar de cruéis ataques, uma vez que à frente do governo da República se encontra um homem perfeitamente honesto”. (Ela se cala e parece escutar com atenção. À parte:) “Sim, conversa fiada. Enfim!... Oremos!...”. Ela se ajoelha.

Objetivação de um tipo militar – Foi dada ao sujeito a sugestão de que ela é um general. Ela faz “Hum! Hum!” várias vezes, toma um ar duro e fala em tom brusco: “Vamos beber; garçom, um absinto. O que é esse galante? Vamos, deixe-me passar. O que quer de mim? (dá-se-lhe um papel que ela indica ler); Quem está aí?” alguém responde: “É um homem da 1ª do 3. – “Ah! Bom, pois!”. Ela rabisca algo ilegível. “Remeta isso ao capitão adjunto. E seja rápido. E, bom, e esse absinto?” Alguém pergunta se ele é condecorado. “É claro! – É que correm histórias a sua conta. – Ah! Que histórias? Ah! mas, minha nossa! Que histórias? Cuidado para não esquentar minhas orelhas. Quem foi que me trouxe um bobão como esse?”. Ela se coloca em violenta cólera que quase se torna uma crise de nervos.

Diferença entre um sujeito hipnotizado e um médium

Nesses dois tipos tão nitidamente diferenciados e dados com uma verdade surpreendente, é o mesmo ator que atua nos dois papéis e os compõe com os materiais que pôde acumular em si, com seus próprios conhecimentos ou com a ideia verdadeira ou falsa de que ele mesmo se faz sobre a personagem figurada.

Em outros momentos, é tirando de suas lembranças de hipnotizado que o sujeito reproduz uma personificação fiel, que se grava nele de maneira indelével. Em 1880, no hospital da Caridade, o doutor Luys levou a transe uma operária, a fez subir em um estrado e ao profundo estardalhado do auditório, a fez repetir palavra por palavra, com suas próprias entonações e seus próprios gestos, em uma linguagem científica impecável, uma conferência muito erudita que ele havia feito há algum tempo e que ela tinha registrado inconscientemente, uma vez que ela se encontrava em estado de hipnose.

Mas em que a objetivação de tipos difere completamente da incorporação espírita: é que se se pedir ao sujeito que representa o arcebispo que recite em latim uma passagem da missa ou do Evangelho, de 100 há 99 de chances de que o pretense prelado não possa articular mais que algumas vagas palavras.

Seria possível colocar-lhe questões teológicas as quais ele seria incapaz de responder; em uma palavra, o general puramente imaginário ou o arcebispo de fantasia foram mimicados pelo sujeito empregando elementos tirados de seus próprios recursos.

A questão é diferente nas incorporações espíritas, pois as personalidades que se manifestam dão prova de conhecimentos que o sujeito jamais pôde adquirir: elas citam fatos, nomes e datas que não podem se encontrar nem em sua consciência normal, nem em seu subconsciente; uma pesquisa subsequente demonstra a realidade objetiva desses fatos, desses nomes e dessas datas, como nós veremos mais adiante; e isso destrói igualmente toda suspeita de romance subliminal.

É isso que os observadores não espíritas, mas imparciais, foram obrigados a reconhecer, como o Dr. Maxwell, procurador geral em Bordeaux, que disse, quanto a Sra. Piper: “Esses fatos demonstram que o médium tem conhecimento de fatos que somente o defunto sabia (Doutor Maxwell. – “Os fenômenos psíquicos”, p. 228)”.

Um outro psicólogo, Sr. Flournoy, que não QUER admitir a hipótese espírita, mesmo como hipótese de trabalho, fica, entretanto, perplexo diante de uma questão que não pode ser resolvida senão pela aceitação dessa hipótese (Flournoy. – “Das Índias ao planeta Marte”. p. 275).

VIII

Manifestações errôneas ou duvidosas

Deseja-se medir os homens pela retidão de suas ideias
no físico e pelo conhecimento mais ou menos exato
que eles possuem sobre o verdadeiro sistema do mundo?

Renan

As manifestações que seguem foram quase todas obtidas na cidade de Montmorency, sede da União Espírita Francesa, de dezembro de 1920 a junho de 1922.

O comitê da Sociedade Francesa de Estudos Psíquicos tinha nomeado uma comissão encarregada de estudar especialmente a mediunidade de incorporação. Albertine se colocou a sua disposição e permitiu realizar, durante esse período, pesquisas experimentais do mais alto interesse.

Elas aconteceram sob a presidência do Sr. Gabriel Delanne, cujo estado de saúde não permitia deslocamento. O sr. Boruniquel dirigia as provas; o sr. Paul Bodier cumpriu, por algum tempo, as funções de secretário, mas como não havia tempo livre suficiente, foi substituído pela srta. Jeanne Laplace, que taquígrafava todas as sessões.

Os assistentes, por volta de vinte, eram todos experientes, e nenhum deles jamais considerou essas pesquisas de outra forma que não um estudo dos mais sérios. As condições impostas eram simplesmente: observar e se calar; entretanto, era permitido pedir explicações e ninguém perdia a oportunidade.

Isso à parte, nenhum ritual, nem a menor cerimônia que pudesse sugerir a aparência de um culto. Tudo acontecia à plena luz; quando ia escurecendo o dia, acendia-se o lustre. A obscuridade, a própria luz vermelha teriam causado incômodo para o estudo dos movimentos do médium, seus jogos fisionômicos expressivos, as deformações de seu corpo.

Depois da leitura e adoção do relatório, o Presidente fazia uma breve invocação: “Nós pedimos aos bons espíritos que se juntem a nós e favoreçam as comunicações”; ele dava, quando necessário, esclarecimentos sobre diferentes pontos. Depois, o guia Camillo era chamado: “Pedimos a Camillo que se comunique pelas faculdades de Albertine”. Esta entra em processo de incorporação dentro de um ou dois minutos, sem que se faça necessário ocupar-se dela de nenhum modo e ela respondia às inúmeras e diversas questões que lhe eram submetidas.

Jamais tivemos a impressão de que as respostas dadas por Camillo e pelos outros espíritos fossem marcadas de qualquer transcendência. As informações concernentes a seus estado psíquico, dadas pelas entidades, nós as temos tido como continuando, de algum modo de uma forma inconsciente para a maior parte, sua existência terrestre.

Muitos vivem um tipo de sonho onde as sensações daqui de baixo se mesclam de maneira bizarra a seu novo meio. Em suma, nós temos nos relacionado mais com espíritos pouco evoluídos, e é provavelmente para nos fazer conhecer essa região misteriosa do além que se tem trazido a nós grande número de seres que não se dão conta exatamente de sua verdadeira situação. Entre eles, entretanto, alguns tinham conhecimento de seu falecimento.

De modo geral, é a confirmação de ensinamentos anteriores, que encontramos nas obras espíritas, e essa categoria de desencarnados foi apontada por Allan Kardec em meados do último século.

Está claro, desde então, que não poderíamos ter a esperança de obter desses espíritos explicações transcendentais; eles seriam incapazes de fornecê-las, pois eles mesmos não parecem compreender muita coisa de seu estado, e somos nós que devemos explicar a eles.

Mas o que importa aqui é o controle de sua identidade. Temos adquirido a prova de que a morte não destruiu sua personalidade e isso é o essencial; aí também está dada nossa ambição.

Não se duvida que, em outras sessões, com outros médiuns videntes ou de psicografia, não se possa entrar em relação com seres mais evoluídos que tenham condições de abordar problemas mais complexos; mas será sempre preciso contar com a extrema dificuldade inerente a esses diversos modos de transmissão do pensamento, tornados ainda mais precários pela obrigação dos espíritos de se servirem de um organismo que não é o seu.

Nas sessões da cidade de Montmorency, quando Camillo tinha terminado suas explicações, pedimos a ele que enviasse um espírito desconhecido a todos; deixamos a porta aberta a quem quisesse vir. Camillo deixou a médium e deu lugar a uma entidade que, já o dissemos, reproduzia o princípio de sua agonia, passava em seguida pelo estado tanatóide que descrevemos e, enfim, nos contava sua vida de modo mais ou menos preciso.

Se alguém entre nós ou a própria médium conhecesse esse espírito, tivesse ouvido falar dele, lido seu nome nos jornais, percorrido o país onde ele tinha vivido, a manifestação seria considerada nula; nós não estimamos senão a prova de vida além da morte, a fim de eliminar a famosa explicação pela criptestesia.

Entre essas manifestações, algumas têm uma origem nitidamente duvidosa, outras são inegavelmente errôneas. A médium deu, sob nossos olhos, cenas de um realismo impressionante, mas quando se ia às informações, era impossível encontrar o menor traço dos fatos citados e das pessoas dispostas.

Essas são duas categorias que temos reunido nesse capítulo.

O pedreiro do Panthéon

A primeira sessão data de 19 de dezembro de 1920. Eis aqui o relato, muito resumido, redigido pelo Sr. Bodier.

“A médium incorpora uma entidade dizendo ser um pedreiro vítima de um acidente ao descer de um andaime por uma corda de escalada. Esse pedreiro trabalhava no Panteon, na sublevação de uma parte desse monumento, em 1875 ou 1876, em novembro. Solicitado a dar uma data mais precisa, ele dá o dia 12 de novembro, quinta-feira. Depois de muitas dificuldades, ele diz seu nome: Chevalier (Pierre), morando na rua dos Ingleses (Paris) onde sua mulher tinha um comércio. Ele tinha 39 anos e era de Corrèze. Em seguida, a médium, desembaraçada pelo Sr. Bouniquel, dá indicações, pela vidência, que confirmam em parte as informações precedentes.”

É preciso acrescentar que durante essa incorporação a médium fazia gestos como escalasse uma corda; depois, seu rosto mostrou perfeitamente o horror de alguém que cai no vazio.

Embora algumas pessoas nos tenham afirmado ter lido em outro tempo sobre um acidente ocorrido no Panteon, mas sem poder precisar a época, não pudemos encontrar rastros de um

Pierre Chevalier tendo morado na rua dos Ingleses. Duas pessoas foram sucessivamente encarregadas da pesquisa, mas mesmo as mais pacientes restaram infrutíferas.

Onde, então, a médium tinha ido procurar essa personalidade? Na sua própria imaginação? Em seu subconsciente? Inclino-nos a crer que ela se enganou ao dar seja o nome, seja o nome da rua onde ele morava, seja a data, seja o lugar exato onde aconteceu o acidente.

O Pierre

Eis aqui uma outra comunicação do mesmo tipo, marcada de erros idênticos e de imprecisões; o relatório de 27 de março de 1921 a dispõe assim:

“O espírito pede algo para beber e chama muitas vezes: Louise. Ele diz seu nome: o Pierre; diz que morreu em São Lourenço (Altos Pirineus), que sua mulher se chamava Louise e que ele foi tratado pelo doutor Lautier. Ele reclama do barulho que faz o pêndulo, como do barulho que uma criança faz. Ele afirma que não está morto. Pede-se a Camillo para mostrar a ele seu cadáver, para provar-lhe o contrário. Ele ri, então, faz caretas, se dá conta que o cadáver que lhe é mostrado é o seu, mas crê que está louco. Tenta-se esclarecê-lo. Ele diz que tem um filho de nome Jean. Seu nome, segundo ele, é Bugeaud. Ele diz que morreu em 1886, mas não pode precisar nada além do mês, que é junho. Seu irmão esposou a irmã de sua mulher. Seu filho tinha três anos quando morreu. São Lourenço, onde morreu, está situada entre Bagnères-de-Bigorre e Lourdes; ele morreu de meningite.”

Ao despertar, a médium teve visão correspondente a essa incorporação e acrescenta ainda detalhes complementares.

Os fatos revelados eram objetivos e suficientes como indicação; uma investigação teria sido fácil e nos teria informado sobre seu valor. Entretanto, nós não a julgamos útil por duas razões. Primeiro porque não existe São Lourenço entre Bagnères e Lourdes, mas que essa localidade: Saint-Laurent-de-Neste se encontra entre Tarbes e Montréjeau. Além disso, Albertine conhecia vagamente essa região, que ela tinha atravessado no ano anterior; ela até tinha feito uma curta estadia em Bagnères e não se deixou de objetar de que se tratava de um despertar da memória latente. Então, nós não nos apoiamos nessa comunicação e a mencionamos simplesmente para mostrar nosso cuidado de precisão e nosso escrúpulo excessivo.

O encanador do gás

Outra manifestação duvidosa é a de 8 de maio de 1921. Nesse dia, tivemos a visita de um encanador que morreu asfixiado em um porão ao reparar uma condução de gás.

“Há uma fuga, exclama ele; é preciso ver se tudo está fechado; oh! Chame o homem... Rápido, em nome de Deus!... Oh! Feche a coluna...”

Depois de um tempo buscando fazer com que ele compreendesse que estava morto, ele declara se chamar Georges Barra, de 28 anos de idade, e morar em Lille, com seus pais, na rua Arnaud, nº4. Seu patrão, Sr. Pouré, também ficava nessa rua. O acidente aconteceu em 1882. Ele teve uma irmã, Marguerite, morta 10 anos antes dele. Ele era coxo e não foi soldado.

A visão que segue essa incorporação nos deu uma descrição completa do indivíduo, mas a médium declarou que as imagens que ela via não eram seguras.

As informações estavam certamente errôneas; é raro encontrar instalações de gás em porões, ao menos em residências; não conseguimos encontrar a família desse encanador, as pessoas às quais nos endereçamos não conhecem a rua Arnaud. O tempo do falecimento, que remetia à 39 anos, a ocupação alemã, que pesou tão fortemente sobre Lille e fez tantas vítimas e vazios nessa cidade maravilhosa, tudo isso complicava as dificuldades a ponto de sermos obrigados a renunciar a esclarecer o caso. Se algum leitor encontrar recordações interessantes relacionadas a ele, pedimos que nos comunique.

Outros erros

Tivemos, em diferentes datas, outras comunicações radicalmente falsas, notadamente a seguinte:

“Savard (Emmanuel), alfaiate, morando na rua Courte, em Epinal. Isso me revolve o estômago... limonada... chá... Tenho enfisema... Peguei gripe e ela me dobrou. Foi em 1918, setembro. Levaram-me ao hospital Hôtel-Dieu d’Epinal, onde morri. Tive duas filhas: Thérèse (16 anos) e Marie-Louise (9 anos). Eu era coxo, por isso não fui convocado. Minha mulher tinha 38 anos e se chamava Jeanne Monié”.

O secretário da prefeitura de Epinal nos advertiu da seguinte ficha:

“Tenho a honra de lhes apresentar que depois de muitas pesquisas sobre os Registros Cíveis da cidade de Epinal foi impossível encontrar o falecimento do Sr. Savard (Emmanuel). Funcionários da prefeitura e da polícia ignoram a residência do Sr. Savard e de sua família”.

Aconteceu o mesmo com:

Antoinette Lafforgue, nascida em Doumenc, falecida por volta de 1882, em Villefranche-de-Rouergue (Aveyron).

Jean-Marie Maillard, curtidor, falecido em Maringues (Puy-de-Dôme), que deu abundantes detalhes sobre si mesmo e sobre um de seus empregados – um malandrinho, diz ele –, que assassinou seu pai e sua mãe para lhes roubar o dinheiro; foi à guilhotina”.

A prefeitura de Villefranche-de-Rouergue e a de Maringues fizeram pesquisas que não tiveram sucesso.

Eis, então, mais três casos que demonstram a que ponto nós devemos ser circunspectos quando se trata de comunicações mediúnicas. Certamente, a boa fé da médium é aqui inegável, fora de contestação, mas isso não é suficiente. É preciso se dar conta dos erros que podem se introduzir em suas declarações, erros sobre os nomes, as datas e os eventos.

Há algumas verossimilhanças salpicadas aqui e ali; por exemplo, a localidade de Maringues existe realmente em Puy-de-Dôme e nós temos a absoluta certeza de que ela foi ignorada pela médium; além disso, nenhum de nós a conhecia. Há curtumes nessa região. Quanto ao assassinato cometido pelo malandrinho, se ele realmente aconteceu, teria sido uma razão, devido a sua publicação provável nos jornais da época, para o que não fizemos nenhuma pesquisa.

Passemos, então, todo esse capítulo por perdas e ganhos, nos reservando o aprofundamento sobre os comentários que nos inspiram esses estranhos lapsos memorizados.

IX

Manifestações nitidamente subscientes

Eva, então, quem és?
 Qual é, então, tua natureza?
 Sabes qual é, aqui, teu objetivo e teu dever?
 (A. de Vigny. — La maison du berger.)

Após as comunicações errôneas ou duvidosas, eis aqui as comunicações que certamente constituem manifestações subscientes da memória latente. Nos dois casos que relatamos aqui, será visto que a médium tirou de suas recordações recentes os fatos dos quais falamos; ela os relatou com uma fidelidade notável e se a mediunidade subjetiva não tivesse a seu favor outra coisa senão comunicações dessa ordem, a doutrina espírita teria apoios frágeis. Seríamos os primeiros a ficar ao lado daqueles que a atacam tão duramente e nossa energia, nossos protestos, se juntariam aos deles.

Mas não é assim; encontraremos, ao avançar sobre nosso trajeto, fatos cada vez menos duvidosos e cada vez mais desconcertantes; depois dos fenômenos imputáveis à subsciência, chegaremos a outros que serão verdadeiras revelações. Por menor que seja a boa fé, deve-se admitir, então, que as afirmações dos espíritas têm razão de ser no que concerne à sobrevivência da individualidade. “Isso nos importa tanto, disse Pascal, e nos toca tão profundamente, que é preciso ter perdido todo sentimento para se estar indiferente a saber do que se trata”.

Não receamos expor os fatos tal como se apresentam; em seguida, é sair para separar o joio do trigo. Contrariamente a aqueles que afirmam que os espíritas são crédulos que aceitam de olhos fechados tudo o que lhes chega pelo canal dos médiuns, somos os primeiros a apontar os casos onde a consciência desses últimos evoca cenas ou personagens que não têm nenhum valor probatório, porque eles foram simplesmente despertados em meio a recordações tiradas da memória latente e por vezes dramatizados sob a forma de romance subliminal.

O afogado da Ponte São Miguel

A primeira dessas manifestações ocorreu no final de 1921. Dois dias antes, A, passando de ônibus sobre a ponte São Miguel, percebeu um agrupamento considerável. Em Paris, é preciso pouca coisa para atrair os espectadores: um chapéu levado por um golpe de vento no Sena e eis imediatamente 500 pessoas inclinadas sobre o parapeito.

Mas, dessa vez, o negócio foi mais sério: um jovem homem tinha acabado de se jogar na água e as brigadas fluviais faziam buscas para resgatá-lo. Albertine fica emocionada e narra a aventura dramática.

No domingo seguinte, dia de reunião em Montmorency, Albertine incorpora um jovem homem que, aparentemente, seria o afogado. Ela reproduziu todas as fases do que se pode supor ser uma agonia desse gênero, sufoca, asfixia, mostra uma angústia extrema. Interrogado, o dito espírito não pôde, e por uma boa razão, indicar seu registro civil. Ao despertar, Albertine teve logo a visão da ponte São Miguel, depois a de um jovem homem de pé, perto do parapeito, que tirava rapidamente sua roupa e se precipitava na água.

A ação da subsciência aqui é inegável; e ocorre o mesmo na segunda manifestação que trago abaixo.

A Virgem casada

A srta. Marguerite X tinha se casado com um médico que, por comodidade, chamaremos Robertin, e que morava na região do Norte. O casal poderia ter sido feliz, mas o Destino não quis assim. Um desenvolvimento anormal de alguns órgãos, uma elefantíase de natureza especial, impede o marido de consumar o casamento, ou seja, ele jamais pôde dar testemunhos que não de um amor exclusivamente platônico. Daí, desentendimentos, indiferença, querelas, choros e cólera.

Diante do desapontamento amplamente justificado de sua mulher, diante desse calvário doloroso que poderia ter sido previsto antes, Robertin, desamparado, encontra refúgio no álcool; cotidianamente, ele se acabava na bebida.

Esse interior logo se tornou um inferno para a infeliz Marguerite, que repetidamente teve de sofrer as brutalidades de seu marido. Isso durou doze anos. Depois desse tempo, vendo seu futuro definitivamente perdido, desejando viver sua vida, a Sra. Robertin decidiu ter um amante. Ela escolheu um médico. Qual não foi a surpresa do feliz eleito por constatar, no primeiro encontro, que sua amante, essa mulher casada há 12 anos, era virgem.

Essa história inverossímil é totalmente verdadeira. Uma de nossas amigas, Sra. C., foi confidente de Marguerite, sua amiga de pensão, e, por sua vez, contou a Albertine durante uma visita que esta lhe fez em 2 de março de 1922.

Dado o caráter confidencial desse pequeno drama íntimo, Albertine não conta a ninguém; mas, cinco dias depois, na reunião, ela incorporou um médico morto por volta de 1910 em... (cidade de uma região do norte) com 48 anos e chamando-se Robertin.

Ele conta detalhadamente os episódios que nós mal tocamos aqui; ele dá o nome de um professor da faculdade de Lille, o doutor Debierre, senador; ele crê já ter morado em Lille com seus pais, proprietários, na rua Ney, mas não estava certo disso. Ele declara ter morrido após uma gangrena nas pernas, devido a uma infecção causada por uma picada. Ele não sabia dizer o nome do prefeito da localidade onde ele tinha exercido; é, entretanto, uma personalidade política das mais conhecidas.

Como ninguém dentre os assistentes conhecia essa história, as particularidades inúmeras dessa existência atormentada mereciam ser verificadas, e o comitê designou como investigador o Sr. Le Loup de Sainville, cuja habilidade e descrição eram bastante úteis para a elucidação desse caso especial.

Sr. Le Loup não conseguiu fechar sua missão, pois, na terça-feira seguinte – tendo a Sra. C. vindo para assistir uma sessão na casa do sr. Bourniquel –, Albertine volta a incorporar o dito espírito.

Já nas primeiras palavras a sra. C. o reconheceu:

“Como é o senhor, Robertin? O que vem fazer aqui?”

- Sou eu. Eu venho exprimir meu pesar por todo o mal que fiz. Minha mulher foi infeliz por minha culpa etc...”

Aí, intervimos para perguntar a Sra. C. se ela conhecia esse desencarnado.

“Creio que bem, responde ela; eu mesma contei sua história a Albertine, na última terça”.

É assim que compreendemos como Albertine conhecia a vida de Robertin. Seria o espírito dele que veio, por duas vezes, incorporar nela? Isso não é impossível, mas, em todo caso, decididos partidários da explicação mais simples, admitimos aqui a ação do subconsciente.

Ela é lógica, é plausível, explica todos os fatos: seria, então, impossível não levá-la a primeiro lugar.

Notemos, todavia, que essas duas manifestações se ligam a eventos dos quais a médium teve conhecimento recentemente, a apenas 4 ou 5 dias. É, portanto, muito natural que seu subconsciente tenha registrado, e mesmo que sua consciência normal tenha conservado uma lembrança suficientemente viva e precisa desses eventos para que a médium nos tenha relatado com tamanha fidelidade.

Teria sido igual se esses fatos tivessem vindo a seu conhecimento há bastante tempo, muito tempo antes da sessão de incorporação? Teria ela guardado a lembrança latente durante 15 ou 20 anos, ou mais? Os psicólogos oficiais respondem: sim, e nada nos autoriza a contradizê-los.

Notemos que, em toda a vida psíquica de Albertine, esses são os dois únicos casos autênticos de personalidades subscientes que conhecemos. Eles não nos provaram que a subconsciência conserva indefinidamente a lembrança de eventos antigos, mas nos dão essa certeza absoluta no que concerne aos fatos recentes.

Então, admitimos perfeitamente que é por autossugestão que Albertine, num segundo estado, personificou o afogado e o doutor.

X

Manifestações onde a subconsciência é provável e pode ser validamente argumentada

Os homens, não podendo se curar da morte,
da miséria, da ignorância, são advertidos,
para serem felizes, a não pensarem nela.
Pascal

Chegamos a uma série de manifestações nas quais a hipótese do subconsciente possui ainda um direito de prioridade sobre todas as outras, mas com menor força que nos casos precedentes.

Nessa categoria, classificamos as comunicações feitas por espíritos de família na presença de seus parentes, de seus amigos ou de pessoas que os conheciam. Elas foram obtidas por Albertine, por incorporação, na casa dela ou de amigos íntimos.

Que ninguém se engane. Não pretendemos certificar que em todas essas manifestações o agente principal seja o subconsciente, excluindo qualquer outro. Sabemos, ao contrário, pelas dificuldades experimentadas, mesmo nesses casos particulares, para obter dos espíritos as informações que se lhes perguntam, sabemos a que ponto o funcionamento desse subconsciente se mostra tão frequentemente rebelde. Mas sabemos também o quanto ele se impõe como primeira hipótese, quando a clarividência do médium teve a possibilidade de se alimentar nos cérebros vizinhos.

Alguns sábios atestaram o poder da telepatia, outros o negaram vigorosamente; contra toda lógica, tanto um quanto o outro concordam em colocar a seu favor a maioria das manifestações subjetivas. Não importa. O subconsciente, nos casos que vamos citar, tem um valor de probabilidade, o qual seria desonesto não levar em conta.

Um 1 de maio pacífico

A tarde de 1 de maio de 1920 foi algo agitada, em Paris. As reivindicações dos trabalhadores empregavam, nesse dia, a força para se fazerem entender; houve, como de costume, telhados quebrados, manifestantes conduzidos à delegacia, e isso fez com que se desse um grande passo na questão social.

Pouco preocupados em se misturar à multidão e respirar nas ruas odores de poeira e suor, e também receber balas perdidas, o sr. e a sra. Yvonneau decidiram fazer uma visita amigável a sra. Bourniquel: “Aproveitamos, dizem eles, para pedir uma comunicação com nossos pais; há muito tempo que não os chamamos”. Foi isso que eles fizeram; obtiveram a comunicação solicitada que lhes deu, afirmam eles, a maior satisfação.

Albertine ainda estava em transe quando um senhor desconhecido chega e se apresenta: “Sou o sr. Escudier, empregado no Journal; venho da parte do sr. Delanne, que me recomendou à senhora; ele me disse que a senhora não recusaria o serviço que venho solicitar: eu gostaria de invocar dois membros de minha família, que morreram recentemente.

- Seja bem vindo, senhor; o senhor chegou em boa hora, fazíamos precisamente uma pequena sessão íntima. Albertine terminou com o sr. Y e vai lhe atender. Como se chama o espírito que o senhor deseja?

- Marie.

Sem despertar, Albertine faz, então, a agonia de uma mulher de idade, fulminada por um ataque de paralisia. Todo o lado direito apresenta a rigidez específica da hemiplegia; a face, assimétrica, está contraída de um lado com a boca estirada na direção do queixo e normal do outro lado. Ela diz seu nome, a data de sua morte, que são reconhecidos pelo sr. Escudier como se relacionando a sua mulher; ele declara, também, que ela sucumbiu a um ataque de paralisia. Muito emocionado por se encontrar com sua esposa, ele troca com ela lembranças de outros tempos.

“E Juliette, pergunta ele, você vê Juliette?”

O espírito não responde diretamente, mas balbucia:

“Vovonne... Yvonne... eu a vejo...”

- Yvonne, é Yvonne que você vê? exclama o sr. Escudier, totalmente desconcertado.

- Sim, ela está ali, perto de mim.

- Yvonne? Será possível?”

Ele explica, então, que Yvonne é uma criança que ele perdeu há 28 anos; ele confessa francamente que estava muito distante de pensar nela, e então ela foi vista pela mãe, no lugar de Juliette, outra de suas filhas, morta recentemente, depois de 21 dias de casamento. Ele não sabe muito o que dizer a essa criança que não tinha mais que 4 anos; mas Yvonne lembra a ele fatos antigos que ele mesmo tinha perdido da lembrança, que só ela poderia conhecer e que emocionou o pai ao mais alto grau.

Note-se que a médium ignorava absolutamente a existência dessa família; quando ela desperta, ela fica bastante surpresa por encontrar a seu lado esse senhor desconhecido que havia chegado durante o transe.

O sr. Escudier mora no 170 bis, avenida de Paris, em Vincennes.

O suicídio do mal pagador

A sra e o sr. Yvonneau voltaram em 10 de junho e nos pediram para chamar um espírito chamado Benoît S... Este, assim que nos fizeram saber após a sessão, era um amigo de infância do sr. Y. e algum tempo depois do casamento deste último, Benoît pegou emprestado, várias vezes, importantes somas cujo total representava uma fortuna. Ele jamais foi reembolsado por esse indivíduo, que um belo dia foi encontrado morto na floresta de Sénart. Acreditou-se que ele tinha sido vítima de um acidente. Quanto a médium, ela jamais conheceu Benoît.

Eis o relatório que foi redigido pela sra Yvonneau durante essa sessão.

“Sr. Bourniquel pergunta qual é o nome do espírito que se apresenta.

R. – Benoît S. Eu ainda estou dormindo. Dê-me uma almofada, eu lhe peço. Eu quero fumar.

Seu desejo é realizado; ele faz o gesto de fumar e lança a fumaça com uma satisfação visível.

Ele continua o monólogo:

“Então, minha vida. É meu prazer. Eu não perturbo ninguém, não é? Eu tenho uma maneira de trabalhar sem muito sacrifício. As pessoas me reprovam por não ser honesto, mas encontro nisso grande satisfação.

Sr. B. – O que o senhor faz agora?

- Eu durmo e fumo; deixe os mortos em paz.

- O que o senhor quer?

- Isso que vejo! São homens como eu”. O sr. Y toma a mão de Benoît e diz:

- Há alguém aqui que o senhor deve conhecer.

- Há muito tempo que não tenho essa visita. É você? E. Y. (São as iniciais do consultante: Emmanuel Yvonneau). Eu te reconheço bem. Você me quis mal, dizendo sempre que Benoît era um tipo sujo; é por isso que um se afastou do outro. Mas negócios são negócios; os meus parecem desonestos. Mas, depois de tudo, eu não sou obrigado a me confessar. Por que você me emprestou? Por que colocou sua confiança em mim?

- Sr. Y. – Naquele momento, você implorava minha piedade por sua mulher e seus filhos. – (Silêncio prolongado).

- Oh, esse papel! Eu representava por mim mesmo, à seu detrimento; eu sabia de onde pegar dinheiro; mas os meus não aproveitaram nada.

- Você vê sua mulher?

- Não, não posso ir até ela.

- Então, foi preciso que fosse eu a fazer com que você viesse aqui?

A médium toma um ar constricto, embaraçado; ele parece incomodado.

- Sr. Y. – Você já foi mais eloquente.

- Isso me serviu para explorar uns e outros. Todos esses documentos me serviram para acender cigarros.

- Você poderia nos dizer como morreu?

- Como morrem os covardes. Oh! Esse caminho! Eu estava louco. Essa floresta! Eu tinha bebido para tomar coragem de acabar tudo; eu ainda estaria agarrado à vida se eu não tivesse atordoado pela embriaguez. Essas árvores... essas árvores!... (sua figura exprime o pavor). Eu andei, andei por muito tempo; minha carteira roubada... mas foi simulado para que acreditassem que foi um assassinato, a fim de que os meus não tivessem vergonha de minha morte, como tiveram de minha vida. Enfim, eu cometi suicídio.

- Você viu ao seu redor o doutor Creyx, que foi chamado para reconhecer seu cadáver?

- Minha embriaguez me fez esquecer tudo; eu não me dou conta, mas eu estava em um bosque, como um emaranhado; eu estava num pesadelo; este, quando se tem ao dormir, já parece longo, e o meu durou 18 anos!

- Sr. B. – O senhor pensou no sr. Y. desde sua morte?

- Pensei nele e nas minhas outras vítimas; procurei encontrá-las para ver o que se passava com elas. Fiz muitos esforços para sair desse pesadelo.

- Sr. Y. – Você me vê bem?

- Escuto sua voz e a reconheço bem. Como acontece de eu falar e não te ver? Emmanuel! Tire-me dessa situação. Esses documentos... esse passado... Eu quase te arruinei, eu que não me importava com nada; e você, você teve de trabalhar. Sua mulher não confiava! Mas eu

abusei, eu tinha a arte de envolver a todos os meus amigos, eu aprontei com todos. Eu me reconheço agora como um verdadeiro canalha”.

Em visão, a médium descreve a fisionomia de Benoît, cuja marca característica era a semelhança a um chinês, os olhos puxados e as maçãs do rosto salientes.

Esse espírito se reapresenta, oito meses depois, anunciando que ele vinha pela última vez, pois sua reencarnação estava próxima; ele pede perdão pelo mal que havia feito. Ele confirma que cometeu suicídio depois de ter simulado um roubo. Em visão, ele mostra a médium uma carteira vazia, como se alguém o tivesse roubado; suas roupas estão desabotoadas, como arrancadas. Ele está numa floresta, procura à beira do caminho uma árvore suficientemente grossa e nodosa ao redor da qual ele dá inúmeras voltas; subindo, então, em sua bicicleta, ele se lança à toda velocidade contra essa árvore e fratura seu crânio”.

O sr. Yvonneau completa essas informações dizendo que os trabalhadores, indo pela manhã para o trabalho, descobriram o corpo; foi encontrado em um de seus bolsos um cartão do doutor Creyx, a quem se pede que venha constatar a identidade.

Aqui, a única pessoa que poderia dar uma visão fundamentada seria o sr. Yvonneau; ora, ele conhece apenas uma parte das informações fornecidas pelo desencarnado e até aí a explicação pelo subconsciente do sr. Y. não seria suficiente. Mas nesse ponto, em que a explicação se torna manifestamente insuficiente, é onde se vai aplicar a ela fatos que o sr. Y. ignorava no momento em que essa comunicação lhe foi dada, e que ele teve de verificar depois.

Disponhamos de boa vontade e aceitemos provisoriamente.

Sr. Yvonneau reside na avenida do Parc-Montsouris, 35.

Marie Pichot

É o nome de uma avó idosa que nosso amigo sr. Bondon (Atualmente: em Varzy – Nièvre.) nos pediu para evocar; ela conservou uma lembrança precisa de seus filhos e netos; ela disse o nome de nove deles: Ernest, Jules, Paul, Léon, Etienne, Jean, Louis, Yvonne, Baptiste; ela não se lembra mais o nome de seu caçula Marcel, mas ela soube dizer que ele era confeitiro; ela diz que morreu aos 80 anos de idade, fala de suas pantufas, de seu tricot, de um velho guarda-roupas, de um relógio, de um broche usado por sua filha; ela viu que sua filha Yvonne sofria da garganta e indica um remédio conhecido: a raiz de alteia fervida no vinho. Enfim, ela lembra de um acidente que aconteceu com um de seus netos: Jules, que se afogou em um lago.

Nessa comunicação, todas as informações eram ignoradas pela médium, porém conhecidas pela família que estava presente. Não daremos a ela, então, mais importância do que ela mereça, mas foi preciso relatá-la aqui, tal como a próxima que se dá do mesmo modo.

Géo

“Em 21 de dezembro de 1930, fomos, minha mulher e eu, à casa do sr. Bourniquel que nos havia convidado a uma reunião espírita. Como muitos outros, eu era cético e não acreditava nessas manifestações do além.

“Durante essa reunião, um espírito busca se manifestar; ele consegue, mas com muita dificuldade, pois nesse momento a médium foi tomada de um acesso de tosse que nos surpreendeu. Depois de instantes, ela começa dizendo:

“Bom dia, mamãe; bom dia, papai. Sou eu”.

Perguntamos: “Eu, quem?”

- Sou eu, Géó; sim, sou eu; mas eu não podia vir; e, enfim, estou aqui, mas estou muito contente por poder falar com vocês dois. Você, querida mamãe, chora muito, se afunda na dor; você me faz sofrer; desde que eu deixei vocês, você passa a vida chorando. Sempre lágrimas! Mas se você pudesse saber como estou feliz. É preciso te dizer que eu parti para uma longa viagem e que você voltará a me ver um dia”. Eu pergunto, porque ainda não creio:

“De sua vida, meu Géó, sendo você, como você me chamava, e também à mamãe?”

- Essa bobagem! Paiô, mãeô.

Você vê alguém em casa, no seu lugar?

- Sim, vejo o primo... Au.. Auguste; ele é soldado... aviação; ele dorme na minha cama, sim, eu vejo ele, mas não estou com ciúme, mãeô.

- Você vem bastante à casa! Vê seu quarto?

- Sim, venho com frequência, estou com vocês. Vocês guardaram esse quadro, essa caricatura, por exemplo, eu não pensava em vê-la novamente ali”.

O primo Augusto ao qual ele faz alusão serviu na aviação em Bourget; ele vem nos ver a cada permissão e dorme na cama que ocupava nosso pobre filho, mas meu filho não o conhecia, pois o primo veio a Paris depois de sua morte. É certo que na reunião nem a médium nem ninguém conhecia nenhum desses detalhes. Quanto ao quadro, eu não compreendi absolutamente o que ele queria dizer. Eu estava atordoado, mas não convencido. Perguntei, então:

“Vejam, meu pequeno, nós não compreendemos; que quadro é esse que te faz rir e que nós conservamos?”

- Ah! Ah! Eu quero dizer daquele horror que está na entrada, atrás da porta; ... mas vejamos, você sabe, esse quadro feito à lápis”.

Dessa vez, começo a crer realmente que é nosso querido desaparecido que está ali, pois estávamos bem longe, minha mulher e eu, de pensar na caricatura que colocamos na entrada de nosso apartamento, e nenhuma das pessoas que se encontrava ali jamais colocou os pés em nossa casa.

Nosso filho não somente respondeu coisas que lhe perguntávamos, mas ele lembrava fatos esquecidos há vinte anos. Em seguida, e aqui uma prova última e definitiva:

Tenho um amigo de 40 anos que está hospedado em nossa casa; ele estudou bem e discutia bastante com nosso filho, que o chamava: meu professor; seu nome de família era Marie.

Pergunto a nosso filho:

“Você vê mais alguém em casa?”

- Sim, vejo o senhor... senhor... ah! eu... eu...”.

A médium passa as costas da mão sobre o queixo e, depois, como se tivesse uma barba, a toma em sua mão, mas não consegue dizer o nome. E ao fim de uma meia hora, no meio de outra questão, a médium exclama: “Marie, senhor Marie”.

Eu indiquei acima o gesto da médium alisando sua barba com as costas da mão, tal como o faz constantemente o sr. Marie.

Nessa comunicação, nós reconhecemos no espírito que se manifestou a alma de nosso querido filho, levado por esse mal que não perdoa; logo que incorporado à médium, ele faz com que

se ouça essa terrível tosse. Houve fatos nessa memorável noite que minha mulher e eu nos lembraremos enquanto tivermos um sopro de vida.

Em outros tempos, eu me apiedava das pessoas que me falavam do além; creio hoje que era eu quem mais necessitava de piedade.

Louis Mastoumecq empregado no banco 8, rua Chénier, Paris”.

O tio e o sobrinho

Encerremos essa série com uma manifestação muito bonita, cujo principal interessado relata, na seguinte carta:

“Na noite de 11 de janeiro (1921), última terça-feira, encontrávamo-nos minha mulher e eu, assim como muitas outras pessoas, na casa do sr. Bourniquel, que conhecíamos há apenas um mês.

Muito sentida pelo estado de saúde grave de nosso filho Lucien Chadeaux, de 34 anos, morando na rua Lamarck, 45, sra. Chadeaux, nascida Thomas, minha mulher, pede a sra. Bourniquel para realizar a incorporação de seu irmão Eugène Thomas, falecido há 30 anos, aos 26 anos de idade, devido a uma longa e dolorosa enfermidade intestinal.

Após o habitual questionário sobre a identidade, o espírito de Eugène Thomas respondeu que não era preciso se entristecer e que ele mesmo cuidaria de seu sobrinho.

Terminada a sessão, a médium, desperta, vê: 1º o nome Thomas escrito a sua frente, depois 2º o jazigo da família Thomas ao Père Lachaise, o que não me pareceu nada tranquilizador.

Na sessão de 18 de janeiro, a médium viu Eugène Thomas recebendo a extrema unção exatamente como aconteceu e manifestando sua alegria por morrer e por estar, enfim, liberto de seus sofrimentos atrozes. Depois, aos olhos da médium, apareceu sobre o chão uma forma cinza e redonda, se abrindo como uma tampa para dar passagem a um tipo de papai Noel (disse a médium) vestido de branco, com as características de Eugène Thomas, tendo sobre a cabeça uma bola luminosa que o espírito nos declarou ser emanada por ele mesmo. Ele nos disse que essa forma cinza era uma espécie de cobertura fluídica na qual ele aumentou de peso para descer à Terra.

Esse papai Noel estava com roupas dos beneditinos brancos; de suas mãos abertas, disse a médium, saíam raios luminosos e fluídicos. Ele explica que apareceu assim para me dar uma nova prova de identidade.

(Em 1916, tendo eu mesmo alguma mediunidade na mesa, chamei a minha casa meu cunhado Eugène e ele me disse que numa existência anterior ele tinha sido beneditino em Delhi –Índia. Ele também me revelou (1916) que a guerra terminaria em 1918, que a Alsácia-Lorena nos seria devolvida, que nós não faríamos cerco a Metz, que a neutralidade suíça não seria violada, etc... Eu pude conferir tudo isso).

Uma melhora séria aconteceu ao estado de Lucien, a ponto que se pôde acreditar que estava curado; ele levantava, lia os jornais, parecia entrar em convalescência, quando um inesperado agravamento aconteceu bruscamente e ele morreu em 20 de fevereiro. Quando pedimos explicações à Eugène, ele respondeu que, apesar de tudo que ele tinha podido fazer, foi impossível salvar seu sobrinho, uma ruptura se produziu inopinadamente no cérebro, contra a qual ele não podia fazer nada”.

Louis Chadeaux, 29, rua do Mont-Cenis (Atualmente 34, Avenida de Chatillon, 14e, Arrond).

Albertine assistiu ao enterro, em São Pedro de Montmartre. Durante a missa, durante toda a cerimônia, ela viu de joelhos, orando, diante do tablado, Eugène de beneditino e Lucien, corpo fluídico sombrio, vaporoso, rosto pálido. Todas as vezes que o padre passava diante deles para abençoar o corpo, ele escondia essa visão.

O sr. Chadefaux teve algumas comunicações de seu filho na mesa, e também teve com a sra. Roy pelo tabuleiro *oui-já*³.

Em 15 de março, depois de uma curta visita de Eugène, Albertine reproduziu fielmente, por incorporação, a agonia de Lucien, apresentando nos menores detalhes a paralisia direita que o levou e, como sua mãe lhe falava sobre o espiritismo, ele deu exatamente a mesma resposta que dava em vida, quando ela abordava essa questão: “Mamãe, falaremos sobre isso mais tarde”.

Ele parecia se preocupar particularmente com os negócios que havia deixado em suspenso, com seus filhos cujo futuro o inquietava, com sua mulher que não acreditava em nada disso.

“Eu não me senti morrer, acrescenta ele; eu reconheci que estava morto ao seguir meu comboio da casa mortuária até a igreja. Eu vou a minha casa; estou na Terra, mas não vejo bem. Não posso me expressar bem; estou pesado. Estou feliz por não sofrer mais.”

Essas últimas palavras: “Eu não vejo bem... eu não posso me expressar bem...” se explicam pelo fato de que Lucien Chadefaux morreu recentemente (três semanas antes); é muito raro que um espírito dê conta de si tão rapidamente. Comumente, os desencarnados ficam em perturbações por um tempo um pouco mais longo, que varia de um mês a muitos anos. Se Lucien se encontrou logo, é bastante provável que se deva à influência de seu tio Eugène Thomas, que, muito evoluído, tomou para si a tarefa.

Para terminar esse capítulo, acrescentemos uma manifestação que, ainda que não provenha de um sentimento de família, pode ser considerada como atribuível à subconsciência, pelas razões que daremos em seguida.

Juliette Barthou

5 de junho de 1921, na vila Montmorency. – Albertine geme, sufoca, tosse fortemente e sem parar: sua aparência é de um doente atormentado pela tuberculose. Terminada a agonia, ela responde bastante claramente às questões que lhe são feitas.

“Eu tive uma gripe ruim, disse ela; não fiquei muito tempo acamada. Sinto-me sufocar. Alguém fechou o quarto. É preciso abrir. Eu sinto falta de ar”.

Alguém lhe diz que ela está morta; ela, então, fala de sua mãe, que provavelmente era sonâmbula e se levantava à noite para passear, cantava músicas estranhas. Ela mesma tinha uma irmã, Germaine, morta aos 7 anos.

“Onde a senhorita morava? Alguém pergunta.

- Eu, eu era casada. Por que casei com um homem que não tinha as mesmas ideias que eu?... Eu me chamo Juliette Barthou, meu nome de solteira; eu não me lembro o nome do meu marido. Morri em novembro de 1912, em Toulouse. Eu trabalhava com camisas. Quando era jovem, morávamos na propriedade do sr. Courtois, na costa de Purpan; deixaram-nos um pequeno espaço.

³ Nota da tradução: Trata-se de um método utilizado para comunicações com espíritos, no qual letras, números e outros símbolos ficam dispostos em um tabuleiro, bem como um instrumento indicador a operacionalizar a sequência conduzida pelos espíritos evocados.

- Qual foi o médico que cuidou da senhora?

- Eu tive muitos, entre eles Dargein. Não tive filhos. Fui casada por dois anos”.

Juliette Barthou dá ainda algumas outras informações concernentes a sua casa. Depois, desperta, a médium tem a visão de uma jovem loura, bochechas rosadas, olhos azuis; ela dá uma descrição completa, vê perto do espírito uma menina de nome Germaine e o irmão desta última, um militar morto na guerra. Na visão, Juliette parece extremamente surpresa por vê-lo; é também seu irmão e ele era casado.

Temos a certeza de que Albertine não conheceu Juliette Barthou, nem seus parentes. Entretanto, ela conhecia a costa de Purpan e a propriedade, assim como o doutor Dargein, ainda que jamais tenha falado com ele. Essas razões são suficientes; nada nos autoriza a crer que ela não teria podido ouvir falar de coisas referentes à essa família, embora seja extremamente improvável, e nós reunimos essa comunicação àquelas em que podem ser explicadas por uma ação subconsciente.

Importa, no entanto, especificar bem. Se a maioria dos casos que citamos pode ser explicada pela hipótese criptomésica, significa pela personificação que a consciência sonâmbula do médium reconstituiria em meio às lembranças impressas na memória dos consulentes; se, noutros casos, a hipótese de lembranças pessoais do médium lhe fossem suficientes para operar essa reconstituição, seria igualmente verdadeiro que essas duas explicações não nos satisfariam.

Pois, enfim, por que nos casos de Marie Pichot, por exemplo, se essa clarividência é tão desenvolvida quanto se pretende, ela não diz o nome de Marcel que estava tão presente quanto todos os outros na memória dos parentes? Por que, ao invés de Juliette Escudier, solicitada por seu pai, é a pequena Yvonne, sobre a qual ele não pensava, que se apresenta? Por que Benoît forneceu informações desconhecidas do consulente, sr. Yvonneau, e que este aqui teve de verificar depois? Por que Geo não pôde dizer a seu pai o nome que este pensava fortemente, e por que ele diz meia hora depois, no meio de uma conversa onde o tema era totalmente diferente?

Como se vê, a questão é muito complexa e não deixará de dar bastante trabalho aos intelectuais no dia em que eles se decidirem a estudá-la imparcialmente. A conclusão a qual eles serão levados lhes causará surpresas.

XI

Manifestações onde o subconsciente é possível e não pode ser validamente descartado

Nec omnis moriar
(Eu não morrerei completamente)
Horace

Levemos nosso estudo mais longe. Eis aqui dois casos para os quais a explicação dada sobre uma ação mental qualquer se torna cada vez mais precária e insuficiente. Não se pode, entretanto, descartar completamente a hipótese da subconsciência, a qual não é impossível que eles sejam também associados. Mas o fio que os une se torna cada vez menos forte.

A obsediada

A sra. Formosa (Todos os nomes foram mudados) era uma mulher muito bonita, pertencendo ao mundo da burguesia abastada. Grande, de boas proporções, elegante, abundantemente ornamentada por joias, sempre impecavelmente perfumada, ela causava sensação onde quer que fosse. De aparência distinta, naturalmente amável, ninguém acreditaria no drama íntimo que envenenava sua existência. Embora todo mundo pensasse que ela fosse feliz, ela estava devorada por um tormento que se tornou para ela um horrível pesadelo.

Casada uma primeira vez com um engenheiro, que era extremamente apaixonado e violento, e que frequentemente se mostrava brutal, ela se torna viúva com a responsabilidade de dois filhos, um menino e uma menina. Ela se casou com um homem cujo caráter contrastava singularmente com o de seu primeiro marido. Doce, afável, gentil, ele fazia o impossível para assegurar a sua mulher uma existência feliz, porém, apesar de seus esforços, ele jamais pôde lhe fazer perder a atitude distante, fria, quase hostil, adotada por ela desde o casamento.

Ele aceitou se separar de sua própria filha, nascida de um primeiro enlace, e, no entanto, ele acolheu e cuidou em sua casa da filha de sua mulher (o menino morreu nos últimos anos); mas essas gentilezas, esse cuidado constante de agradar à desdenhosa esposa não modificou em nada a atitude desta última que, mesmo na intimidade, consagrando-se pontualmente a seus deveres, não se desfazia jamais da frieza aguda. Isso durou 16 anos.

A morte de seu filho acentuou a hostilidade e determinou, também, a busca da sra. Formosa, frequentando grupos espíritas onde, no socorro de sua alma, ela esperava encontrar algum consolo.

Foi nesse momento que ela foi recebida na sala da sra. Darget, seguindo assiduamente as reuniões interessantes até o mês de abril de 1920.

Na primeira sessão do mês de maio, Albertine, que assistia, foi tomada por uma entidade incoerente que deu a impressão de loucura; ela fazia o gesto de pôr um chapéu na cabeça, depois lançando-o ao chão; depois disso, um outro e mais outro. Ela tinha um riso sinistro, rangia os dentes, rolava no chão, afastando as pessoas que tentavam detê-la. A agonia que seguiu foi terrível.

Uma das assistentes, sra. Ducoureau, acreditou compreender do que se tratava. Tomando a mão da médium, ela perguntou:

“Você me reconhece?”. Um riso demente foi a única resposta. “Eu sou a sra. Ducoureau”. Nada; o espírito balbuciava palavras desconexas: Chapéus... lojas,... carros...

Albertine despertou sem ter dado outra pista; ela sentiu logo um perfume penetrante. Voltando-se, então, para a sra. Darget, ela diz: “Como está perfumada, sra. Formosa! Mas, por que, então, ela está de pé; deem a ela uma cadeira”.

Ninguém entendeu; perguntavam-se por que Albertine falou da sra. Formosa, que não estava ali.

Vendo que ninguém se mexia, Albertine recua de sua poltrona para dar lugar à dama; lhe é perguntado, então:

“Quem a senhora vê?

- Mas sra. Formosa, a senhora a vê bem, ela está ali ao meu lado”.

Nesse momento, A teve a visão de uma janela que se abria e da sra. Formosa que se precipitava no vazio.

“Ah! gritava ela, ela se matou.

- Mas, quem? Quem é?” pergunta-se de todos os lados.

Não se podia acreditar que se tratasse da sra. Formosa, que tinha assistido quase todas as últimas reuniões.

Estando a sessão momentaneamente suspensa, a sra. Ducoureau, que era a única que estava a par dos fatos, confirmou, então, a exatidão dessa dramática visão.

Ela conta que a sra. Formosa dava sinais acentuados de desequilíbrio mental desde a morte de seu filho; ela se entregava por vezes à excentricidades e certo dia em que ela foi a uma loja para fazer compras, ficou subitamente louca ao experimentar os chapéus. Ela gesticulava, jogava-os um após o outro, fazia um escândalo. Sua filha, que a acompanhava, pediu um taxi para leva-las para casa; uma cena violenta e muito triste se seguiu; a doente resistia, debatia-se, mordida. Em sua casa, ela foi posta sob vigilância; mas alguns dias depois, aproveitando-se de uma distração, ela abriu a janela situada no 5 andar e precipitou-se no vazio. Ela morreu na hora.

Imagina-se a emoção que esse relato produziu no grupo Darget, onde não somente a médium, mas também todas as outras pessoas, salvo a sra. Ducoureau, ignoravam a catástrofe.

Quinze dias depois, nova sessão a qual assistia a sra. Formosa, que foi avisada sobre o que aconteceu.

O mesmo espírito incorpora e diz:

“Hoje, eu me sinto melhor; eu fiz um grande mal, eu me matei”.

Então levantando-se, Albertine vai ao encontro da sr. F. e lhe diz em soluços:

“Perdoe-me. Eu cometi um grande mal, mas não sou culpada; eu estava muito infeliz pela morte do meu filho!

- Quem é a senhora? Qual é o seu nome?

- Anne”

Ela dá alguns detalhes e acrescenta:

“Você foi bom para mim e para meus filhos, mas eu, eu não fui boa para sua filha”.

Nesse momento, Albertine vê outro espírito; é o da primeira mulher do sr. Formosa.

Ela se põe de joelhos diante dela:

“Lisette, perdoe-me por ter obrigado seu marido a se separar de sua filha enquanto ele cuidava da minha”.

O sr. Formosa pergunta:

“Você a vê?”

- Sim; ela me perdoa.

- Quantos filhos você tem?

- Um filho: Jean; uma filha: Georgette. Sua filha se chamava Suzanne. Você deve me perdoar.

- Sim, eu sabia que você não era culpada.

- Eu jamais te amei; havia uma pessoa entre nós.

- Quem era? Diga, isso te fará bem; Lisette te perdoa e também eu”.

O sr. Formosa insistia; a sra. Darget, que ignorava a natureza dessas revelações, pôs fim ao interrogatório. Digamos que essa ação se legitimava pelo rumo que tinha tomado a conversa.

De seu despertar, Albertine vê a primeira mulher do sr. F., diz que ela morreu do pulmão depois de dois anos de casamento deixando uma menina, Suzanne. Em seguida, ela vê Anne de joelhos;

“Ela pede perdão ao senhor e a sua primeira mulher. Há um mistério. Essa mulher nunca lhe pertenceu senão materialmente, ela jamais esteve com o senhor pelos sentimentos; há alguma coisa...”

- Sim, continue...

Decidiu-se por remeter o esclarecimento do mistério a uma outra sessão, na casa da médium.

Durante essa sessão, estavam presentes apenas três pessoas: sr. Formosa, a médium e o sr. Bourniquel. Anne se apresenta novamente, ainda pedindo perdão.

Sr. F.: “Uma vez que estamos sós, diga agora o nome daquele que lhe obsediava. Você se sentirá melhor; isso lhe tranquilizará.

- É meu primeiro marido, Albert. Você sabe o quanto ele era ciumento quando vivo; desencarnado, manteve-se do mesmo modo, e é ele que esteve entre nós dois toda vida; é ele que me impedia de amá-lo; ele vivia em mim. Eu o achava bom, mas eu não podia amá-lo como marido; eu reclamava de você; você era o homem que me dava o bem-estar.

- Eu sempre duvidei que houvesse alguém que a obsediava; mas não haveria um outro?...

- Também, você me obriga...

- Sim, diga.

- Meu pai. Sim, eu escondi de você, durante 18 anos de casamento, que meu pai morreu por suicídio.

- Você se lembra como ele morreu? O que ele fazia?

- Ele era pastor; ele se afogou em uma piscina onde havia muito pouca água. E, bem, agora que me confessei, estou liberta”.

O sr. Formosa nos confirmou a exatidão de todas essas informações verbalmente e, em seguida, por uma carta datada de 2 de junho. Nas comunicações que ela tinha dado, sua mulher tinha atribuído seus tormentos e o suicídio, que foram a consequência daqueles, ao primeiro marido, morto vinte anos antes; ela temia que sua filha viesse a sofrer a mesma

obsessão e o mesmo fim, única sobrevivente de toda a família de seu primeiro casamento. Ela implorou insistentemente nossa intervenção para a proteção de sua filha; ela igualmente insistiu para que o obsessor, Léo, fosse esclarecido, sendo-lhe apresentado todo o mal que ele havia feito.

Léo, quando vivo, era um homem violento e frio, muito autoritário, atroz ciumento. De acordo com as declarações de Anne, ele não era o único a obsediar; seu próprio pai, que tinha a reputação de um homem sábio, ponderado, exemplar, tinha posto fim à vida por um suicídio. O gênero de morte que ele havia escolhido denota uma força de caráter, uma energia sobre-humana; ele havia se ajoelhado em uma piscina contendo uma camada de água de aproximadamente 40 centímetros; ele mergulhou sua cabeça e a manteve com suas mãos até asfixiar.

Esse foi um estupor para toda a família, que não soube jamais os motivos desse fim desesperado. Espalharam rumores de um acidente.

Quando sua filha, viúva, se casa novamente com sr. Formosa, esconde-se dele cuidadosamente esse segredo de família, e durante dezoito anos em que dura o casamento, ele fica na mais absoluta ignorância quanto a esse doloroso evento. Ele deve tê-lo compreendido na ocasião de outro suicídio, o de sua mulher; é, de fato, sobre o leito de morte desta que um dos parentes não pôde conter essa confissão: “Ela morreu como seu pobre pai!”. Foi preciso, então, fornecer explicações ao marido, para quem essa exclamação tinha levantado suspeitas.

Vê-se, então, a extrema precisão das revelações feitas pelo espírito de Anne, incorporada a Albertina; esta última ignorava, é certo, qualquer palavra sobre tudo isso; o resumo que trouxemos aqui não contém mais que uma pequena parte das informações que ela forneceu; nós apenas as mencionamos por razões que todo mundo compreenderá.

Um pouco depois dos fatos relatados, em uma nova sessão, solicitamos a presença de Léo, o primeiro marido. Albertine reproduziu sua agonia da maneira mais fiel, no dizer do sr. Formosa; ela deu uma descrição exata dele: um homem muito bonito, usava barba, morreu aos 35 anos.

Esse espírito declarou que desde sua morte ele jamais deixou sua mulher; ele sempre a seguiu em vida; ele sempre se interpôs entre ela e seu segundo marido, inspirando nela animosidade contra este.

“Eu fui bruto com ela, disse ele fazendo alusão a certas cenas da época em que era vivo; algumas vezes, no momento de partir para um jantar na cidade, ou um passeio, ou ao teatro, eu dava a ela a ordem de se desarrumar e decidia que não sairíamos mais. Eu era ciumento. Uma vez morto, não quis que outro a possuísse. O ciúme me impulsionou a levar minha mulher ao suicídio para tê-la novamente comigo”.

Nós tivemos a maior dificuldade em fazer com que o infeliz compreendesse o mal que ele fez e que não deixaria de voltar para ele mesmo. Todos os nossos argumentos, toda nossa eloquência, toda nossa moral não parecia tocá-lo de início. Enfim, por insistência, ele acabou por se deixar convencer. Ele exprimiu, então, o arrependimento pelo que aconteceu por sua culpa e nos agradeceu pelo esforço que tivemos por levá-lo a sentimentos melhores. Ele terminou dizendo que estava muito infeliz porque, tendo levado sua mulher ao suicídio na esperança de encontrá-la no além, ele constatava agora que aquele reencontro se tornou impossível e que ele estava separado dela para sempre.

Observações. – É preciso notar, a princípio, a objetivação da visão de Albertine, no final do transe, na primeira sessão. A aparição era tão bem materializada para ela que Albertine a confundiu com os outros membros do grupo; ela sentia o perfume da sra. Formosa, ela reconhecia seus traços, ela via a vida luzir em seus olhos, ela admirava sua bela estatura, sua

vestimenta de bom gosto, suas joias; como não teria se enganado com todas essas coisas? Como não teria se surpreendido, fazendo a observação em voz alta, que a tivessem deixado ali, sem fazê-la sentar-se, essa amiga da casa que vinha, como usualmente, assistir à sessão? Os exemplos de uma visão tão nítida não são excepcionais e pode-se ler o relato, seja nos inesgotáveis Proceedings⁴, seja no tomo II das “Aparições materializadas” por Gabriel Delanne; “o Tratado de Metafísica” do professor Richet, igualmente em relação a um grande número. Mas o que valoriza esse fenômeno é o espanto que produziu no grupo em que, salvo uma pessoa, todos ignoravam a morte da sra. F.

E isso aqui exclui toda ideia de telepatia; de fato, quando a médium, incorporando o espírito, dá sinais de demência, a única pessoa que sabia do ocorrido, sra. Ducoureau, acreditou que se tratasse da sra. F., mas ela não teve certeza até chegar o final do transe, quando Albertine diz: “Como está perfumada, sra. Formosa!”. Mas até esse momento, a incerteza da sra. Ducoureau nos mostra bem que não havia correspondência estabelecida entre seu cérebro e o da médium.

Examinemos agora a questão da obsessão lembrando que a sra. F. reclama de ter sido obsediada por seu primeiro marido e também seu próprio pai.

Na Antiguidade e mesmo antigamente, nas tribos selvagens, atribuíam-se todas as doenças físicas ou mentais à influência dos maus espíritos. A ciência moderna indicou claramente as causas das afecções físicas, que suprimem toda intervenção do além. Mas a reação científica talvez tenha ido muito longe. Pessoas de valor intelectual e de boa fé frequentemente citaram casos de doenças ou, digamos assim, encerradas em asilos, ditos alienados incuráveis e que, entretanto, puderam sair ao cabo de alguns dias, após a intervenção mediúnica que conseguia libertar os espíritos obsessores.

Então, podem existir verdadeiras obsessões provocadas por seres desencarnados pouco evoluídos que, sob a influência de paixões ou de interesses diversos, obsedeiam os vivos, inspiram-lhes sentimentos ou fazem com que executem atos contrários à verdadeira natureza do obsediado.

Há todo um problema que mereceria a atenção dos alienistas; além disso, um magnetizador, sr. Magnin, publicou duas observações nas quais, tratando o doente como se realmente ele tivesse se relacionando com um ser do além, conseguiu curar duas pessoas; isso mostra a eficácia desse modo de tratamento e a utilidade incontestável de uma mediumterapia que se inspirasse em dados do espiritismo.

Em todo caso, que houve nessa manifestação uma verdadeira obsessão ou não, pois seria possível, a rigor, atribuir a uma diathesis hereditária o suicídio da sra. Formosa, todavia, a individualidade do primeiro marido foi estabelecida com uma riqueza de provas, uma abundância de detalhes e uma característica psicológica tão clara que, verdadeiramente, a hipótese espírita toma aqui um valor explicativo que ultrapassa, em muito, toda suposição criptestésica.

A médium revelou fatos precisos, cuidadosamente mantidos em segredo pela família e que ela não poderia ter obtido de nenhuma pessoa viva; no mais, nenhum jornal havia mencionado o suicídio, ela não teve conhecimento pela via da imprensa.

Façamos notar ainda que nós tivemos de mudar os nomes das pessoas colocadas em questão, por razões que serão compreendidas; excepcionalmente, não poderemos comunicar suas identidades reais àqueles que desejarem fazer uma investigação, aos quais pedimos que confie em nossa imparcialidade e nossa boa fé.

⁴ Nota da tradução: A palavra apresentada provavelmente se associa ao termo Proceedings, de língua inglesa, que, traduzido, significa, basicamente, “Procedimentos”, porém pode ser também compreendido como “ata”, “minuta”, entre outros.

Digamos, enfim, que os espíritos por vezes ficam embaraçados pela insistência que se lhes coloca pela declaração pública de segredos de família; é preciso ter, com eles, tanta sutileza e tato quanto se tem com as pessoas vivas.

O tabaqueiro incendiário

Eis agora a décima manifestação que classificamos na mesma categoria. Ela é extremamente interessante pela natureza precisa e particular de algumas informações fornecidas pelo espírito.

Em 2 de janeiro de 1921, Montmorency. – A médium reproduz a agonia de uma pessoa que, pela aparência, morreu paralisada; todo o lado direito da figura está contraído, a boca desviada para o queixo, a bochecha flácida, enquanto o lado esquerdo está normal.

Assim que estive em estado de responder, começamos a interrogar e obtivemos, de início, as seguintes informações:

“Estou em minha casa, em Ste. C. (Aude). Eu não faço nada. Eu me ocupo da casa. Sou uma mulher. Sou idosa. Eu me chamo Marguerite B... (Será visto mais adiante por que não damos os nomes próprios completos). Passei dos 70 anos.

- Por que a senhora treme assim?

- Isso é desde que tive o ataque, por volta dos sessenta anos; ele me deixou assim. Morri em 1876, creio que me lembro; meu marido se chama B... (Jean). Temos três filhos, duas mulheres e um homem: Marie-Anne, Joseph, Amélie. Meu filho partiu. Não sei o que aconteceu com minhas filhas.

- A senhora se lembra de algum evento importante que tenha acontecido antes de sua morte?

- Em 1870, a guerra; em 1875, as inundações.

- O que a senhora fazia de suas colheitas?

- Eu as vendia no mercado de Mirepoix, que fica a 3 horas de carro.

- A senhora nasceu em Sainte-C...? Em que ano?

- Não me lembro mais; meu marido participou da guerra de Crimée; ele era mais velho que eu. Ele estava sempre doente desde a guerra; eu não fiquei doente por muito tempo.

- A senhora está interessada no que se passa em sua casa? O que aconteceu com seu dinheiro?

- Tudo isso foi revertido para meu filho, que deixou seu bem como pensão vitalícia para uma família do país; minha filha teve uma parte, não sei o que ela fez com isso.

- A senhora fala sempre de uma filha; e a outra?

- Em outros tempos, elas estavam junto com o irmão; depois, apenas uma ficou com ele.

- Onde, isso?

- É preciso que as águas corram”.

Após essa incorporação, um de nossos espíritos familiares, Yvonne, veio nos fazer uma pequena visita para nos advertir que o espírito anterior se enganou com as datas e que seria necessário voltar em sua casa para poder nos dar maior precisão. Aproveita-se essa intervenção para perguntar a Yvonne sobre as condições da vida astral que o livro de Oliver Lodge, “Raymond”, recentemente traduzido em francês, punha na ordem do dia.

Sr. Delanne. – “Os espíritos vivem da vida material?”

R. – Sim. Eles se ocupam nas casas como quando eram vivos, sem se preocupar com as pessoas que se encontram ali; eles estão em suas casas, eles as governam.

Sr. Delanne. – Seriam as casas que eles ocuparam ou casas que se encontram no espaço?

R. – No espaço não há casas, mas eles revivem das suas, eles circulam nelas como vocês. Se o espírito tem ideias materiais, ele experimenta um bem-estar e se crê viver.

Sr. Delanne. – Existem criações fluídicas do pensamento no além?

R. – Sim. Para seus usos, para suas necessidades, eles criam móveis, utensílios de casa; é uma produção ideal. O trabalhador vem a seus campos e trabalha.

Mas, quando o espírito se dá conta de si, ele se apercebe que isso não existe e que é uma criação fluídica”.

Após Yvonne dar essa breve lição de ideoplastia psíquica, Albertine teve a visão correspondente a incorporação que ela tinha feito:

“Vejo, diz ela, uma pequena senhora com um chapéu e um xale; ela tem um tique na mandíbula direita e ela diz se chamar Marguerite B... vejo uma casa em uma pequena cidade, coberta por um telhado que avança; no primeiro piso, um grande quarto e do outro lado um celeiro no qual secam feijões em feixos. Há também batatas, mas não há galinheiro nem animais. Vejo escrito espelhado o nome Sainte-C... (Aude); são dados os nomes Marie-Anne, Joseph, Amélie, Crimée. E depois, barro em um porão repleto de água suja; é a inundação.

Sr. Delanne. – A senhora vê a data da inundação?

R. – 1875. Em junho, entre terça e quarta-feira”.

Sessão de 6 de fevereiro. – Marguerite B... volta e declara que esteve em sua casa, em Sainte-C... D.

“O que a senhora viu em sua casa?”

R. – Rodei por todos os cantos da casa e da outra casa.

- Que outra casa?

- Da casa onde morri; eu não morri em Sainte-C..., mas ao lado, em P.... em novembro de 1881; eu tinha 77 anos. Uma de minhas filhas está morta; ela tinha ficado comigo. A outra partiu para Alger com seu irmão; meu marido morreu antes de mim, fiquei só. Minha filha se casou; meu genro era dono de mercearia em P... Eu não sei mais o nome dele. Tenho dificuldade de falar; eu não falava francês, falava dialeto”. Ela troca algumas palavras em dialeto do Sul com o sr. Bourniquel. Este, sobre uma questão do sr. Régnault, afirma que a médium compreende o dialeto, mas que ele fala muito mal.

Sessão de 6 de março. – É o marido de Marguerite que se apresenta primeiro; ele mostra sua agonia, depois reclama de falta de ar; ele sufoca como se alguém tivesse colocado uma colcha em cima dele. Ele diz seu nome: Jean-Baptiste B... morto em 17 de maio de 1881, aos 72 anos, de um ataque. Nascido em Sainte-C, morto em P....

D. – Que aconteceu a seus filhos?

R. – Joseph e Amélie estão longe; Marie-Anne está morta.

- Antes ou depois do senhor?

- Eu não tenho como dizer. O senhor sabe, não é tão fácil retornar.

- Por que o senhor não retornou em sua casa?

- Não compreendo. Morri há 40 anos! Isso me parece estranho. Há 40 anos que eu ando como se eu estivesse perdido numa cidade. Eu não me dava conta, parecia que eu sonhava; eu via que outros homens não eram como eu.

- O senhor tinha a sensação de beber, de comer?

- Sim, eu sentia fome, sede, cansaço; eu comia com os outros, nas casas; quando a vontade vinha, eu ia até elas.

- O senhor ia comer nas casas dos camponeses, então?

- Sim, mas eles não percebiam minha presença.

- Felizmente, pois sem isso, eles o teriam recebido a golpes de forquilha.

- Não, não em meu país; não se é tão selvagem. Às vezes eu me enganava, eu não estava em minha casa; havia pessoas que não falavam como eu. Eles não tinham minhas ideias. Eu não ficava em suas casas; quando não se encontram pessoas que nos compreendam, vamos embora; é preciso que haja harmonia.

- Em que estado o senhor estava quando reviu sua mulher?

- Foi ela que me procurou; eu acreditava que a gente não estava morto.”

Sua mulher vem em seguida, em seu lugar; ela começa por uma retificação:

“Dei 1881 como data de minha morte, mas é a do meu marido; eu morri em 1888: Marguerite R..., mulher B..., morta aos 73 anos, em 19 de agosto de 1888; meu marido morreu em 17 de maio de 1881; fomos os dois lá nos aperceber.

- O que vocês fazem agora?

- Vou à igreja, aos campos, observo o que se faz na casa e não vejo ninguém que me conheça. Fui a minha casa, acreditei que alguém me dava atenção, mas, não; eu acreditei que falava, mas eu não falava como os outros.”

O sr. Delanne faz com que se note que o caso de Marguerite, que retorna constantemente a sua casa, pode se aplicar aos fenômenos de obsessão; quando esses espíritos encontram um sujeito que lhes fornece as formas de energia necessárias, eles podem provocar fenômenos físicos.

D. – A pessoa que agora mora em sua casa, ela está só?

R. – Não, com sua mulher. É Joseph, meu filho, que ficou com a casa; ele a alugou. Ele teve uma mercearia nessa casa, a mercearia está fechada; ele ficou com ela durante algum tempo; então houve uma explosão, fogo na mercearia.

- A senhora viu isso lá de cima?

- Sim, eu fui até lá. Naquele tempo, havia uma tabacaria e a mercearia; Joseph participou da guerra de 1870; ele ficou ferido e, como pensão, lhe deram a tabacaria. Tudo foi transferido; a mercearia não funciona mais e a tabacaria foi transferida para outro lugar.

- E sua filha?

- Ah! Não fomos amigas; ela era ciumenta, porque ela entendia que Joseph era privilegiado. Joseph era deficiente, suas pernas não valiam nada, ele sofria da cabeça. Havia momentos em que ele era violento: acreditava-se que ele era louco. Ele foi ferido na cabeça.

- A senhora se dá conta de que agora a senhora não está mais em P...

- Agora, sim; da outra vez também; mas não da primeira vez. Eu não estava infeliz, mas quando eu falava e ninguém me ouvia, era duro para mim. E, bem, é uma pena, vou dizer-lhe: Amélie partiu, ela deixou seu homem; eu estava morta e eu soube.

- Como a senhora soube?

- Eu fui ver o que se passava na casa de todo mundo; ela tinha partido com um homem mais jovem que ela; é uma vergonha! Ela tinha também uma mercearia, ela partiu com um empregado. Para nós, quando vemos tudo isso que acontece, é melhor tomar distância; para mim, causava-me prazer ver o que se passava; eu gosto de me misturar com o que não me diz respeito; foi o mesmo quando morri.

- Bom, está entendido; vamos fazer investigações para verificar o que a senhora disse.

- Não se deveria ser muito curioso; espalharam o boato de que Joseph tinha posto o fogo e é preciso ser prudente em suas investigações... Ele regou com óleo e ele disse que a garrafa estava rachada. Todo mundo achou isso suspeito. Ele quis sair das coisas, ele queimou o rosto e as mãos. Ele era assegurado.

- A senhora teve medo de se queimar?

- Eu não fiquei; quando ele gritou, eu tive medo e me salvei”.

Numa visão, Albertine repetiu as datas retificadas, os nomes; ela viu pacotes de tabaco, papéis para cigarro e um contrato (sem dúvida um contrato de seguro).

Mas, antes, aproveita-se para perguntar ao espírito de Eugène Thomas, que veio para libertar a médium, sobre as contradições que se observam tão frequentemente nas declarações feitas pelos espíritos.

“Isso provém, responde ele, de seu degrau de evolução. Todos não podem tratar das mesmas questões: é o mesmo com os homens, na Terra; cada um tem seu ponto de vista; todos podem se crer estando com a verdade. Com frequência os nomes lhes fogem e isso não prova que o espírito não saiba. Peçam provas, controlem; há espíritos enganosos, como nas melhores reuniões; e se todo mundo antes da reunião colocasse ali toda sua alma, não de uma forma ritual, mas com um sincero laço do coração, os resultados seriam excelentes.

- Como ocorre de alguns espíritos, tendo pertencido à elite intelectual desse mundo, realizarem comunicações num estilo epistolar dos mais modestos?

- Isso provém do cérebro do médium; um grande artista obterá brilhantes resultados com um bom instrumento; o mesmo acontece com o cérebro do médium. É isso que faz com que algumas comunicações sejam prejudicadas.

- Tomemos, por exemplo, Jaurès, que foi uma das mais maravilhosas inteligências de nossa época. Seria possível ter com ele uma conversa em relação aos conhecimentos que ele tinha quando vivo?

- Eu repito, isso depende do médium; o cérebro do médium deve estar a altura do de Jaurès, caso contrário a comunicação será prejudicada”.

Pesquisa. - A prefeitura de P... forneceu a seguinte ficha ao sr. Roy, encarregado da informação:

“Sobre os registros dos falecimentos da comunidade de P..., constatei:

1º Que no ano de 1881 e em 17 de maio morreu Jean-Baptiste B..., aos 72 anos (nº 6 do ato).

2º No ano de 1888 e em 19 de agosto faleceu Marguerite R..., viúva B..., aos 73 anos de idade (nº 3 do ato).

Do lado do estado civil, os nomes e as datas dadas por Marguerite na última sessão estavam totalmente verificadas. Tratava-se agora de encontrar as informações sobre os eventos longínquos revelados pelo mesmo espírito. Era algo difícil e delicado, tanto por serem fatos antigos quanto pela discricção que nos era necessária.

Pudemos, entretanto, obter satisfação de uma camponesa idosa que sempre morou no país, que nos escreveu a seguinte carta, que reproduzimos sem correções:

“O P... em 13 de março de 1921

Senhor,

Em resposta a sua honorável de 8 de março, venho lhe dizer que Marguerite B... viveu em P..., assim como seu marido e seus filhos. Jean-Baptiste morreu em 1881 e sua mulher em 1888, o filho tinha participado da guerra de 1870 onde foi ferido ele teve na época uma mercearia e uma tabacaria, ele deixou P... há mais ou menos 25 ou 27 anos com uma de suas irmãs para ir morar na Tunísia; antes de sua partida, houve fogo em sua mercearia; todas essas lembranças estão muito longe pois a casa cai em ruínas falta de reparos; sobre Marguerite B... eu sempre ouvi dizer que ela não era boa.

Estou a vosso dispor caso as informações não sejam suficientes.

Saudações”.

(Assinatura)

Notas. – Na sua primeira visita, Marguerite comete erros e parece não ver claramente; ela se engana sobre a data de sua morte, que ela coloca em 1876, e ela não se lembra sequer de seu nascimento. Isso não tem nada de extraordinário. Há na Terra uma quantidade de idosos que não dão mais conta de sua existência e que não saberiam dizer em que ano vieram ao mundo. Não se deve, então, espantar-se se os desencarnados não puderem precisar nada sobre esses pontos, uma vez que constatamos tão frequentemente a mesma ausência de memória nos vivos.

Na segunda sessão, ela se engana novamente; ao invés de 1876, ela diz 1881, que é a data do falecimento de seu marido, e não do seu. Ela diz que sua filha e seu filho foram morar na Algéria, mas a pesquisa nos mostra, mais tarde, que é na Tunísia; erro sem importância, muito desculpável em uma senhora que nunca se preocupou com geografia.

É na terceira sessão que ela dá, enfim, com os anos, meses e dias, as datas solicitadas. As lembranças lhe retornam em massa e seu caráter um pouco agressivo, seu amor por fofocas e tagarelices tomam rumo livre; ela denuncia seu filho e sua filha e reconhece, com visível satisfação, que ela gosta de se ocupar com o que não lhe diz respeito. Psicologia realista de camponesa ociosa e maledicente, confirmada pela carta reproduzida em nossa pesquisa.

Seria possível que nos retornassem o que esclarecíamos a propósito da objetivação dos tipos. Mas, aqui, ninguém sugeriu à médium que ela era uma senhora idosa, tendo vivido num país tal, de tal a tal data; ninguém lhe disse que ela iria representar um tipo falador, capaz de comprometer seus próprios filhos. Seria possível dizer ainda que, ao escolher a imagem de uma mulher fofqueira, a médium tinha as maiores chances de ser exata; mas isso não passaria de um argumento sem valor e que dirigiria contra ela toda a opinião feminina.

Em suma, essa comunicação nos mostra de uma vez por todas que os espíritos pouco evoluídos estão como em um tipo de sonho; eles persistem em crer-se vivos; em geral, eles

não têm nenhuma consciência das condições de uma vida futura, não experimentam a necessidade e não sofrem, propriamente falando, da indecisão de seu estado.

Eles não se apercebem e são um pouco como nós durante o sono, quando admitimos as coisas mais extraordinárias e mais inverossímeis. Elas não nos parecem nada incoerentes e as aceitamos sem discutir; não as julgamos absurdas senão ao acordar.

As sensações do mundo físico agem ainda sobre esses espíritos e produzem neles uma mistura estranha de conhecimentos; a visão do que se passa na Terra não os surpreende; eles não tiram conclusões dela como quando o farão mais tarde, ao saírem dessa estado particular que foi muito bem qualificado pelo nome de perturbação. É assim que Marguerite tem tamanho pavor do fogo, quando ele surge na casa de seu filho, que se salva para não ser queimada; entretanto, ela não deveria mais ter nenhum temor.

Além das sensações, esses mesmos espíritos têm necessidades físicas; essas necessidades não são mais extraordinárias do que aquelas que sentimos durante o sono. E assim como no sono nós apaziguamos a fome com pratos que não têm nenhuma objetividade, mas que momentaneamente são reais para aquele que dorme, do mesmo modo acontece para os espíritos a mesma realidade subjetiva; a necessidade, eles a criam por ideoplastia ou por autossugestão. É o que nós temos tão frequentemente constatado com os sujeitos sonâmbulos, aos quais se faz comer uma batata como se fosse um peixe suculento.

Esse estado pode se prolongar mais ou menos e nós veremos que quando o espírito se dá conta de sua situação, logo todas as ilusões desaparecem e, sem mudar de lugar, ele sofre transformações que lhe fazem conhecer, então, o verdadeiro além.

XII

Manifestações puramente espíritas

Meu filho, suas aulas terminaram;
seus estudos começam.
Vauvenargues

Começamos aqui o capítulo das manifestações pelas quais colapsa a interpretação de uma faculdade animista (telepatia, criptomnésia, clarividência, psicometria) encontrando seus elementos de informação, seja no subconsciente do médium seja no dos assistentes.

Se, até o presente, admitimos, não como melhor opção, essa explicação evidentemente insuficiente, não nos é permitido, a partir de agora, ir mais longe em nossas concessões. Serão, agora, nossos contraditores que estabelecerão suas diferentes teses, não mais com suposições, e sim com provas.

Quando Voltaire empreende a revisão do processo de Calas, o filósofo foi chacoalhado por um número de presunções concordantes que tinham sido acumuladas contra o inocente; essa observação lhe sugeriu uma comparação pitoresca: “vinte indícios de prova não formam uma prova, disse ele, assim como vinte pontas de fio não formam um fio”.

Entendamos bem, pois em se tratando de *firos*⁵, nossos adversários jamais se ausentam. Exigir deles a prova formal de suas negações significa engajar-nos em fornecer a de nossas afirmações, e, como disse Laplace, “o peso das provas deve ser proporcional à bizarrice dos fatos”. É esse o início de um longo dossiê no qual vertemos as testemunhas mais irrecusáveis da vida após a morte, com a esperança secreta de preencher o fosso que separou, até o presente momento, materialistas e espiritualistas; mas devemos antes destruir a desconfiança que acumularam sobre nós os preconceitos, a ignorância, a intransigência e a má fé.

Por um deixe-estar contínuo, os cérebros são insensivelmente liberados da necessidade de conhecer; a Matéria passou a primeiro plano; o homem não dá mais conta senão de seus prazeres, cuidadosamente afastando suas preocupações as pesquisas puramente especulativas. A descoberta do mundo exterior e de suas leis escondem dele a existência do mundo espiritual e invisível; ele vibra apenas pela conquista de bens terrestres e de alegrias fáceis; tudo isso o levou a esse estado de decadência e de barbárie pseudocientífica contra o qual temos o direito de combater.

Tal declaração seria vã se ela não comportasse a necessidade de levar o homem ao estudo de si mesmo e de seu Destino. Uma experiência sem ritual e sem dogmas se impõe a nós para defender a ideia da vida após a morte contra a exclusiva pronunciada por um materialismo brutal.

Para chegar a demonstrar a existência de uma atividade mental extraterrestre, viu-se que consentimos em eliminar um grande número de casos que poderiam ter sido considerados suspeitos por todos os tipos de razões que não temos ocultado.

⁵ Nota da tradução: Seria possível dizer que o autor estaria fazendo referência a “charlatanismo” ao invés de “fio”. O autor parece utilizar um sentido informal do termo original empregado, *ficelles*. Este termo, traduzido como fio/barbante também pode assumir o sentido de “charlatanismo” ou “truque”. Note que a primeira referência, dada em sentido formal – fio –, está na última frase do parágrafo anterior, cujo texto original é: “vingt bouts de preuve ne font pas plus une preuve, dit-il, que vingt bouts de ficelle ne font une ficelle”.

Estamos agora na presença de fatos novos, precisos, desembaraçados de qualquer cobertura psíquica.

Ao apresentá-los como de origem puramente espiritual, esperamos com serenidade o novo vocábulo pelo qual a ciência ortodoxa tentará explicá-los, e nos lembrando de certa intransigência, diremos com o provérbio inglês: “Pode-se sempre levar um cavalo ao riacho, mas jamais se pode obrigá-lo a beber”.

O entalhador de pedras

Em 27 de dezembro de 1921 um espírito se apresentou com as seguintes informações:

“Eu me chamo Joseph Boget, entalhador de pedras. Morri no hospital de Belley, departamento do Ain, sala Saint-Louis, em 26 de julho de 1914, aos 70 anos. Eu era viúvo. Minha mulher se chamava (a médium pronuncia com dificuldade o nome que fica interpretado como Annimelinette Bojard ou Vojat). Ela morreu em Belley, em 25 de janeiro de 1907, de uma doença do coração. Nós tínhamos uma filha, Joséphine. Eu tinha me hospedado em um pequeno hotel, de frente para a estação; na casa, estabeleceu-se uma chapeleira. Deixamos essa casa depois de um processo judicial”.

Esse espírito parecia extremamente preocupado e perturbado por esse processo, sobre o qual ele nos dá informações privadas inúteis de serem aqui relatadas porque sequer foram possíveis de verificação.

Investigação. – Todavia, pudemos encontrar as duas peças seguintes:

Prefeitura de Belley

BOLETIM DE FALECIMENTO

Assinala-se no autos de Registro civil da comunidade de Belley, para o ano de 1914, que:

Joseph Boget, nascido em Virignin (Ain) em 4 de outubro de 1839, filho do falecido Joseph e da falecida Gabrielle Marchand, viúvo de Anthelnette Jouvelet, morreu na dita comunidade, em sete de julho de mil novecentos e quatorze.

Belley, 30 de dezembro de 1921

O Prefeito (carimbo da prefeitura).

Em respeito ao mesmo boletim:

Jouvelet Anthelnette, nascida em Nau, comunidade de Nattages, (Ain), 70 anos de idade, filha do falecido Nicolas Auguste e da falecida Françoise Bise, esposa de Boget Joseph, morreu na dita comunidade em 25 de janeiro de 1908. (Data e carimbo).

A essas peças foi juntada uma nota indicando que “a srta. Boget deixou Belley há aproximadamente quatro anos, sem deixar endereço”.

Estabeleceu-se, então, que essas três pessoas viveram em Belley e que as duas primeiras morreram ali: as datas não correspondem rigorosamente, como acontece frequentemente, mas é possível fazer, a respeito delas, aproximações úteis: Boget morreu aos 75 anos e não aos 70, como ele havia dito; esse evento aconteceu em 1914, no mês de julho, mas no dia 7 e não no

dia 26. Ele era viúvo e tinha uma filha ainda viva. Sua mulher morreu em 25 de janeiro, mas em 1908 e não em 1907. Ela tinha um nome estranho, que a médium interpretou como Annimelinette; “lindo presente para se dar a uma criança”, disse um dos assistentes ao escutar esse nome, que na verdade é Anthelmette.

É extremamente lamentável que não tenhamos podido confirmar outros detalhes, mas, em todo caso, a existência dessas pessoas na época indicada não poderia ser negada e constitui um documento interessante que nenhuma hipótese extraespírita poderia explicar.

Diga-se de uma vez por todas, pois não retornaremos, as personalidades que elencamos nesse capítulo são todas desconhecidas da médium e das pessoas que assistiram as experiências: nenhum laço de parentesco ou de amizade nos reúne a elas; jamais nenhum de nós ouviu falar ou leu nos jornais qualquer crônica se referindo a elas. Esses são desconhecidos, no total sentido da palavra. Nenhuma relação direta ou indireta sendo estabelecida entre a médium e essas individualidades, a clarividência não pode ser validamente invocada como explicação.

A investigação foi feita pelo sr. Chadeaux, atualmente residindo na avenida de Chatillon, 34.

Observações. – A hipótese cara ao professor Richet não pôde ser invocada aqui, pois, como se fez observar com justa razão, a criptestesia exige uma relação entre o sujeito clarividente e a pessoa ou a cena que são descritos; no caso citado, como nos que seguem, é precisamente a ausência de toda espécie de laço psíquico entre o médium e as personalidades falecidas que se manifestam que constitui para nós uma prova absoluta da independência dessas personalidades e estabelece irrefutavelmente sua realidade.

No mais, nesse caso como em outros, se era a clarividência do sujeito que estava em causa, não se compreenderia como, ao lado de fatos tão claros e precisos que se obtêm por seu intermédio, nós teríamos tido outros que não correspondem a nenhuma realidade: nem porque, se a criptestesia fosse omnisciente, nós não obteríamos à vontade, tirando ao acaso em um dicionário geográfico, o nome de uma cidade qualquer; porque nós não teríamos imediatamente detalhes precisos e circunstanciados sobre todos os indivíduos homens ou mulheres que vieram a falecer nessa localidade. Ora, isso jamais aconteceu. Por que os erros se misturam, assim, com os fatos reais? A omnisciência criptestésica deveria estar protegida contra tais falhas.

A causa que intervém é, então, independente do médium, independente de sua consciência normal ou subliminal, independente de sua suposta faculdade de clarividência. E, como essa causa nos fornece detalhes verificáveis sobre seu passado, em boa lógica nós somos obrigados a admitir que ela é a personalidade que habitou um instante sobre a Terra no endereço e nas condições que ela indica.

ATÉ QUE SE APRESENTE A NÓS UMA OUTRA SOLUÇÃO MAIS VEROSSÍMEL, MAIS ACEITÁVEL E MAIS LÓGICA, PERSISTIREMOS EM VER NAS MANIFESTAÇÕES CONTIDAS NESSE CAPÍTULO UMA INDISCUTÍVEL DEMONSTRAÇÃO DA VIDA APÓS A MORTE.

O Pequeno Gilbert

Em uma das sessões do mês de março de 1921, tivemos a visita de um espírito dizendo-se Basile Sompour, tendo vivido vizinho a Saint-Gaudens ou a Montréjeau. Não pudemos tirar outras precisões dele. Camillo, intervindo, declara que esse espírito, pouco evoluído, não conhecia sua situação, e que era preciso fazê-lo lembrar. Foi então que o fizemos em 9 de abril, mas, ao invés de Basile, foi seu filho que se apresentou.

Eis aqui um resumo do relatório taquigrafado.

“A médium é sacudida por espasmos nervosos; seu rosto muda de expressão; ela cerra os dentes, geme e faz o gesto de afastar alguém.

D. – Então, amigo, o senhor se reconhece?

R. – Mamãe, mamãe... dor de cabeça...

- Há muito tempo que o senhor sofre?

- Não. Mamãe colocou gelo e isso me fez bem.

- Quantos anos o senhor tem?

- Nove anos.

- Como se chama sua mãe?

- Mamãe Jeanne, e depois a outra, lá, mamãe Marie; mamãe Marie era a mamãe de papai.

- Era sua vovó; onde ela morava?

- Saint-Laurent.

- E você, onde você morava? (A médium pronuncia um nome que é interpretado como Vinclignan).

- Saint-Laurent é longe?

- Não muito; é ao lado de Montréjeau.

- Você já foi alguma vez à Montréjeau?

- Sim, o médico que cuida de mim é desse país; ele se chama Bordère; vieram muitos doutores.

- Você compreende que está morto?

- Eu não sei.

- Você se sente melhor que agora há pouco?

- Sim, eu tinha dor de cabeça... me mostraram coisas engraçadas, eu vejo borboletas pretas... mamãe... mamãe... Eu não quero morrer, senhor...

- Você não morrerá, meu pobre menino, porque isso já aconteceu. Vejamos: como você se chama?

- Sompour (Gilbert).

- E seu pai?

- Basile Sompour.

- Seu pai morreu antes de você?

- Não, ele estava em casa; agora está aqui comigo.

- Foi seu pai que veio da última vez?

- Sim, ele tinha perdido a memória; ele morreu de meningite, eu também.

- Você sabe a data de sua morte?

- Em 1885.

- E seu pai?

- Em 1886. Eu morava em Vinclignan, meu pai foi enterrado ali, mas eu não; é uma grande cova onde há 15 lugares.

- Onde era sua escola?
- Em Vinclignan.
- Você sabe o nome de seu professor?
- Não.
- E o nome da filha de sua mãe?
-
- Você tinha irmãos e irmãs?
- Não, eu era o único.
- Vocês tinham bens?
- Sim; as três irmãs se casaram com os três irmãos, para manter os bens.
- Em qual lugar se localiza Vinclignan?
- Nos Altos Pirineus.
- Diga-nos os nomes de seus coleguinhas.
- Eu não sei mais; foi há tanto tempo... o cura não gostava de mim porque eu jogava bolas nos telhados. A vovó Marie teve 15 filhos”.

Visão. – Eu vejo um menino que parece ter uns dez anos, pele morena, cabelos muito escuros, assim como os olhos; ele deve ter sofrido da cabeça; meningite; ele não ficou muito tempo doente: Gilbert Sompour. Há muitos enterros em sua família. Vejo 1885, data da morte desse menino. Vinclignan. Vejo Saint-Laurent, um cemitério, que tem um nome especial, começando com a letra B. O pai deve se chamar Basile Sompour. Vejo o nome do doutor Bordère. Vejo um outro cemitério, que é menor, o de Vinclignan. Basile Sompour morto em julho, aos 41 anos... há uma mancha grande, eu não consigo ler: a mancha está sobre a cruz de pedra onde está a inscrição”.

Investigação. – Foi feita pelo sr. Sauvage, rua Chantiers, 3, que quis se encarregar de verificar essas declarações. Ele obteve o boletim de falecimento certificando que:

Somprou, Basile, maçom, 57 anos, nascido em Montégut, filho de Alexis e de Marie Lafforgue, domiciliado em Aventignan, casado com Reine Léonie, morreu em 22 de junho de 1911.

Aventignan, 18 de abril de 1921.

O prefeito

(carimbo da prefeitura)

Além disso, o sr. Sauvage recebeu do secretário da prefeitura a resposta seguinte, quanto a um questionário que ele lhe tinha endereçado:

1º Médico que cuidou de Gilbert Somprou? Provavelmente sr. Maupomé, em Montégut. A doença que teria causado a morte dessa criança teria sido de curta duração. (Sobre o primeiro ponto, há certamente um erro da parte do secretário da prefeitura: o anuário médico (Guide Rosenvald) traz o doutor Maupomé como diplomado em 1894; então, ele não pôde oferecer seus cuidados a Gilbert em 1886. Ao contrário, Gilbert tinha declarado que o médico que

cuidava dele, com muitos outros, se chamava Bordère; ora, o guia Bosenvald faz figurar sobre a lista de médicos em exercício em Montréjeau o nome seguinte:

Bordère (1877) oficial da saúde; esse nome fica na lista até 1920; de outra parte, o Bottin traz o mesmo nome até 1917. Esse médico tendo sido diplomado em 1877 indica que ele exercia em 1886; é verdadeiro que ele pôde cuidar daquela criança. Nessa questão, é o morto que parece ter razão contra os vivos. Sobre o segundo ponto: a doença teria tido curta duração, foi o que disse a médium no momento da visão: ele não ficou muito tempo doente).

2º Somprou Gilbert faleceu na comunidade de Montégut por volta de 1886, 4 anos (Altos Pirineus). (Gilbert morreu por volta de 1886, aos 4 anos de idade; ele tinha dito que morreu em 1885, aos 9 anos. Ele não tinha falado de Montégut, comunidade de 249 habitantes, situada a 2 quilômetros).

3º Anexo o boletim de falecimento de seu pai Somprou Basile em 22 de junho de 1911, em Aventignan. (A criança tinha declarado que seu pai morreu em 1886; o erro é aqui considerável. Quanto ao nome da comunidade Aventignan, a médium dizia Vinclignan, por causa da pronúncia, seguramente. Acontece o mesmo com o nome de família que Albertine pronunciava Sompour, ao invés de Somprou, por inversão das letras).

4º O pai e a mãe de Gilbert provinham de duas famílias cujos dois irmãos tinham esposado 2 irmãs (Gilbert, com um pouco de exagero, tinha dito: as três irmãs tinham esposado os três irmãos).

5º O nome do professor era Solle. (Gilbert declarou que não se lembrava mais desse nome).

6º Basile Somprou foi enterrado no antigo cemitério de Aventignan, hoje transformado em praça pública.

7º Não há tumba, e, conseqüentemente, não há inscrição. (Albertine via uma cruz com uma inscrição; essa cruz pode ou mesmo deve ter se encontrado sobre a tumba, pois não é comum enterrar um morto sem colocar uma cruz na cabeceira de sua tumba. As duas devem ter desaparecido no momento da transformação do cemitério em praça pública).

8º O cemitério de Saint-Laurent não tem uma denominação particular: (Albertine tinha dito que ele tinha um nome especial começando com a letra B).

Observações. – As inexatidões são aqui tão inúmeras quanto as precisões, mas elas se explicam muito naturalmente pela mentalidade dessa criança de 4 anos cuja memória, ainda mal assentada, não reteve fatos que remontassem a 35 anos. Quantos encarnados estão nessas condições? Quais são aqueles que poderiam se lembrar do nome de seus colegas de escola e de seus mestres? Quanto ao que aconteceu em sua casa após sua morte, a criança não tem senão uma vaga ideia, porque ele coloca a morte de seu pai em 1886, ao invés de 1911; o erro é de 25 anos. Por outro lado, ele cita o médico Bordère, que era vivo nessa época, se lembra do nome de sua avó, Marie, mas se engana sobre o de sua mãe.

Aqui, estamos incontestavelmente, e apesar das lacunas que assinalamos, na presença de uma personalidade real, que dá a prova de sua passagem sobre a Terra, e não de uma personificação obtida por sugestão ou autossugestão.

É preciso notar que o menino declara ter morrido de meningite e ter ficado bastante tempo vagando. Quando ele se comunica conosco, produz-se nele algo análogo à regressão da memória que se observa em alguns sujeitos (Ver os trabalhos dos professores Pitres, Janet, e dos doutores Bourru e Burot), mas memória ainda incompleta.

As confusões identificadas em suas declarações podem, então, perfeitamente ser explicadas por um resto de desordem mental que ele experimentou durante sua doença e que se reproduziu no instante em que se lhe levava o espírito à época de seus últimos momentos.

No mais, essa situação mental se complica ainda pela necessidade na qual se encontra essa criança, de se servir de um cérebro estranho; os erros constatados se explicam logicamente; eles não desfazem em nada as informações exatas que foram possíveis de serem controladas e que nos apresentam a complexidade psicológica desses fenômenos; a verdade e o erro são estranhamente misturados de uma maneira inextricável, contudo compreensível para aqueles que fizeram um estudo aprofundado dos estados da personalidade sonâmbula durante o sono.

A criança queimada viva

Essa psicologia das crianças mortas em tenra idade é extremamente interessante de se estudar, por vezes muito comovente pelas ingenuidades de sua expressão sempre sincera, pois esses pequenos desencarnados jamais buscam representar um papel, nem se colocar em evidência, como o fazem algumas vezes os grandes.

Em uma de nossas reuniões, no começo de 1920, evocamos, pela demanda de um amigo, seu pequeno Yéyé, bruscamente levado de seu afeto após uma curta enfermidade. Yéyé nos dá comunicações surpreendentes em precisão, de uma graça tocante que nos põe lágrimas nos olhos, e, numa de suas últimas intervenções, ele nos anuncia que nos traria sem tardar um de seus pequenos colegas do espaço; ele manteve sua palavra como se vai observar.

Eis a ordem os relatórios:

1º Sessão de 22 de abril de 1920, na casa do sr. Bourniquel. – A médium reproduziu a agonia de uma criança queimada viva (estado de transe), sua voz revela a mais terrível angústia; e por monossílabos lamuriantes, faz compreender que ele foi queimado no ventre ao mexer com fósforos, apesar da defesa de sua boa mãe, e que ele não o fará novamente. Em estado de vidência, a médium declara sentir um forte odor de fumaça vindo de panos queimados e percebeu a criança cujo espírito havia se incorporado no início da sessão. Ela faz a descrição dela.

2º Sessão de 26 de abril, na casa da sra. Capéra. – Incorporação da criança queimada. Ele diz ter três anos e se chamar Mimi. Ele reclama ainda da barriga e fala de sua avó. Ele entende não ter mais mãe. É impossível ter outras informações, mas, sobre uma questão, ele declara que há perto dele um menino pequeno com quem ele brinca.

Incorporação de Yéyé que diz que é ele que se ocupa do pequeno Mimi e ele acrescenta que esse pequenino morava em Montmirail.

“Ah, sim, interrompe alguém, Montmirail em Aisne.

- Talvez seja Montmirail em Marne, diz um outro.

- Há também as águas de Montmirail em Vaucluse”, diz um terceiro.

Mas Yéyé os coloca a todos em acordo:

“Não, diz ele, Montmirail é em Sarthe”.

É impossível saber o nome da família, mas Yéyé diz que ele enviará Mimi a casa dele e que, na próxima vez, ele estará mais lúcido. Ele repete que a criança não tem mais a mãe e que é seu avô que lhe fornece as informações concernentes a Mimi.

Em estado de vidência, confirmação dessas informações.

3º Sessão de 2 de maio, na casa do sr. Bourniquel. – Yéyé indica que o pequeno Mimi se chama Albert Lenay, morto por volta de 15 de novembro de 1885, em Montmirail, órfão de mãe, mas tendo seu pai e sua avó.

Após essas sessões, um dos assistentes, o sr. Albert Villot, advogado na Corte de apelo, quis se encarregar de tomar as informações necessárias para saber se há 32 anos uma criança morreu nessa cidade de 730 habitantes, nas condições indicadas. Eis a resposta do secretário da prefeitura.

Montmirail, 4 de junho de 1920.

Senhor,

Os dados de Registro civil obtidos na prefeitura de Montmirail mostram que Albert Arthur Raphaël Lenay nasceu nessa comunidade em 29 de outubro de 1885.

O supracitado morreu em Montmirail em 18 de novembro de 1888.

Penso que essas informações poderão satisfazê-lo.

Atenciosamente,

Secretário da prefeitura. Assinado: Bouvet.

Quanto à data, houve confusão; a criança não morreu em 15 de novembro de 1885, mas em 18 de novembro de 1888; ele tomou o ano de seu nascimento como ano de sua morte; entretanto, ele tinha três anos.

Restava, ainda, um conjunto de detalhes que seria bom esclarecer relativamente a:

1º A natureza da morte do pequeno Mimi (fósforos, tecidos, queimaduras no ventre);

2º Se havia uma avó;

3º Se sua mãe estava morta;

4º Se seu pai vivia.

É por isso que o sr. Henri Sauvage escreveu, a seu turno, à Montmirail. Ele obteve a resposta seguinte, a qual inserimos integralmente.

Montmirail, 16 de agosto de 1920.

Senhor,

Resulta das informações que pude recolher relativamente ao falecimento de Albert Arthur Raphaël Lenay ocorrido em 18 de novembro de 1888, as 10 horas da manhã, que depois da morte de sua mãe, falecida em 4 de junho do mesmo ano, essa criança tinha sido confiada por seu pai, *maître d'hotel*, aos cuidados de seus avós maternos, o casal Menant, cujo marido era paralítico.

Na manhã de 18 de novembro, por volta das 7 horas, durante uma curta ausência da avó para fazer as provisões da casa, o pequeno Lenay, travesso, se levantou e, sem dúvida tendo encontrado fósforos, quis fazer fogo. O fogo passou para sua camisa de pijama. A avó, entrando no mesmo momento, se colocou de pronto ao socorro da criança pedindo ajuda, e com os vizinhos extinguiu as chamas.

O pai, imediatamente avisado sobre o acidente, chamou o médico, mas todos os cuidados foram inúteis. Todo o corpo tinha sido carbonizado pelas chamas, notadamente a barriga. A criança sucumbiu por volta de três horas depois de horríveis sofrimentos.

O sr. Lenay, pai, que ainda é vivo e mora na comunidade de Melleray, do departamento de Montmirail, sofreu uma grande tristeza pela morte do filho.

Queira apresentar minhas desculpas à sra. Villot pela demora em trazer essas informações, mas, nos interiores, nem sempre é fácil obter o que se quer.

Atenciosamente,

Secretário da Prefeitura Assinado: Bouvet

Observações. – Então, é certo:

1º Que uma criança de três anos de nome Alfred Lenay morreu em Montmirail (Sarthe);

2º Que sua passagem foi causada pelo fogo dado em suas vestimentas pelos fósforos e que foi o ventre que foi mais atingido;

3º Que ele tinha uma avó;

4º Que sua mãe tinha falecido;

5º Que seu pai existia e ainda existe. Ora, nenhum dos assistentes nas três sessões tinham morado em Montmirail e não suspeitavam sequer da existência desse lugar. Ninguém se lembra de ter ouvido falar desse fato ocorrido há 32 anos, que jamais foi publicado no jornal da localidade (evidentemente). Quando esse acidente aconteceu, a médium não tinha mais que onze meses e vivia a 920 quilômetros de Montmirail. O número de detalhes exatos desfaz qualquer suposição de coincidência fortuita; a ausência de qualquer relação entre os membros do círculo e a família Lenay suprime a hipótese da psicometria.

Aqui ainda nós nos encontramos incontestavelmente diante de um caso de regressão da memória. Vemos, da maneira mais manifesta, que os espíritos que se comunicam se apresentam no estado em que se encontravam no momento de sua morte, qualquer que seja o tempo desse falecimento. Circunstância totalmente notável é o pequeno Yéyé, morto recentemente, mas desperto (ou reconhecido, seguindo a expressão usual), que serviu de guia a Mimi, bem menos avançado, embora este tenha morrido há muito tempo. Isso parece definir que a noção do tempo é uma coisa puramente terrestre; que os períodos que nos parecem muito longos são, na verdade, de pouca importância para o espírito desencarnado.

É curioso constatar que nos espíritos pouco evoluídos a última situação psicológica terrestre persiste no espaço durante um período indeterminado até o momento onde o despertar acontece.

Isso confirma o que já sabemos pelas experiências de nossos predecessores.

O locador de carros

26 de abril de 1921, Montmorency. – Quando a médium entra em transe, pede-se a um dos doutores presentes para verificar seu estado psicológico; este faz breves constatações e levanta a pálpebra do sujeito. O sr. Bourniquel faz cessar a catalepsia que estava completa, o corpo em arco de círculo, e questiona a médium, que responde com muita facilidade.

“Faz calor; ah, estou mal! Como está quente essa sala! Olhe para mim, esse sol; sufoca-se, está tudo fechado.

- Onde o senhor está?
- Estou no hospital Cochin.
- O senhor sabe que está morto?
- Sim, estou morto.
- Por qual doença o senhor foi levado ao hospital?
- Eu sofria do ventre; foi um médico que me enviou à Cochin; em casa eu não poderia me cuidar.
- O senhor mora em Paris?
- Sim, avenida de Choisy, nº 60.
- Seu nome?
- Marie Victor Menière (Todos os nomes próprios foram mudados, mas temos os verdadeiros à disposição daqueles que desejarem verificar).
- Que idade o senhor tinha?
- 30 anos.
- O senhor morreu há muito tempo?
- Sim, 1906, 17 de junho.
- Como se chama sua mulher?
- Berthe Bousquet. Eu morava com os pais de minha mulher. Eu ajudava meu sogro. Eu tinha um filho, Guillaume Victor, que tinha um ano, quando casei, em 1900. Minha mulher tinha sido criada em Auvergne.
- Sua mulher está morta?
- Ela não está mais com os velhos.
- Por quê? Ela se casou novamente?
- Ela partiu; partiu com um incompetente; ela teve dois filhos com esse tipo; ele batia nela; são dois bêbados. O senhor vai ver os velhos, o senhor verá o que dirão dessa cadela; ela mora na avenida Sainte-Marie, nº 6, cidade Doré; eles têm duas filhas; a mais velha deve ter uns oito anos. É uma bagunça. Tudo revirado, lá dentro. Minha mulher trabalha numa carvoaria; é uma sujeira. Eu não queria vir para ver essas coisas. Estou triste porque ela se conduz mal; não retornarei mais para lá.
- Em que ala o senhor esteve, no Cochin?
- Ala Saint-Louis, creio. Eu era charreteiro; alugavam-se charretes; não era um grande negócio, mas durante um tempo tivemos um cavalo; fazíamos mudanças; eu era comissário. Quando era vivo, minha mulher era honesta; ela está assim desde minha morte. Eu não queria ver tudo isso que vejo.
- O senhor tentou fazer provocar algum fenômeno físico para manifestar sua presença?
- Sim, mas eles não entendiam do que se tratava.
- O senhor sabia que estava morto?
- Eu soube quando Berthe partiu de casa. Guillaume, meu filho, agora tem 23 anos.
- Essa criança nasceu antes de seu casamento? Pois ele deveria ter 16 anos.
- Ele tem mais que isso: eu casei em 1900; ele nasceu em 1899 e eu morri em 1906...

- Então seu filho tem 22 anos.
- Sim... Eu sou parisiense, nascido no século XIII.
- Qual é sua data de nascimento?
-
- Onde o senhor foi enterrado?
- Quanto a isso, eu não dou a mínima; Ivry, creio.
- E aquele que viveu com sua mulher, como ele se chama?
- Para mim, isso não tem nenhuma importância.
- Seria, então, que, durante sua vida, o senhor não teria merecido essa punição?
- Não, não; como todos os homens que trabalham, de tempos em tempos eu bebia um pouco no balcão, mas eu não era um bêbado.
- Que idade tinha sua mulher no momento do seu casamento?
- Uns vinte anos; eu tinha 24 anos; ficamos 6 anos juntos. É minha mulher que trabalha e leva dinheiro para casa; ele é um verdadeiro inútil. Já estava na hora de eu sair de lá”.

Visão. – Eu vejo um home de tamanho médio, um pouco grande, 1 m. 75; ele tem um ar infeliz e doente, bochechas fundas, uma cabeça de tuberculoso. Ele deveria sofrer violentamente da cabeça. Ele se veste como um operário, com um macacão. Marie Victor Menière. Ele parece ter 30 anos. O bigode estilo gaulês; a linha ao lado. Vejo o hospital Cochin. Vejo charretes, um cavalo, o nome Bousquet; Berthe Bousquet é o nome de sua mulher; ele tem um filho; 1900; - 1906, é a morte desse pobre homem, 17 de junho. – Aniversário: ele deve ter nascido em 17 de junho e morrido 17 de junho. Vejo uma mulher muito mal vestida; ela deve trabalhar no carvão. Avenida Sainte-Marie nº 6. Ela deve beber; ela parece ter 40 anos; vejo 2 meninas ao lado dela, elas também estão sujas; a mais velha parece ter 8 anos, a outra 5 anos. O filho deve ser soldado.

Investigações. – Sr. Sauvage, que se encarregou de uma parte da investigação, teve alguma dificuldade em conseguir as peças oficiais. Entretanto, ele conseguiu o registro de casamento e o registro de falecimento, a seguir:

AUTO DE CASAMENTO

17 de maio de 1900; 13º Distrito de Paris

Casamento M... e B... de 17 de maio de 1900, casamento de M... Victor, nascido em Paris, 13º Distrito, em 15 de junho de 1876, 2º artilheiro na 40ª de artilharia em Châlons-sur-Marne, filho de... e B... Marie Pacifique, nascida em Paris, 10º Distrito, em 15 de dezembro de 1879, residindo em Paris, avenida de Ghoisy, nº..., filha de....

Ele não fez contrato.

REGISTRO DE FALECIMENTO

19 de junho de 1906; 14º Distrito de Paris

Falecimento de M... Victor, em dezenove de junho de mil novecentos e seis. Falecimento de M... Victor, 30 anos, cocheiro de entregas, nascido em Paris, residente... falecido, 47, rua do

subúrbio Saint-Jacques, filho de....., esposo de Maria Pacifique B.... 26 anos, trabalha por jornada.

Também o sr. Ghadefaux, encarregado da investigação, teve dificuldades em encontrar essa pista; eis aqui um extrato de seu relatório:

Paris, 25 de abril de 1921.

Senhor Presidente,

... A comerciante de vinho, no nº 60, a qual eu me dirijo, avenida de Choisy, me informa que, de fato, Bousquet e seu genro Menière moraram ali em outro tempo; que eles foram substituídos por uma dama de Paris, sua parente, a qual, estabelecida atualmente em Gentilly, seria a mesma a fornecer as indicações precisas. Ela confirma os dizeres de Menière, sem poder precisar as datas e acrescenta que Guillaume, o filho, idade de 23 anos, trabalha com seu marido como entregador de carvão e que ele pernoita com eles no nº 60. Quanto à mãe desse jovem homem, ela tem uma reputação deplorável; ela vive com um imprestável de nome Fort. Visitei em seguida a Cidade Dourada (ou avenida Sainte-Marie), verdadeiro refúgio de favela cheirando a miséria e vício. A viúva Menière, dita mulher de Fort, não estava. Uma senhora idosa que me mostrou a casa me seguiu para me dizer que se eu tinha ido para uma solicitação de auxílio, eles não seriam dignos dela, estando sempre todos os dois bêbados etc...

Atenciosamente....

L. Chadefaux

2º relatório de 27 de abril: Visitei ontem Gentilly onde a sra. Paris me fez a seguinte declaração:

“Sou prima irmã de Berthe Bousquet, viúva de Marie Victor Menière. Este morreu de tuberculose aos 30 anos, no hospital Cochin, ala Saint-Louis, em 16 ou 17 de junho de 1906. Fui eu que reconheci o corpo no hospital e que solicitei o enterro em Ivry, ao invés de Bagneux. Menière morou e trabalhou por muito tempo com seu genro Bousquet, locador de charretes, avenida de Choisy nº 60. Guillaume Menière, o filho, nasceu em fevereiro... no hospital Lariboisière. Ele foi reconhecido por seu pai, depois legitimado pelo casamento. Ele deve ter 23 anos, sendo da classe 19. Na infância, minha prima Berthe foi criada por muitos anos em Vernières, próximo a Saint-Flour (Cantal). É certo que desde a morte de seu marido ela vive com um inútil”.

L. Chadefaux.

As duas investigações, então, trouxeram a confirmação de tudo que havia sido dito pelo comunicante; alguns erros muito leves mal podem ser identificados: quando ele mostra a médium, por exemplo, que a data de sua morte é a data de seu aniversário: 17 de junho – 17 de junho, enquanto as datas reais são 15 junho – 19 de junho.

Não sejamos tão severos com relação aos erros cometidos pelos espíritos; os vivos os cometem tanto quanto: a prima Paris disse que ele morreu no dia 16 ou 17 e, entretanto, foi ela que reconheceu o corpo e solicitou o enterro em Ivry. Acontece também que algumas vezes os espíritos retificam os erros dos vivos: assim, na sessão de incorporação, um de nós tendo dito que o filho, Guillaume, deveria ter 16 anos, o espírito insistiu em afirmar que ele

deveria ter mais, e, verificação feita, era ele que tinha razão. A mentalidade de Victor Menière não é complicada; ele diz o que pensa e não mastiga suas palavras; ele fala como um homem sem educação, mas tem sentimentos honestos que o fazem desaprovar a conduta de sua mulher. Constata-se que ele sofre por ela e suas expressões rudes denotam uma sensibilidade aguçada. Ele vê, sem dúvida, o que se passa no abrigo miserável onde se instalou sua mulher; o quadro realista que ele faz disso parece sair da pluma de Eugène Sue. Enfim, ele sabe que está morto; desde a partida de sua mulher, diz ele, e como essa partida foi próxima à morte do marido, presume-se que Victor não ficou por muito tempo na ignorância⁶.

A investigação foi muito difícil de iniciar porque a casa que tinha o número indicado pelo espírito foi demolida e substituída por uma casa moderna. Um de nós, sem ter sido encarregado, fez uma investigação informal que não retorna nenhum resultado; ele não encontra nem a casa nem ninguém que possa prestar informações. Ele volta de mãos vazias. Já o sr. Sauvage se depara com dificuldades administrativas sobre as quais não insistimos, mas que o fizeram ceder desde o início de suas pesquisas. Foi diante de nossa insistência que ele as retomou, com maior sucesso desta vez. Tocou ao sr. Chadeaux completá-las da maneira mais feliz. Quando ele conheceu a Cidade Dourada, as crianças maltrapilhas e a idosa miserável, tomando-o por um pequeno manto azul, corriam atrás dele, tal como os bandidos da Corte dos milagres, na Notre Dame de Paris.

Como supor, então, que um membro do grupo onde a médium teria podido se informar, previamente, do registro civil de Victor Menière, de todas as particularidades de sua existência, das datas do casamento e da morte, seguir a pista da viúva e do filho, assistir o nascimento das duas meninas, ter sido testemunha da decadência dessa mulher ainda jovem, do estado de embrutecimento no qual ela caiu? A evidência dos fatos, a lógica, a observação e o bom senso se combinam nessa comunicação como na maior parte das outras e nos mostram a intervenção de uma inteligência que não é a nossa; ela não pode também originar de nenhum sobrevivente dessa família.

A mulher do guarda rural

19 de junho de 1921, Montmorency. – A médium reproduz uma agonia muito impressionante: ele cerra os dentes, seu rosto é completamente transformado e doloroso, os músculos do pescoço são fortemente tensionados. Ela chama:

“François!!!

- O que o senhor quer dele, de François?

- É preciso me cobrir; todo meu corpo está frio.

- Meu pobre amigo, o senhor está morto; o senhor sabe, compreende?

- Sim; eu tive um ataque, mas eu não estava doente.

- Como o senhor morreu?

- Eu estava com frio, frio, frio.”.

O sr. Bourniquel aplicou passes na médium.

“Agora o calor; o senhor está com calor, agora?”

As mãos da médium se aquecem. Pergunta-se a ele em que ano ele está; ele coça a cabeça e diz:

⁶ Nota da tradução: o termo original, *trouble*, pode também ser compreendido como “perturbação”, “indefinição”, “turbidez”.

“Creio que estejamos em 1902... Eu morava em Pesmes, na Haute-Saône, distrito de Gray; foi lá que eu cresci. Eu me chamo Fuin (Françoise); eu devia ter uns 72 anos; meu marido estava vivo, ele se chamava François e ele trabalhava com vinhas. Fazemos um bom vinho, por lá. Tínhamos vacas em casa; morávamos na pequena cidade de Chaumersaint. Eu nasci e morri em Pesmes. Eu tive 9 filhos.

- Quantos meninos?

- Eu não sei o que aconteceu a eles. Onde estou?

- Aqui, nos ocupamos dos mortos, praticamos o espiritismo; a senhora compreende?

- Como as bruxas. Essas mulheres fazem mal ao gado, elas lançam feitiços que adoecem as vacas. É preciso chamar o cura para desfazer. Ele conserta, ele faz uma novena e o feitiço vai embora. Ah, essas pessoas, quando estão perto de alguém, é inútil borrifar sulfato nas vinhas... Quando essas mulheres passam, elas jogam um pó...

- A senhora se sente melhor?

- Não estou com calor; sim, está nevando, estamos no inverno; temos carvão.

- Conte-nos alguns fatos importantes de sua existência.

- Não é muito importante. Meu marido era guarda rural em Chaumersaint; morávamos em Pesmes; não é longe. Ele ganhava 500 francos por ano por seu trabalho; com isso não se era infeliz.

- E seus filhos?

- Quando vou a nossa casa, eu os vejo; uns estão mortos, os outros vivem; muitas vezes eu volto à casa; eles vão trabalhar nas vinhas. Eu não trabalho mais nas vinhas; mas eu apenas vou a minha casa. Eu não me dou conta; é como um sonho. Os filhos estão enterrados em Pesmes, eu também.

- Seu marido ainda vive?

- Eu o vejo, como vejo os filhos.

- A senhora quer ir a sua casa e observar se seu marido é vivo ou se ele está morto?

-.....

- A senhora já foi alguma vez à Paris?

- Paris? Muito obrigada; todo mundo tem paixão por ela... Meu marido morreu em 1907; ele era mais velho que eu: 82 anos.

- Ele morreu em Pesmes?

- Não... Eu não sei de nada disso. Vivíamos bem tranquilamente.

- Dos nove filhos, quantos restaram?

- Restam-me 3; eu perdi 6, meu nome era Françoise Puin, esposa Mazuré.

- Desde que a senhora morreu, houve mudanças, progresso; os automóveis, os aviões.

- Oh, lá lá! A mecânica; então deixe o trabalho como ele era. Noutro tempo, ia-se a pé e não havia problema, não se era rico, mas não se fazia mal a ninguém. Quando meu marido via algum caçador, ele não perdoava: ele era severo, mas justo; ele não fazia esse trabalho quando velho, mas quando jovem”.

- Visão. – A médium descreve uma mulher idosa enrugada, com uma touca sem rendas, uma faixa nos cabelos; um par de tamancos com pantufas; deve estar frio nesse lugar; ela tem um

grande xale sobre os ombros, feito em lã tricotado à mão. Depois ela vê uma casa pontuda, velha, coberta por telhas; há um galpão com animais de chifres. A cidade é muito pequena com colinas e vinhas cobertas de neve. Françoise Fuin. Pesmes. Escuto Haute-Saône, Chaumersaint (distrito de Gray). Ela vê igualmente um homem carregando uma espécie de bomba como um pulverizador, de nome Mazuré; ele é idoso, parece ter 80 anos. Ele parece carregar relatórios; ele não está de uniforme, mas ele carrega documentos para as contribuições.

Em 23 de junho, o espírito, lembrado, completa assim suas declarações, que resumimos aqui:

“Eu me chamo Françoise Mazurier, nascida Fuin; meu marido nasceu em Pesmes e eu em Chaumersaint. Eu nasci em 11 de setembro de 1821 e morri em 3 de janeiro de 1897, em Dijon, onde minha filha me colocou com as irmãs, no abrigo de idosos. Minha filha se chamava Françoise Gye e seu marido era serralheiro no Portal d’Ouche; ela morreu aos 47 anos, em novembro ou dezembro de 1905. Seu filho Georges está na casa; ele trabalha como seu pai. Meu genro se casou novamente 14 meses após a morte de minha filha; ele também morreu; seu filho o sucedeu; ele é muito bravo e valente.

“Eu morri de erisipela e eu tive como um ataque. Eu me casei na República de 48; um século desde que nasci! E eis o tempo”.

Pesquisa. – Sr. Chadefaux, encarregado da pesquisa, recebeu a peça oficial seguinte:

R. F. Boletim de Falecimento

Cidade de Dijon. Registro civil.

Em cinco de janeiro de mil oitocentos e noventa e oito morreu em Dijon Jeanne Françoise FUIN, setenta e seis anos de idade, nascida em Chaumersaint (Haute-Saône), em 5 de setembro de 1821, residindo em Dijon, boulevard de Strasbourg (Asilo dos idosos), filha do falecido Antoine Fuin e da falecida Madeleine Guignolet, sua esposa, e casada com Jean Françoise Mazurier.

Por nota, Dijon, em trinta de junho de 1921.

(Carimbo da Prefeitura)

Uma nota especial da prefeitura declara:

“Não nos é possível saber se ela morreu de erisipela; essa informação não existe no ato de seu falecimento”.

Uma outra nota do secretário da prefeitura de Pesmes diz o seguinte:

“Não existiu Mazurier, guarda rural em Pesmes, e nem Mazurier falecido em Pesmes em 1902. Esse nome é bastante comum nessa região e as pessoas as quais eu pedi informações acreditaram se lembrar de haver outrora um guarda rural de nome Mazurier em Sauvigney-les-Pesmes, onde o senhor poderá se dirigir. Nasceu em Pesmes, em 1821, um Jean François Mazurier. É este que lhe interessa?”

Sr. Chadefaux, de parte dessa indicação, se dirige então ao prefeito de Sauvigney-les-Pesmes, que responde:

“Senhor Chadefaux,

“Quanto ao foco das informações que o senhor me solicita concernente a François Mazurier, eu tenho a honra de lhe dizer que esse último foi durante dez anos guarda rural em nossa comunidade, de julho de 1854 a maio de 1864. Esse home foi um bom trabalhador, criou uma numerosa família que era muito estimada.

Atenciosamente,

O Prefeito de Sauvigney-les-Pesmes. Ch. Bardy.”

(carimbo da prefeitura).

Enfim, aqui, uma outra carta que completa e justifica as informações de família dadas pelo espírito; ela está endereçada a uma outra pessoa que desejou se encarregar de uma parte da pesquisa:

Dijon, 30 de julho de 1921

Caro Senhor Grandjean,

Encontrei, enfim, um momento para fazer as investigações sobre a identidade de Mazurier. Pode-se responder que está tudo certo, e mesmo que algumas informações que poderiam parecer erradas para todo mundo são verdadeiras para os filhos e a mulher apenas. Eis aqui:

No asilo de idosos (dito as Pequenas-Irmãs) me fizeram saber que Jeanne-Françoise Fuin, esposa de Jean Mazurier, nasceu em Chaumersaint em 5 de setembro de 1821 e entrou no asilo em 26 de julho de 1897 onde ela faleceu em 5 de janeiro de 1898.

Seu marido foi guarda rural não em Pesmes, mas em Sauvigney-les-Pesmes. O neto Georges Gey (é Gey e não Gye) sucedeu seu pai serralheiro no portal d’Ouche (a última casa à esquerda da rua Monge). Ele não é o único neto da sra. Mazurier, mas o único sobrevivente de seu pai e mãe para ele. Sua mãe Françoise Gey morreu em dezembro de 1902 e não em 1905.

O senhor tem aqui, então, todas as informações sem ter necessidade de passar por Pesmes, porque o neto e sua mulher me confirmaram e retificaram tudo o que o senhor perguntou ou indicou.

Devo lhe dizer que o sr. e a sra. Gey, que são pessoas inteligentes, muito sérias, à vontade e bem criadas, ficaram muito impressionadas com todos os detalhes tão exatos e complexos de sua carta que li para eles para pedir-lhes que verificassem a precisão dela.

A princípio, duas informações lhes pareceram inexatas, como a data do casamento do pai Gey (4 anos e não 14 meses depois de sua viuvez), mas ao refletir, reconheceram que o pai começou a morar junto por volta de 14 meses depois da morte de sua mulher. O mesmo para a existência dos netos da senhora Mazurier que são vários, mas cujo filho Gey resta o único.

O senhor tem aí um caso bem definido de identidade.

A. Lafont.”

Observações. – As inúmeras particularidades dessa experiência excluem, da maneira mais formal, toda explicação pela criptestesia. Se o sr. Prof. Richet desejou se dar o trabalho de estudar esse caso e alguns outros contidos nesse capítulo, ele terá dificuldades para manter sua hipótese que, aqui, tende contra a lógica e não pode resistir à análise dos fatos.

Não reteremos mais que dois pontos de todos aqueles que foram enumerados pelo espírito, controlados pela investigação e reconhecidos exatos:

1º Meu genro estava estabelecido no portal d'Ouche. Para usar um termo parecido, seria preciso que se conhecesse bem Dijon e que se fosse de uma idade avançada, pois há muito tempo que essa denominação Portal d'Ouche foi substituída por Rua Monge. É isso que nos assegura sr. Lafont, de quem tomamos conhecimento mais tarde, em Paris, onde ele se encontrava de passagem.

2º Meu genro se casou novamente 14 meses após a morte de minha filho. Assim que se relata essa afirmação ao sr. Gey, o filho desse genro, ele declara a princípio que haveria um erro, tendo seu pai se casado 4 anos após sua viuvez. Mas é após ter refletido que ele diz: “Entretanto, o que o senhor diz poderia estar certo; eu me lembro agora que ele se veio a morar junto 14 ou 15 meses depois sua viuvez”. Não temos a honra de conhecer sr. Gey; é assim que no-lo diz o sr. Lafont, um homem sério e inteligente; também permitamo-nos insistir sobre esse ponto delicado porque ele tem uma importância considerável.

Quem conhecia esse detalhe: Georges Gey, e somente ele, porque ele é o único sobrevivente da família; ele conhecia esse detalhe, mas ele o esqueceu ao ponto de ter sido necessário algum tempo de reflexão para se lembrar. Se ele mesmo tivesse assistido a sessão de 23 de junho, a médium não teria podido encontrar essa informação na memória normal do sr. Gey, para quem a expressão casar-se novamente implica a ideia de uma formalidade administrativa e oficial. Se, de outro modo, uma pessoa do grupo ou a própria médium tivesse feito a viagem de Dijon para ir se informar com ele, diante a indiscrição de tal abordagem, o sr. Gey teria provavelmente respondido: ocupe-se com suas coisas.

Daí se erige a hipótese espírita. Ela toma aqui uma consistência, uma força tal que insistir na admissão de uma outra pareceria simplesmente ridículo. Todas as observações psicossistemáticas da ciência incerta não podem nada contra tal feixe de provas, essas provas que Laplace queria proporcionais à estranheza dos fatos.

“Estamos, acrescenta o ilustre astrônomo, tão longe de conhecer todos os agentes da natureza e seus modos diversos de ação, que não seria filosófico negar os fenômenos unicamente porque eles são inexplicáveis no estado atual de nossos conhecimentos. Apenas devemos examiná-los com uma atenção tão mais escrupulosa que parece mais difícil admiti-las”.

Se ele tivesse vindo ao mundo com um século de atraso, as novas teorias espíritas teriam dado a Laplace a explicação de alguns desses fenômenos e a experimentação lhe teria demonstrado a exatidão dessas teorias, pois ao inverso dos sábios atuais, ele tinha o espírito aberto a todas as novidades.

Ressaltemos, enfim, que o espírito tinha dito ter morrido, na 1ª vez, em Pesmes, e na 2ª vez em Dijon; suas lembranças se tornam mais precisas na segunda incorporação.

O ferroviário

Nos idos da tarde de 12 de agosto de 1906, Etienne Dubuisson, empregada na Cia das Ferrovias do Norte, se encontrava no depósito de bagagens na rua dos Peixeiros, onde estava igualmente instalado um economato, a uso dos ditos empregados.

O calor era sufocante; nenhum sopro de ar refrescava a atmosfera. Indisposto por essa temperatura insuportável, se sentindo pouco à vontade, Dubuisson desceu ao porão esperando encontrar ali um pouco de frescor.

Depois de um longo tempo, seus camaradas, não o vendo subir, foram ver o que ele fazia; eles o encontraram sentado sobre caixas, o rosto inchado, o pescoço inchado, respirando com dificuldade.

“Então, não está bem, meu velho? Que é que você tem?”

Ele responde com dificuldade: “Oh! Minha cabeça, minha cabeça! Ah! Sinto calor!”

Ele morava no bairro, cidade Marcadet nº18; rapidamente ele é transportado; o médico chamado diagnosticou uma congestão cerebral e prescreveu compressas de gelo. Nenhum cuidado pôde impedir o progresso rápido do mal e Dubuissou morreu dois dias depois.

Ele nasceu em Vesoul em 7 de novembro de 1854. Vindo cedo para Paris, ele esteve em diferentes empregos, se casou com uma jovem da Suíça, Louise Riéder, mais jovem que ele doze anos. Ela era cozinheira há 18 anos na casa do sr. Lumas, empregado na Companhia do Norte, residindo em Cuistine, rua 3; graças a ele, Dubuissou foi contratado na Companhia. Desse casamento nasceu uma menina, Jeanne, que, mais tarde, esposou um indivíduo de má conduta, uma dessas mentes fortes que não param de resmungar contra os patrões; entretanto, seu sogro terminou por fazê-lo entrar na Companhia, de onde ele foi demitido em 1910, em tempo de greves. Quando ele se casou, em 1906, ele morava na rua Championnet.

Depois da morte de Etienne Dubuissou, sua mulher, sua filha, seu genro, bem como um menino pequeno, Jojo, nascido do casamento destes últimos, deixaram Montmartre e foram morar numa casa para operários da rua Bout-du-Rang, nº 3, em Gentilly. Episódios contínuos, provocados pela má conduta e brutalidade do genro, cresciam entre eles dia após dia. Abandonando sua mulher, então grávida de seu nono filho, o genro partiu para não se sabe onde.

Isso se passou no início de 1921. As duas mulheres deixaram logo Gentilly e foram morar em Paris, no hotel da Renascença, rua de Bièvre, 5.

No mês de dezembro elas receberam uma visita que as intrigou bastante.

Um senhor de idade, sr. Chadefaux, antigo magistrado, se apresentou à sra. Dubuissou, perguntando-lhe se ela era a viúva de Etienne Dubuissou, antigo empregado da Cia do Norte, morto em tais e tais circunstâncias, como nós mencionamos acima.

“Sim, disse Louise Dubuissou, tudo isso está certo; mas como o senhor sabe?

- Bem, foi seu marido que nos disse!”

Estupefação da boa senhora que se pergunta de início se ela não estaria lidando com um louco; mas diante do tom calmo e sossegado, da atitude séria de seu interlocutor, ela se arrisca a pedir explicações:

“Como? Foi meu marido que lhe disse isso? Mas ele morreu há 15 anos!

- Isso não diz nada, ele nos disse do mesmo modo, respondeu impertubavelmente o sr. Chadefaux.”

Dessa vez, Louise Dubuissou parou. Foi preciso explicar, longamente, como, em uma casa de Auteuil, durante uma sessão espírita, um médium tinha incorporado um espírito que tinha dado as informações em questão e manifestado o desejo de que se chegasse a sua mulher. Foi ele que indicou a rua do Bout-du-Rang, onde o sr. Chadefaux se apresentou; lá disseram-lhe sobre a mudança das duas mulheres e seu novo endereço em Paris.

Espiritismo!... Médium!... Incorporado!.... A viúva estava cada vez mais desorientada. Entretanto, ela reconheceu que tudo isso que lhe tinha sido dito concernia à história de sua vida, a de seu marido, de seu genro, de seus netos, estando rigorosamente certo.

E ela voltava sempre a esses nomes cabalísticos, cheios de mistério e do desconhecido: espiritismo... médium...

O sr. Chadefaux teve de explicar como se chegou a recolher essas informações, pela voz de uma pessoa que os ignorava completamente, e que, ao despertar, tinha visto o defunto e dado a descrição seguinte dele:

“Grande, magro, cabelos negros, bigode escuro, cheio, parecia ter de 47 a 50 anos. Ele usava um macacão e um boné com as iniciais C. N. Ele empurrava um carrinho onde estavam empilhados pacotes, mercadorias. Etienne. Eu vejo um outro nome invertido: nossiubuD. Ele deve ter morrido quase subitamente, 15 de agosto de 1906. Cidade Marcadet. Vesoul, Haute-Saône. Gentilly, casa operária, rua Bouturand. Vejo ruas em declive, pavimentações, casas velhas. Uma rua nova: aconteceram trabalhos nessa rua, casas demolidas”.

Com relação a esses trabalhos, o espírito disse que a cidade Marcadet tinha sido demolida para dar lugar à rua Léon; ele disse também que foi assistente numa loja de sapatos do boulevard de Clichy, sr. Michel; Louise Dubuisson retificou dizendo que aquele foi o fornecedor de sapatos na pequena equipe da Companhia. Ela mostra ao sr. Chadeaux seus documentos de família e os de sua filha: todas as informações eram de uma exatidão rigorosa, com exceção do nome do genro que se chama P... e não Fortin, como erroneamente pretendia o falecido sogro.

A viuva foi convidada a assistir a reunião seguinte; eis o resumo do relatório dessa visita:

Sessão de 18 de dezembro. – Sra. Dubuisson, que havia recebido o pedido do nosso presidente de vir a Montmorency, assiste a sessão. É com uma profunda e compreensível emoção que ela escuta a leitura do relatório; este evoca as lembranças de toda sua existência laboriosa, dolorosa e honesta; essas lembranças lhe trazem as duras horas de outrora, a luta contínua contra a adversidade, os lutos cruéis. Sua emoção é intensa e todos seus esforços se aplicam por contê-la. Fixa sobre sua cadeira, muda, sem um movimento, ela escuta avidamente, espantada com tantas precisões. E quando alguém lhe pergunta se ela quer se comunicar com seu marido, ela faz um gesto afirmativo em consentimento.

A médium incorpora de novo o espírito de Dubuisson. Este aperta afetuosamente as mãos de sua mulher, em um gesto de proteção e de amor. Ele se esforça por encorajá-la com palavras consoladoras, lembra a ela as memórias de um passado longínquo, sua união que teve suas horas de felicidade e de trabalho duro; seus longos esforços para viver honestamente e criar a pequena família.

Ele se interessa pelo futuro dos filhos de sua filha, pede que alguém venha em auxílio deles. Sr. Bourniquel declara que as informações que ele obteve são boas em todos os pontos de vista. Sr. Delanne, presidente, decide fazer, no final da sessão, uma coleta que produziu a soma de 67 francos e que fica remetida à Sra. Dubuisson.

Ela não mais procura reter as lágrimas; a cena é comovente ao mais alto grau; os assistentes estão vivamente impressionados e todos os olhos estão úmidos. As pessoas se sentem diante de um ato de humanidade, de justiça e de reparação.

Alguém perguntou à Sra. Dubuisson se ela se lembra de um tremor nervoso que agitava a mão da médium e se seu marido tinha esse tremor:

“-Sim, responde ela, isso lhe acontecia com frequência.

- E o nome Jojo, que seu marido pronunciou, à quem pertence?

- É o nome do meu neto, o mais velho, o único que meu marido conheceu; é uma criança que ele amava muito”.

Após a sessão, pergunta-se uma última vez à Sra. Dubuisson se ela confirma novamente as informações acima; ela declara confirmá-las em todos os pontos, exceto o nome de seu genro que era P... e não Fortin. Perguntam a ela se ela já foi objeto de alguma pesquisa que teria por objetivo inquirir as informações que em seguida tivessem sido levadas em sessão como provenientes do espírito do morto. Ela responde que jamais ninguém, exceto o senhor de

idade (Sr. Chadeaux), foi se informar com ela. Ela declara, também, que jamais viu nenhuma das pessoas que estão ao seu redor, e assim o relatório com todos os membros do comitê.

A secretária taquígrafa:

Jeanne Laplace.

Complemento da pesquisa. – Eis aqui, de outra parte, o relato do sr. Chadeaux, relativo às diferentes abordagens que ele foi encarregado depois da primeira sessão.

Paris, 10 de dezembro de 1921

Sobre o pedido do nosso caro presidente Sr. Delanne, me lancei às investigações concernentes às revelações do espírito de Etienne Dubuisson.

Eis aqui o resultado de minhas investigações:

1º Ao antigo nº 18, cidade Marcadet, atualmente rua Léon, 43, Sra. Podevin, zeladora desde 1902, se lembra de ter tido outrora locatários de nome Dubuisson e dois empregados da ferrovia do Norte, sem poder precisar mais. Nenhum registro. O proprietário faleceu.

2º Aos nº 2, 3, 4, 6 e 8, rua Custine, Sr. Lumas desconhecido.

3º em Gentilly, rua do Bout-du-Rang, nº 3, cidade operária, Sra. Cygrand, gerente, me fez saber que ela teve, de fato, como locatários desde 1914 a senhora P... (e não Fortin), mãe de 9 filhos, 7 ainda vivos, e a mãe desta, viúva Dubuisson. Abandonada pelo marido, no começo do ano corrente (1921) a senhora P..., por volta desta época, e sua mãe partiram há mais ou menos um mês.

4º Rua de Bièvre, 5, Paris, hotela da Esperança, quartos 9 e 10, encontro a viúva Dubuisson e sua filha, a qual aleita seu último filho. Suas respostas a minhas questões confirmam o relato do espírito, Etienne Dubuisson, exceto que o genro se chama P... e não Fortin. Elas não sabem o que pode ter sugerido o nome Fortin. Há também dois erros de domicílios. Nos documentos de família que, por meu pedido, elas me apresentaram, assinalei textualmente isto que segue:

a) Documento de família de Etienne Dubuisson: Etienne Dubuisson, nascido em 19 de dezembro de 1854 em Vesoul (Haute Saône), assistente de loja em Paris, filho de Jean Pierre e Apolline Equé: Casado em Paris (7º distrito) em 2 de junho de 1881, com Marie-Louise Riéder, cozinheira, nascida em 10 de janeiro de 1859, em Villiers-le-Grand, território de Vaud (Suíça).

Etienne Dubuisson, falecido em 15 de agosto de 1906 em Paris (18º distrito), cidade Marcadet, 18. Filhos vivos: 1º Paul-Frédéric Dubuisson, nascido em 7 de março de 1883 em Paris (7º distrito), atualmente residindo na rua Léon, 57; 2º Jeanne Louise Dubuisson, nascida em 26 de dezembro de 1887, em Paris, rua Ambroise Paré, 2 (hospital Lariboisière).

b) Sobre os documentos de família de Emile P... (seu Registro civil, seus nove filhos, etc...)

5º Segundo a viúva Dubuisson, o casal Lumas, na casa dos quais ela foi cozinheira por 18 anos (mesmo depois do casamento), moravam no nº 17 e não no 3, da rua Custine. Sr. Lumas era chefe do Economato na estrada de ferro do Norte.

L. Chadeaux.”

Observações. – Esse espírito, segundo suas próprias declarações, teve de realizar grande esforço para encontrar sua casa, pois o bairro sofreu, após sua morte, transformações importantes mencionadas no relatório tão consciencioso do Sr. Chadeaux.

Eis aqui um extrato do Relatório, relativo a esse fato:

“Eu não conseguia me situar, nos disse Etienne; eu subi a rua ao menos vinte vezes. Enfim, eu vi minha antiga casa, as demolições, a rua fechada; foi preciso que alguém me mostrasse tudo isso para que eu pudesse me encontrar.

Quem lhe mostrou tudo isso?

- Foi um senhor.”

Nesse momento, o espírito dá uma descrição na qual reconhecemos nosso guia Camillo; ele diz que eles refizeram juntos todo o caminho, que eles foram à Companhia do Norte, que eles viram os incidentes da greve; alguém lhe mostrou que seu genro não estava mais ali; ele esteve na casa dos antigos patrões de sua mulher, depois em Gentilly, na casa de sua filha. “O senhor, diz ele, não me abandonou”.

Esse relato nos mostra, sobretudo, que a mentalidade dos mortos parece estranhamente com a dos vivos. Etienne Dubuisson, que procurou sua mulher em Gentilly, ignorava as transformações passadas em seu antigo bairro, e quando ele volta lá, ele não se situa mais. É exatamente isso que aconteceria quando vivo se, tendo partido para uma longa viagem que tivesse durado muitos anos, ele houvesse encontrado, ao voltar para casa, as novas casas que não existiam na sua partida: ele teria tido dificuldade de se situar; talvez ele tivesse sido obrigado a se informar com agentes, como o fez com Camillo. Este despertou as lembranças do espírito desvelando diante dele imagens que se passavam à maneira de um filme cinematográfico: é o sistema do pensamento criador reconstituindo o passado.

Outra particularidade a observar são as letras C.N. que a médium viu no boné de Etienne e que designam algumas categorias de empregados da Companhia do Norte, então que o pessoal dessa Companhia traz, em geral, o nome Nord bordado no boné.

Sra. Dubuisson nos confirmou a existência desses duas letras no boné que seu marido usava.

Os erros de detalhe expostos aqui, como na maioria dessas manifestações, são muito compreensíveis, provenientes da memória incompleta e falha de uma pessoa morta há muitos anos; elas se tornam, ao contrário, inexplicáveis quando se invoca as faculdades da criptestesia, faculdades omniscientes que não podem se enganar e nem conhecem lacunas.

O Auverniense

Sessão de 19 de fevereiro de 1922, Montmorency. – Nesse dia foi uma criança da Auvérnia que nos visitou; eis um extrato das notas taquigrafadas que concerne a ela:

“A médium parece sofrer muito; há uma contração dos músculos, o aspecto do rosto é doloroso; a médium parece paralisada de uma metade do corpo e atinge uma rigidez nos músculos; tensão das artérias da têmpora e no pescoço; deformação dos traços.

Os doutores presentes são convidados a examinar o estado pseudo-cadavérico do corpo. Sr. Bourniquel indica um novo procedimento, ditado por Camillo, para libertar o corpo da médium; consiste em dirigir a extremidade dos dez dedos sobre a cavidade do estômago. A médium é imediatamente desligada.

“Onde estou?... Eu não estou bem. Oh! Não!... Isso me aperta...”

- O senhor tinha boa saúde antes de vir aqui?
- Oh! Boa saúde? Como um velho!
- É preciso dizer que o senhor não tem mais o seu corpo.
- Eu sei; me disseram antes de vir.
- Então, o senhor está a par.
- Eu não sei se estou a par, mas eu não compreendo mais nada.
- Como o senhor se chama?
- Antoine... Antoine Vacher.
- Que idade tem o senhor?
- 71 anos.
- Qual é sua ocupação?
- Eu trabalhava com fertilizantes para terra; eu trabalhava a terra; eu preparava fertilizantes.
- Onde, isso?
- Na nossa casa... em Seychalles (Puy-de-Dôme), ao lado de Clermont, na Auvérnia.
- Diga-nos o nome de sua mulher!
- Anne Archambert, senhora Vacher.
- Ela ainda está viva?
- Eu morri primeiro; quando ela morreu, eu vim procurá-la.
- Em que ano o senhor morreu?
- Em 1881, 14 de agosto.
- A data de seu nascimento?
- 1808, novembro, creio eu.
- O senhor teve filhos?
- Sim, três; elas estão comigo. Eu trabalhava as terras da fábrica de açúcar de Beauséjour; cultura de beterrabas. Há também Chauriac. De resto, a usina ainda existe; em Chauriac, uma de minhas filhas estava na casa do sr. Daumisaille, deputado da fazenda-escola; (observa-se um tremor acentuado nas mãos do Sr.).
- “Duas das minhas filhas se casaram; seus maridos morreram; elas não tiveram filhos; elas se chamavam Marie, Antoinette e Jeanne. Eu morri de repente. Tive ataques; depois, me restou um tremor na mão direita, um pouco de paralisia; eu não segurava mais nada na mão esquerda.
- Chamaram um médico?
- Na minha idade, não há necessidade de médico; não havia nenhum conosco; não passávamos de 500 habitantes. Há em Clermont. Eu morri aos 73 anos. O senhor vê minha mulher? Ela está comigo.
- Nós não a vemos, mas logo ela se mostrará a médium, que vai retratá-la para nós.
- Minha mulher era prima do bispo de Cahors; ela morreu aos 97 anos, em 1909. Eu não sei mais o mês. Eu fui procurá-la e agora estamos juntos.
- O que o senhor fez, desde sua morte?

- Eu voltei para lá enquanto minha mulher viveu. Eu sabia que estava morto; voltar me dava prazer; então, o senhor pensa que alguém passa toda uma vida sem voltar para casa? Eu era religioso, eu ia a Igreja, eu fiz meus deveres de cristão: e, bem! Eu voltei à Igreja.

- O senhor encontrou o céu e o inferno?

- Eu não encontrei nada além desse inferno aqui, mas se eu não tivesse podido retornar para casa, isso teria sido o inferno para mim. Eu fui também às fazendas. Quando vivo, há muito tempo, fui a Paris para expor os bois do duque de Mauriac no concurso... como o senhor chama isso?

- Agrícola.

- Sr. Delanne. – O senhor vê outras pessoas de sua região mortas como o senhor?

- Sim, há muitas; e, bem, a gente anda o dia todo.

- E a noite?

- Eu não vejo noite. Nós conversamos, nós nos ocupamos das plantações.

- O senhor ainda pensa em ganhar dinheiro?

- Dinheiro? Não é nesse objetivo... o prazer do camponês é ver os campos bem cuidados e o trabalho da fábrica; ah! eles não são mais como no meu tempo! São apaches, não se pode mudar em nada suas ideias; eles não querem mais patrões; eis o novo regime.

- O senhor vê outros espíritos?

- Sim, como na terra; há os de boa vestimenta; eu sou um camponês, tenho a gola dobrada; os outros têm o colarinho rígido. O senhor vê minha boina?

Sr. Pierre Maillard. – O senhor conhece outras fábricas de açúcar nos arredores?

- Muito mais longe, mas a nossa é a mais importante. Pont-du-Château. Minha filha estava localizada lá, é a Marie.

Sr. P. Maillard. – Os fertilizantes, o senhor os tomava na usina?

- A gente fazia com as folhas e com as beterrabas que não serviriam”.

Visão. – Eu vejo um homem forte, idoso, completamente barbeado, lábios para dentro, ombros largos; mãos grandes, ele deve ter trabalhado duro. Antoine Vacher; ele parece ter 70 ou 75 anos; morto em 14 de agosto de 1881. Seychalles (Puy-de-Dôme). Uma outra data: 1808. Vejo pó como marca de café ou chicória, sobre uma pá (adubo). Refinaria Beauséjour. Ele usa uma grande boina; eu o vejo com uma mulher muito idosa; ele deve sofrer das pernas, pois ele caminha com dificuldade. Anne Archambert 1909; essa deve ser sua mulher.”

Primeira investigação. – Sr. Le Loup de Sain-ville foi encarregado de verificar essas declarações; ele se empenhou e conseguiu estabelecer seu relatório na quinzena seguinte, lançando a ele duas peças oficiais.

Departamento do Puy-de-Dôme. Distrito de Thiers. Prefeitura de Seychalles. Registro Civil.

REPÚBLICA FRANCESA.

AUTO DE FALECIMENTO

Em quatorze de agosto de mil oitocentos e oitenta e um, cinco horas da manhã, Antoine VACHER, setenta e um anos de idade, lavrador, residindo em Seychalles, esposo de Anne Archimbaud, filho do falecido Vacher e da falecida Jeanne Courty, morreu em Seychalles.

Elaborado sobre a declaração de Jacques Vacher e Louis Vacher, um e outro, irmãos do falecido.

Seychalles, 4 de março de 1922. Pelo prefeito e o adjunto ausentes. O conselheiro delegado.
(Carimbo da prefeitura).

A 2ª peça é o auto de falecimento, com o mesmo cabeçalho, assinatura e carimbo, constando que:

“Em doze de novembro de mil novecentos e sete, quatro horas da madrugada, Annette Archimbaud, oitenta e um anos, sem profissão, nascida em Saint-Julien de Coppel, residindo em Seychalles, viúva de Antoine Vacher, filha dos falecidos Benoît Archimbaud e de Michelle Grimard, morreu em Seychalles, sobre a declaração de Jean Vacher, lavrador, genro da falecida, e de Joseph Tarragnat, guarda rural”.

Por outro lado, uma carta do secretário da prefeitura declara que o casal Vacher tinha 4 filhos:

1º Jeanne Vacher, esposa de Jean Laire, residindo em Seychalles;

2º Miette Vacher, solteira, morando em Paris;

3º Marie Vacher, esposa de Coissard, morando em Saint-Julien de Coppel;

4º Mariette Vacher, falecida.

Enfim, o relatório do Sr. de Sainville:

Primeira investigação sob o tema da incorporação de 19 de fevereiro de 1922:

“A entidade incorporada declarou, resumidamente, que se chama Antoine Vacher, nascido em 1808, em Seychalles, Puy-de-Dôme, morto em Seychalles, em 14 de agosto de 1881, aos 71 anos;

Sua mulher, Anne Archimbert, morta em 1909, aos 97 anos, era prima do bispo de Cahors;

O casal teve três filhas, mortas sem filhos: Marie, Antoinette e Jeanne;

Antoine Vacher trabalhava na propriedade e na refinaria de Beauséjour, pertencente ao duque de Mauriac;

Sua filha Marie estava localizada em Chauriac, na casa do Sr. Daumirail, deputado de Creuse.

As informações foram buscadas em diferentes anuários e solicitadas por carta ao secretário da prefeitura de Seychalles; ao secretário da Prefeitura de Puy-de-Dôme; ao arquivista da diocese de Cahors; ao arquivista da Câmara dos Deputados. Somos infinitamente gratos pela atenção cortês nas informações prestadas, o que nos permitiu avançar nessa investigação tão importante do ponto de vista metafísico.

Os resultados (a completar) são em parte exatos e muito interessantes, apesar de alguns pontos indicando uma perda ou deformação da memória da entidade.

A cidade de Seychalles existe (região de Lezoux), [tem] 670 habitantes, mas nenhuma propriedade ou refinaria de Beausejour parece existir nos arredores. O nome do duque de Mauriac parece desconhecido. Entretanto, uma vizinha comum tem o nome de Beauregard (Beauregard l'Evêque, situada no distrito de Clermond-Ferrand, a 6 kilometros de Pont-du-Château: há também o distrito de Riom, Beauregard-Vendon, 766 habitantes; mas nós supomos que a refinaria de Beauséjour se encontre na comunidade de Bourbon, próximo a

Clermont; Sr. Herscher, administrador (N. D. L. R.), 4 kilometros de Seychalles. (Esse nome poderia ter ensejado a confusão na memória de Antoine Vacher).

Este, de acordo com o auto de falecimento, morreu em 14 de agosto de 1881, aos 71 anos (o espírito tinha dito 73 anos).

Sua mulher é Anne Archimbaud e não Archimbert. Ela morreu em 12 de novembro de 1907, aos 91 anos de idade (o espírito tinha dito 97 anos).

Ele indicou que sua mulher era prima do bispo de Cahors; o auto de falecimento indica que ela era filha de Benoît Archimbaud e de Michelle Grimard. Ora, um bispo de Cahors, de nome Grimardias, ocupou esse posto episcopal de 1866 à 1896, na data em que devíamos procurá-lo, contemporâneo ao casal Vacher. A entidade, então, teve a lembrança do parentesco de sua mulher com o Bispo de Cahors, com uma deformação na memória do nome desse bispo. Será útil pesquisar a exatidão desse parentesco.

A cidade de Chauriac, onde teria sido localizada Marie Vacher, se chama, na verdade, Chauriat, muito próxima a Seychalles.

O deputado Daumirail é completamente desconhecido nos Arquivos da Câmara dos deputados onde foram feitas as investigações em todas as legislaturas e todos os departamentos.

Enfim, Antoine Vacher teria tido 4 filhas e não 3; apenas uma, Mariette, estaria morta.

O secretário da Prefeitura de Clermont, interrogado sobre os nomes Beauséjour em Mauriac, não respondeu.

Le Loup de Sainville”.

56, rua N.D. de Lorette

Antes de avançar, notemos ainda que o Sr. Pierre Maillard, engenheiro de Artes e Manufaturas, que conhece perfeitamente todas as manipulações da indústria de refinaria, nos certificou que os dejetos de beterraba eram, de fato, utilizados para a fabricação de adubo.

Sessão de 4 de março. – A médium incorpora o espírito Camillo.

Sr. Delanne. – O senhor poderia nos dizer por que o espírito de Vacher, que citou fatos muito nítidos, parece ter perdido a noção de muitas coisas; eles nos disse, por exemplo, que suas filhas estavam todas mortas. Ele não via, então, em Seychalles, onde ele morava, Jeanne, sua mais velha?

Camillo. – O espírito nem sempre se apercebe e acontece de ele confundir um encarnado com um desencarnado.

- O senhor poderia chamá-lo?

- Sim, vou ceder meu lugar”.

Questionado, Vacher declara que ele nem sempre se apercebe e que por vezes acontecia de não poder conversar com suas filhas: ele pode dar apenas o nome de três de suas filhas. Ele traz precisões:

“Um dos meus genros se chamava Coissard, em Saint-Julien de Coppel.

- E sua filha Jeanne?

- Ela casou com Jean Laire.

- E sua mulher, o senhor disse que ela se chamava Archimbert; observe bem.

- Archimbaud; ela era prima do bispo de Cahors. Minha sogra se chamava Michelle... Mardias... Os senhores sabem que, quando minha mulher morreu, eu não fiquei lá; minhas filhas não foram boas, há apenas Marie; ela deve estar idosa agora, ela nasceu em 1850”.

Sobre todos os outros pontos, Vacher cometeu os mesmos erros que antes. Era evidente que essas partes restavam obscuras em sua memória falha.

O sr. de Sainville consegue o boletim de nascimento de Marie Vacher: ela nasceu, como disse seu pai, em 1850, 24 de julho.

Observações. – As declarações de Vacher, nessa segunda sessão, são de pouco interesse e não tiveram, a nosso ver, nenhum valor probatório, pela razão de que uma investigação tinha sido feita entre 19 de fevereiro e 24 de março e que uma leitura dela havia sido dada no início dessa última sessão do comitê. Na ausência da médium, bem entendido, mas isso não exclui a ideia da subconsciência. Nós nos impusemos uma regra de acolher essa hipótese toda vez que ela fosse admissível; e ela nos pareceu ser passível para essa sessão de 4 de março.

Mas não é o mesmo para a de 19 de fevereiro.

A pesquisa, muito conscienciosa, do sr. de Sainville, esclareceu tudo o que havia de verdadeiramente notável na manifestação desse desconhecido. De tudo que disse este último, apenas uma coisa era conhecida de um de nós: é a fabricação de adubo em meio aos dejetos de beterraba.

Se nossos contraditores querem se servir desse ponto de apoio frágil para daí deduzir que há um laço estreito entre a fabricação de adubo e os nomes, datas e fatos fornecidos pelo espírito, aqui incluindo, com todo respeito, o Bispo de Cahors, nós nos recusamos a acompanhá-los, e, enquanto se espera algo melhor, guardamos nossa convicção.

Se ele estivesse morto, alguém saberia

No final da sessão de 5 de março de 1922, Albertine disse ouvir uma voz que lhe falava e, por frases entrecortadas, deu algumas informações bastante vagas:

“Edouard Bréga 2 avenida... 1910. Crise de albuminúria. Caduceu. Farmácia. 62 anos. Mês de julho; 2 filhos; Henriette, Charle; minha mulher: Hélène”.

Supondo se tratar de um espírito que desejava se manifestar, guardamos para mais tarde sua incorporação. Ela aconteceu quinze dias depois.

Sessão de 19 de março, Montmorency. – Pergunta-se a Camillo se não seria possível aos espíritos superiores ajudar os espíritos pouco evoluídos com passes magnéticos, ou de outra forma. Por exemplo, Vacher não se lembrava de seus filhos; ele acreditava que estavam mortos e eles estão vivos; esses são pontos obscuros que procuramos elucidar. Camillo responde que essas lacunas são imputáveis ao cérebro do médium e a dificuldade que ele tem de nos fazer compreender, transmitir o pensamento dos desencarnados; isso é inevitável e sempre nos deparamos com essa barreira.

A médium entra, então, em agonia; quando termina, Albertine se desprende sozinha, o que não é de seu hábito. Começam a fazer-lhe perguntas.

“O senhor sabe quem é? O senhor se apercebe de sua situação?”

- Sim; estou morto.

- O que o senhor teve?

- Albuminúria (A médium morde as extremidades dos dedos). Meu estado geral é ruim, sei bem como estou.

- Quem cuidou do senhor?

- Um velho amigo, o doutor Hambert (Todos os nomes foram mudados). Estou com sede.

- O senhor sabe o que lhe era dado para combater essa albuminúria?

- Muito leite, mas é tudo. Eu não quis fazer nada. Eu tinha 62 anos, meu nome é Edouard Bréga. Sou farmacêutico.

- Onde o senhor morava?

- Paris, rua D..., nº 2; minha botica ficava na esquina, em frente à igreja.

- Em que ano o senhor morreu?

- Em 1910. Minha mulher se chamava Louise Romeau; eu tinha dois filhos, um menino e uma menina; Charles, 18 anos; Henriette, 15 anos. Eu era da Picardia; de Guise, (a médium pronuncia: Gui-se) Aisne. Minha mulher era parisiense; era órfã. Ela tinha sido adotada pelo Sr. Rolantin, um artista pintor; ele tinha feito trabalhos para Napoleão III, pinturas no Tulherias. Eu tinha dois empregados: Dupoix, que era meu preparador e Vicente, o segundo.

- O senhor sabe o que aconteceu a eles?

- Eu não sei mais me situar. Trabalhei muito; passei noites. Eu era um pouco duro; eu não era muito fácil.”

Esse espírito dá muitos detalhes sobre seu casamento, sua situação financeira, seu tipo de vida; ele fala, sobretudo, de seus dois amigos:

“O senhor perguntará ao meu velho amigo Hambert, o doutor; nossa casa era o refúgio dos médicos. Havia um outro... espere. Aquele tinha um nome como Bamorot; ele morava no boulevard Péreire, 1.

- Onde estão seus filhos, agora?

- Não sei; oh! Se o senhor soubesse! Isso não é fácil para mim e como eu me debato ali dentro (Uma aproximação com as comunicações da sra. Piper, nas quais o espírito que se manifesta diz que em pouco tempo ele é como que asfocado pela atmosfera terrestre. Outros dizem que a luz diminui e se esvai, o que os torna incapazes de continuar.) Fiz meus estudos em Paris; meu pai era militar reformado, nas imediações de Guise.

- O senhor acreditava em vida futura?

- Eu acreditava, mas eu não era um praticante, eu era indiferente, não me preocupava com as essas coisas.

- Diga-nos o nome de seu sucessor?

-?... Quando obtive meu diploma, eu tinha 23 anos; o senhor vê, não foi ontem. Eu trabalhei em....., (ele não se lembra); quando eu morri, eu tinha 62 anos, eu tinha bronquite, um pouco de tudo; eu tive uma crise de albuminúria e foi muito rápido. O outro médico que vinha à casa se chamava Bamaurot; nós eramos quase da mesma idade; ele era do Cantal. Hambert e ele eram dois solteirões. Minha mulher tinha um irmão que está morto: Henri Romeau; ele era ferreiro, no centro. Ele deve ter morrido uns 15 anos antes de mim. Eu acreditava que, no céu, a gente repousava eternamente. Eu queria ver meus filhos; para mim, é um tormento”.

Pergunta-se em seguida a Camillo se a médium poderia dar a assinatura de Edouard Bréga; Camillo responde que será preciso tentar e que se não for possível, será preciso recomeçar nas outras vezes. Depois da sessão, Albertine traçou com um lápis várias assinaturas e algumas

palavras ilegíveis” (Nas nossas experiências, que continuamos, nos dedicaremos particularmente a obter a assinatura e a escrita dos comunicantes).

Visão. – “Eu vejo um homem com a barba grisalha; os cabelos igualmente grisalhos e cheios; ele parece ter 55-60 anos; parece jovem, grandes olhos negros, olhar duro; 1m. 70 mais ou menos. Edouard Bréga. Escuto rua D..., 2; Henriette, Charles, meus filhos; não vejo os filhos com ele, eles ainda devem estar vivos. Eu vejo uma mulher perto dele; ela é pequena, loura, seus cabelos são muito claros, uma figura singela; 1m. 55; ela é bonita, muito elegante, vestida de cetim preto; ela parece ter 40-50 anos. A moda do vestido é de antes da guerra (1912 ou 1913). Lucie Romeau; essa deve ser sua mulher; ela me mostra a aliança. Albuminúria; ele me mostra uma ampola; ele se cuidava assim. Doutor Hambert – Doutor Bamaurot – Boulevard Péreire. É tudo”.

Investigação. – Relatório do sr. Le Loup de Sainville.

“Talvez seja útil narrar as dificuldades dessa investigação para dar maior força às provas finalmente encontradas, de uma exatidão quase completa.

A farmácia existe, na rua D..., 2, mas, na ausência do titular, me disseram insistentemente que o sr. Bréga, um de seus predecessores, não morreu; sabe-se que ele se mudou para um subúrbio, recentemente, mas alguém o viu há poucos anos, e se ele morreu há pouco, alguém saberia na farmácia. Entretanto, me indicaram retornar para ter informações mais precisas.

Na prefeitura do XVII, os arquivos pesquisados mostram que não há nenhum falecido Ed. Bréga entre 1903 e 1920, e me disseram que, mesmo alojado fora do distrito, um farmacêutico do XVII deve ter seu falecimento transcrito. (No caso do qual nos ocupamos essa formalidade tinha sido omitida)

Essas primeiras aproximações foram desencorajadoras. Entretanto, pude encontrar o farmacêutico da rua D...; ele me disse que seus empregados estranhamente se enganaram e que o sr. Bréga faleceu. Ele não manteve relações com essa família e ignora o que se passou com ela; ele não pôde dar outras informações. Ele sabe que o sr. Bréga morreu por volta de 1912, ou talvez antes, mas ele não pôde precisar. Ele não conhece nem os doutores Hambert e Bamaurot, nem os alunos Dupoix e Vincent. Ele me indica, contudo, um antigo aluno que conheceu o sr. Bréga e que deve estar vivo. Ele se chama sr. Vuillaume e ele deve ter passado por uma farmácia da rua de L.... onde alguém poderá talvez me prestar informações.

Rua de L..., o patrão conhecia vagamente o nome do sr. Vuillaume, desaparecido há bastante tempo; mas um empregado, indagado, acreditava se lembrar que esse senhor mora em Pantin e me dá um endereço quase exato.

Em Pantin, eu finalmente encontrei o sr. Vuillaume e tive através dele as informações mais completas. Ele foi por 18 anos o colaborador do Sr. Bréga e manteve relações com sua família. Segundo ele, o sr. Edouard Bréga morreu por albuminúria, na primavera de 1912, a data é imprecisa em sua memória. Ele tem, diz ele, uma excelente memória para tudo, exceto para datas; o que se nota.

O sr. Bréga, fraco e doente há muitos anos, teve de vender sua farmácia; ele foi morar em Passy, depois na rua de Moscou, onde morreu. O sr. Vuillaume o velou durante sua última noite.

A sra. Bréga, nascida Louise Bomeau, ainda vive. O sr. Vuillaume ouviu falar de um sr. Rolantin, amigo da família, mas não sabe se ele criou a sra. Bréga; conserva-se preciosamente um vitral decorativo que deve ser a obra desse artista. O defunto era originário de Guise

(Aisne), mas seu pai teria sido comerciante de grãos, e não militar. O nome dos dois filhos era Charles e Henriette.

O sr. Vuillaume me confirma que o doutor Bamaurat e não Bamaurot era amigo do falecido, solteiro e auverniense. O outro doutor é o sr. Chambert e não Lambert; ele deve estar vivo ainda. Houve uma confusão nos endereços dados pelo desencarnado. O doutor Bamauratest, morto em janeiro de 1922, em uma clínica.

O sr. Vuillaume sabe que a sra. Bréga tinha um irmão ou uma irmã, vagamente, e não pôde dizer nada sobre o sr. Henri Romeau, o ferreiro; ele conheceu o aluno de farmácia Dupoix, que foi seu predecessor na oficina, mas não conheceu o sr. Vincent.

As informações me foram comunicadas em 1 de abril.

Le Loup de Sainville.

Esse relatório está acompanhado do auto de falecimento seguinte, entregue ao VIII distrito:

Extrato dos autos de falecimento.

Em três de junho de mil novecentos e treze, três horas e quinze da tarde, faleceu em seu domicílio, rua de Moscou, nº...., Louis Edouard Bréga (Lembremos: mudamos todos os nomes da família) nascido em Guise (Aisne), aos sessenta e quatro anos, sem profissão (Ele tinha vendido sua farmácia há muitos anos atrás), filho de Louis Edouard e de Zénaïde Dauchy, esposo de Louise Romeau.

Leitura feita, as testemunhas assinaram conosco etc...

Data, carimbo, assinatura.

Observações. – Notemos, a princípio, em quais condições aconteceu essa manifestação: o espírito se apresenta a médium ao fim de uma sessão onde ele não estava em questão, e ele dá assim algumas informações, exatas em sua maioria. Parece que nesse momento ele já estava nos bastidores, pronto para entrar em cena. Ele incorpora na sessão seguinte, o que permite supor que durante quatorze dias ele não a perdeu de vista; ele não se apossa dela, como acontece normalmente, nesse estado particular de rigidez cataléptica que chamamos estado tanatoide ou tanatomórfico; ao contrário do que sempre acontece, a médium pôde se desvencilhar sozinha, sem a intervenção de ninguém.

Esse espírito parece mais evoluído que os outros; para empregar um termo usual nos meios espíritas, ele é bem consciente⁷. É possível constatá-lo na abundância de detalhes que ele deu e que, por critério, não é possível reproduzir todos. Ele sabe que está morto; ele se lembra exatamente de seu sobrenome, nome, profissão e domicílio, assim como aqueles, muito aproximativos, dos dois médicos que eram seus amigos íntimos, e dos quais um, diz ele, era do Cantal; ele se lembra de seu próprio país de origem, que ele pronuncia, bem como enfatiza na sessão o sr. Maillard, como se pronuncia em Aisne: Gui-se; ele se lembra igualmente dos sobrenomes e nomes de sua mulher e de seus dois filhos, e também o do sr. Rolantin; ele se lembra até de ter sido um pouco duro no caráter; apenas uma coisa lhe escapa: o nome de seu sucessor.

Nessa autobiografia relativamente longa, ele cometeu apenas dois erros: um quanto a data de sua morte, que aconteceu em 1913 e não em 1910; um sobre a situação social de seu pai que

⁷ Nota da tradução: a expressão original é *bien reconnu*.

teria sido comerciante de grãos e não militar. Os amantes de estatística e de porcentagem têm aqui sobre o que exercer seu talento.

Seria possível, verdadeiramente, atribuir ao subconsciente uma manifestação tão clara, precisa e nítida, ao passo que é fácil provar que nenhum membro do Comitê conhecia o sr. Bréga nem seus amigos?

Andemos mais longe e, por mais supérflua que seja essa questão, nós a colocamos:

A médium não teria podido conseguir essas informações antes da sessão?

Digamos, então, que a médium mora em Paris desde 1916, enquanto Bréga morreu em 1913; é, pois, absolutamente certo que eles jamais se encontraram em vida. Quanto a conseguir as informações depois do falecimento deste último, isso lhe seria extremamente difícil se tivermos em mente os impedimentos encontrados pelo sr. de Sainville que não pôde obter a verdade senão após muitas pesquisas junto a diferentes pessoas; e se tivermos em mente, de outro lado, as reservas feitas sobre certos pontos pelo sr. Vauillaume, a pessoa mais informada que nos revelou a investigação teria sido impossível agrupar todas essas informações, a menos que se fosse demandá-las à única pessoa no mundo que poderia no-las dar, a viúva do sr. Bréga. Ora, é fácil provar que nesse momento essa dama não conhece a médium e que a médium não a conhece. Nós podemos dizer o mesmo sobre todos os outros membros do Comitê.

Foi preciso do sr. de Sainville um verdadeiro devotamento, um desejo sincero de saber e uma tenacidade digna de elogios, para não desanimar diante do resultado de suas primeiras pesquisas; o que disseram desde o princípio, na farmácia da rua D...: “Sr. Bréga? Mas ele não está morto; se estivesse morto, alguém saberia, nós saberíamos, aqui, nessa farmácia que pertenceu a ele...”. O que disseram na prefeitura do XVII distrito, nos escritórios de Estado-civil, e depois de pesquisas infrutíferas: “Nenhum falecimento de Bréga entre 1903 e 1920; nem morto para além do distrito, nós teríamos recebido notificação”. Eis o que é peremptório.

Antes de obter informações definitivas, o investigador é obrigado:

1º Ir uma primeira vez a farmácia onde o sr. Bréga já foi titular;

2º Voltar lá uma segunda vez;

3º Ir a prefeitura do XVII;

4º Ir a farmácia da rua L...;

5º Ir a Pantin, na casa do sr. Vuillaume;

6º Ir a prefeitura do VIII onde ele, enfim, teve o testemunho oficial.

Se, então, a médium (ou um membro qualquer do Comitê) tivesse desejado mistificar os outros assistentes, suposição que fazemos simplesmente por necessidade científica, teria sido necessário:

1º Que ele tivesse conhecido Bréga antes e que este tivesse desejado confiar a ele os pormenores que foram revelados; ora, sendo dado o caráter um pouco rígido do defunto, é de se supor que ele não devia se deixar levar facilmente a confidências a estranhos. Sobretudo, há uma outra coisa que Bréga, vivo, não teria podido indicar: a data, mesmo aproximada, de sua própria morte;

2º Ou que sua viúva tivesse feito as confidências; é fácil verificar o contrário;

3º Ou que o sr. Vauillaume as tenha feito; sendo durante 18 anos o colaborador do defunto, ele estava bem a par das coisas; mas, segundo ele mesmo, ele não tem memória para datas. No mais, alguns detalhes lhe escapam: ele não sabe se o sr. Rolantin criou a sra. Bréga; ele

diz que o pai do defunto teria sido comerciante de grãos; que o doutor Chambert deve estar ainda vivo; ele não sabe nada do sr. Henri Romeau, o ferreiro; ele não conheceu o sr. Vincent. Se, então, fosse ele a dar as indicações à médium ou a um dentre nós, antes da sessão de 19 de março, as mesmas lacunas existiriam na comunicação dada nesse dia.

4º Ou que um dos amigos do defunto tivesse feito essas confidências; mas, de seus amigos conhecidos, apenas um estava vivo: o doutor Chambert, e nós veremos que ele não é do tipo de pessoa que se presta a tal combinação.

Impostores ou crédulos. – Ao reler todos os relatórios redigidos durante essas sessões interessantes, fomos chacoalhados por essa declaração do sr. Vuillaume: “o outro doutor é Chambert e não Hambert; ele ainda deve estar vivo”. O sr. Vuillaume indicou até o endereço provável. Isso nos sugeriu a ideia de escrever a ele; nós estimamos que um médico, sendo, por definição, um cientista, não poderia ter senão interesse em estudar um caso dessa natureza, em analisá-lo, dissecá-lo, submetê-lo ao crivo de uma crítica rigorosa, seja para constatar nele o valor probatório, seja, ao contrário, para demonstrar nele o erro e fornecer, dessa manifestação, uma explicação de acordo com seu próprio ponto de vista.

Foi, então, de boa fé e com a maior cortesia que nós escrevemos a ele, apontando a origem mediúmica de nossa informação; nós lhe perguntamos se ele seria o antigo amigo do sr. Bréga. Pensávamos receber uma resposta no mesmo tom que utilizamos, e que geralmente se considera o único tom usado entre pessoas de boa educação.

Parece que nos enganamos. Eis a resposta que recebemos:

“Senhor,

Sobre o túmulo de Shakespeare se lê o seguinte epitáfio: “Blessed be he that spares these stones. And curs be he that moves my bones” (“Bendito seja aquele que respeita essas pedras. E maldito seja aquele que toca meus ossos”). Paz aos mortos, paz às cinzas de meu velho amigo Bréga! Seu registro civil corresponde à descrição que me foi feita. A meu ver, ele emana do aqui-embaixo e não de lá-de-cima. Quanto ao ocultismo, há dois tipos de adeptos: os impostores e os crédulos. Eu não preciso de outra prova além da declaração feita, no momento da morte, por Holmes (O honorável contraditor confunde com Home.), o mais célebre dos médiuns: “Eu afirmo jamais ter estado em comunicação com os mortos, mas me servi desse meio para agir a meu bel-prazer sobre a imaginação das mulheres.” Esse mesmo Holmes, convidado por Napoleão III e sua mulher a uma sessão de ocultismo em Biarritz, foi surpreendido em flagrante delito ao acariciar com o pé os rosto da imperatriz, cujas mãos, entretanto, estavam em contato com as do médium. Após essa façanha, ele foi expulso do palácio. Flammarion, em uma recente obra de tom científico, cita alguns fatos de telepatia muito impressionantes a uma análise superficial. Ele esquece de relacionar os milhares de fatos cotidianos denunciados por nossa imaginação e que não acontecem. Ainda mais recentemente, um comitê de professores trouxe à tona a fraude de uma médium que se tornou no mundo dos impostores uma bela celebridade.

Por todas essas razões e outras ainda muito pessoais, não posso compartilhar de vossa fé nessa matéria. Desculpe-me, senhor; eu falharia na consideração que lhe devo e que lhe exprimo se mascarasse meu pensamento.

Dr. Chambert”.

Assim, pois, a uma simples solicitação de informações, esse homem cortês responde com uma brutal declaração de guerra. Os senhores estão na rua e pedem orientação sobre o caminho a

um transeunte, ele lhe dá um direto na mandíbula. É um belo trabalho e o cavalheiro Carpentier ou o rei do nocaute Criqui não fariam melhor.

Não pensem mais em defender suas ideias, os senhores já têm muito a fazer defendendo a pele. Calem-se! Cuidado! Cuidado sobretudo com argumentos à moda de Lloyd-George. É assim que alguns compreendem hoje a discussão livre, o desenvolvimento e a evolução do pensamento puramente especulativo!

Então, o túmulo de Shakespeare traz a inscrição em questão. Mas não foi Shakespeare que abriu o monólogo de Hamlet com esse verso: Ser ou não ser, eis a questão? Não seria o mesmo Hamlet quem disse: Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que pode conceber a filosofia?

Que pena que nosso correspondente não agregou essas citações àquela que ele nos enviou como um golpe! Ele teria medo de servir muito abundantemente seu prato inglês ou ele teria lembrado (um pouco tarde) dessa reflexão de Macbeth: “Há mais almas que montam guarda em torno de nossas más ações do que estrelas no Céu”?

O que quer que seja, de seu temível cartel retemos isso aqui: seu velho amigo Bréga existiu e seu registro civil corresponde à descrição que foi feita. Esse testemunho um pouco azedo se juntando àqueles que pudemos agrupar constitui uma nova prova da existência da alma e de sua imortalidade.

O pé plebeu e a bochecha imperial. – nosso honorável correspondente não hesitou, em sua carta, em fazer eco à essas invenções maliciosas que, de todos os tempos, não tiveram outro objetivo senão desconsiderar os médiuns mais sinceros; nessa campanha violenta, a multidão espumante jamais deixou de seguir sem melhor exame os campeões da mentira.

Florence Gook, Eusapia Paladino, acusadas de fraude, foram inocentadas, em seus tempos, das acusações contra elas. Não obstante o sr. doutor Chambert, constatamos que aconteceu o mesmo com Daniel Douglas Home, e não Holmes, como ele havia ortografado. As marcantes experiências de Home foram analisadas pelo Comitê da Sociedade dialética de Londres, depois por William Crookes, Gabriel Delanne, Gardy, Jones, etc... O sr. Régnault (Henry Régnault. – “Os Vivos e os Mortos”, páginas 349 e posteriores.) reproduziu artigos publicados por Sevemsonn, Myers, Wallace, demonstrando a ignomínia do triste indivíduo que, sob o pseudônimo de doutor Philip Davis, chamado Léo Taxil, forjou cada frase da história estúpida de Home acariciando a bochecha da imperatriz Eugénie com seu pé nú, durante uma sessão; ninguém jamais pôde dizer de modo preciso se o fato teria se passado em Tuileries ou em Biarritz, nem quais pessoas teriam sido testemunhas.

“Essa história, diz o sr. Sevemsonn, não tem nenhum fundamento, e ficamos verdadeiramente surpresos que ainda haja alguém para lembrá-la. Ela sequer tem um começo de verdade. Sempre, quando alguém a reedita, se tem o cuidado de rodeá-la de testemunhos de pessoas mortas há muito tempo e que jamais, quando vivas, tinham dito ou escrito algo semelhante”.

Esse procedimento é, de fato, muito cômodo. Ele foi bastante posto em prática por algumas municipalidades que, não tendo suficiente confiança no discernimento dos eleitores, faziam votar os mortos e assim se asseguravam da maioria.

Frédéric Myers, desejando esclarecer alguns pontos da vida de Home, em vão se esforçou para chegar à origem dessa história e não pôde jamais recolher nenhum testemunho que lhe apoiasse. A única coisa que ele descobriu foi uma carta da Imperatriz datada de 1863, na qual ela agradecia amavelmente a Home por enviar para ela seu livro Incidentes da minha Vida. Ora, tendo acontecido a famosa sessão fraudulenta, de acordo com o sr. Dicksonn, em 1857, como admitir que ao fim de seis anos a imperatriz tivesse esquecido totalmente o incidente, essas familiaridades andantes, tão injuriosas para ela?

De seu lado, Russel Wallace energicamente defendeu Home, que tinha entre seus amigos eminentes personalidades científicas.

“Durante vinte anos, diz ele, Home foi exposto ao exame amargo e à suspeita jamais abrandada de inúmeros investigadores; entretanto, nenhuma prova de trapaça jamais foi dada e nenhum fragmento de maquinaria ou de aparelhos jamais foi descoberto. Além disso, as manifestações são tão espantosas que, se fossem fraudes, elas não poderiam ser realizadas senão por engenhos de natureza da mais complicada, da mais variada e da mais volumosa e exigiria a assistência de muitos apoios e cúmplices”.

Quanto às palavras citadas pelo doutor Chambert: “Eu afirmo jamais ter estado em comunicação com os mortos, mas me servi desse meio para agir a meu bel-prazer sobre a imaginação das mulheres”, continua colocado em má hora. Home jamais as pronunciou e elas não foram publicadas senão após a morte do célebre médium. O meio era prático; ele evitava o desmascaramento.

Agora que terminamos o caso Bréga, continuemos a passar pelo crivo de outras identificações.

O tapeceiro

A manifestação seguinte não oferece grande interesse, em razão do pequeno número de informações que foram dadas; todavia, ela ressalta do espiritismo o mais incontestável e lhe traz um novo apoio. É sob esse título que nós a mencionamos.

Ela aconteceu no final de uma sessão na cidade, em 8 de janeiro de 1922; no momento em que a reunião terminava, a médium diz o seguinte:

“Eu vejo: Lafarge, desenhista, rua Saint-Sauveur. Vejo desenhos representando objetos religiosos, virgens, etc...”

“Eu vejo um homem que parece ter 70 anos, branco, muito grande, por volta de 1.75m, ele tem os ombros curvados; ele escreve; é um operário; ele desenha; ele mostra 1873.

“Escuto: Narcisse François Charles; Goincourt, Oise.

Ele morreu em 1873. É Narcisse François Charles.

- Charles é o nome de família.

“Eu vejo uma mulher muito idosa, é sua mulher, Julie Marie Beule; ele tem uma filhinha de 4 ou 5 anos.

“Escuto: 1840, Marie Charles à Goincourt; esse espírito teria desejado vir; ele escreve Andralem. Eu vejo: Hélène Charles, professora em Beauvais, instituição livre, rua Louis Grave.”

O livro de registros consultado nos dá: Goincourt (Oise), 476 habitantes a 4 kilometros de Beauvais.

Sra. Lescornez, que mora precisamente na rua Saint-Sauveur, nº 99, foi encarregada da investigação; ela não pôde encontrar traços, nessa rua nem em outras, do desenhista Lafarge. Ela recebeu, de Goincourt, a seguinte carta:

Prefeitura de Goincourt (Oise).

2 de março de 1922

Senhora,

Para meu grande pesar, não foi possível conhecer o endereço da sra. Hélène Charles. Desde a morte de seu pai ou seu avô, sua família a perdeu de vista. Ela deixou Goincourt para morar em Paris e eis a única lembrança que sua família guardou...

Atenciosamente...

Beauvais

Essa carta estabelecia a existência da sra. Hélène Charles, que é, verdadeiramente, a filhinha que tinha 4 ou 5 anos na morte de Narcisse; tratava-se de estabelecer a existência legal dos dois esposos e a morte do marido; sra. Lescornez consegue o extrato do registro dos autos de registro civil da prefeitura de Guincourt constando que:

No ano mil oitocentos e setenta e dois, quinta-feira, nove de agosto, às 3 horas da madrugada, morreu em seu domicílio o senhor Jean François Narcisse Charles, tapeceiro, nascido em 20 de julho de 1820, filho de Jean Charles e Marie-Louise Fosse, esposo de Julie Désirée Bélou, 54 anos de idade, dona de casa.

(Data, assinatura e carimbo).

Em resumo: um homem de nome indicado pela médium que acrescentou dois primeiros nomes morreu em Goincourt (Oise) em 1872 e não 1873 (erro de data); ele era casado com Julie Désirée Bélou (a médium tinha dito Julie Marie Beule); a médium indicou, além disso, uma moça Hélène Charles cuja existência foi confirmada. Se tivéssemos invocado Narcisse em incorporação, não há dúvida de que ele nos daria informações mais completas.

Uma zeladora que não gosta de voz alta

Sessão de 23 de abril de 1922, Montmorency. – A médium apresenta contrações nitidamente visíveis nos músculos do pescoço; o lado direito está completamente deformado. O doutor Viguier, convidado a verificar o estado dela, faz as seguintes constatações:

No começo da incorporação, 120 pulsações.

Durante a contração, 114 pulsações.

No final da incorporação, 96 pulsações.

Pulso normal.

Perguntamos, então, a entidade que se manifesta; eis as declarações tomadas pela srta. Jeanne Laplace, em taquigrafia, e resumos:

“De beber... Marie, minha filha... 38 anos...; eu me chamo Léonie Parlange.

- Diga-nos o seu nome de solteira.

- De que isso lhe serviria? Ninguém me pede isso. (Nesse momento, o sr. Bourniquel mostra que o ventre da médium tomou um volume desproporcional; inchou enormemente, como uma hidropisia. O sr. Bourniquel diz que vai fazer uma punção para desinchar e com seu dedo apoiado sobre o ventre do sujeito, ele obtém o efeito desejado).

A entidade declara que ela tinha problemas no ventre; ela pede um pároco.

“A que igreja se deve ir?”

- Avenida Victor Hugo; Saint-Honoré d’Eylau.

- Escute...

- Mas eu lhe escuto; quando se sofre, não há necessidade de ouvir gritar em seu entorno, como os senhores fazem.

- Bem, eu vou falar mais suavemente, como aos doentes. Seu marido ainda vive? O que ele fazia?

- Eu sou viúva. Ele era zelador, na rua da Bomba, 71, no Sindicato dos domésticos. Ele era parisiense.

- Em que ano a senhora morreu?

- Junho de 1914. Havia uns quinze anos que meu marido tinha morrido. Eu tinha 71 anos. minha filha não era casada; ela faz chapéus; modista.

- Onde a senhora nasceu?

- Em Meuse. E eis histórias. Por que o senhor me pergunta tudo isso? Vá a minha casa. Lá o senhor encontrará minha filha; é uma mulher séria e pia; ela se chama Marie, 38 anos.”

A entidade não soube dizer o nome de seu médico e se engana quanto ao nome do marido, que ela diz ser Jean; a investigação revelou que ele se chamava Etienne.

Visão. – Como de costume, a médium teve em seguida, em estado de vigília, a visão relativa aos eventos acima. Saindo da sessão, um dos membros do comitê, o sr. Gatte, morando na rua Bachaumont, 9, teve a curiosidade de verificar no local, para sua própria satisfação, os detalhes dessa visão da qual ele teve o cuidado de tomar nota. Nós colocamos entre parênteses os resultados dessa verificação, feita com o concurso da filha da defunta.

A médium diz: “Eu vejo uma mulher de alguma idade, um pouco amarela, tez de doente, cabelos brancos, arrumados com duas faixas que passam sob o queixo; eu vejo óculos com as lentes escuras; sobre as mãos, manchas amarelas. (Todas essas informações são exatas, exceto as lentes que são brancas. A srta. Parlange me mostra um retrato de sua mãe e pude constatar que os detalhes do penteado correspondem completamente a aqueles dados pela médium. A srta. Parlange morreu aos 69 anos).

Escuto: Léonie Parlange. (É o nome de sua filha).

Tamanho médio, 1m 55. Saias longas. Ela usa sapatos de estrela sem salto (Exato).

Ela tem um rosário entre os dedos, com contas grandes e pretas. Numa ponta há uma cruz de metal. Ela deve ter morrido com ele. (Exato em todos os detalhes).

Vejo a rua da Bomba, 71. (Ela vivia nesse endereço. Ela morreu ali).

Tenho a impressão de que ela era cozinheira; vejo caçarolas, em volta dela há muito cobre; tenho a impressão de que não é na casa dela. (Ela não era cozinheira, mas era zeladora do imóvel no qual se encontra uma filial do “Cordon Bleu”, curso de culinária e confeitaria.)

Investigação. – De outro lado, o sr. Le Loup de Sainville, encarregado de fazer a investigação, nos entregou a seguinte peça:

Cidade de Paris. Registro Civil. Prefeitura do 16º distrito. Boletim de falecimento.

Sobrenome..... Martinsic
 Nome..... Marie-Anne
 Profissão..... Zeladora
 Idade de..... 69 anos
 Nascida em..... Réchicourt (Meuse)
 Falecida em Paris, em 26 de setembro de 1908
 Filha de Henry e de Marie-Rosalie Houssard.
 Viúva de Etienne Parlange.
 Fornecido em Paris,.....
 (Carimbo da prefeitura)

A esse boletim foi anexado um longo relatório do qual extraímos o que segue:

“Investigação sobre a incorporação da sra. Parlange, morta, rua da Bomba, 71, e cuja filha, modista, mora como zeladora, sucedendo sua mãe, no mesmo endereço; muito bom resultado com ligeiras imprecisões apenas, em meio a um conjunto excelente. – Nesse imóvel, há uma filial do “Cordon Bleu” curso de culinária. – O marido morreu em 1893, zelador dessa casa. Ligeiro erro quanto aos nomes que foram invertidos: a mãe se chamava Marie e a filha Léonie. Há também um erro na data do falecimento: a sra. Parlange morreu em 1908 e não em 1913. A filha não sabia que sua mãe tinha problemas no ventre, mas ela de fato tinha um ventre muito inchado e proeminente. Ela usava óculos para trabalhar; seu marido era parisiense.

E. Le Loup de Sainville.”

A catástrofe de Melun

Poder-se-ia crer que comunicações desse gênero não podem ser dadas senão de modo muito excepcional, por médiuns especializados, e depois de treinamento de muitos anos. A experiência nos provou que não é assim e que, por vezes, pessoas que ignoravam sua faculdade mediúnica forneceram espontaneamente, sobre desencarnados desconhecidos a todos e a elas mesmas, informações que uma identificação ulterior veio confirmar. Acontece muito frequentemente que sujeitos que não se envolvem com essas pesquisas têm revelações dessa natureza; estamos certos de que o fato seria ainda mais frequente se os bons médiuns não fossem tão frequentemente solicitados pelas famílias, naturalmente desejosas de estar em relação com seus entes que partiram, e não empregassem todo seu tempo nessas comunicações íntimas.

Eis aqui um caso muito interessante que foi apresentado pela sra. Darget, em 7 de junho de 1922; ele nos foi assim relatado por uma das testemunhas, o capitão B. – Médium: sra. Mariaud.

“A médium entra bruscamente em um estado cataléptico e depois de alguns passes para desembaraçá-la, ela fica em transe e dá às pessoas presentes o simulacro pungente de um corpo se retorcendo em sofrimentos atrozes e por lamúrias e gritos repetidos:

“Estou queimando... estou sufocando... tarde demais...” sugere a ideia de alguém morto em um incêndio. O estado dura por volta de sete minutos e, então, depois de vários passes, a calma se estabelece e a entidade faz a seguinte fala:

“Sou o capitão Amic, do 98º regimento de infantaria, na guarnição de Roanne; morri em meio a torturas atrozes no acidente da ferrovia de Melun, em 1913. Tive as duas pernas esmagadas e a metade do corpo carbonizada.

“Eu estava com minha mulher, nascida Maria Louise Rouvière. Não tive mais notícias dela desde a catástrofe: não sei se ela sucumbiu comigo. Desejo reencontrá-la. Vim com esse objetivo, guiado pelo sobrinho do comandante Darget. Eu voltaria se os senhores permitissem e agradeço-lhes.”

Durante a incorporação, o rosto da médium estava calmo, grave, com uma atitude um pouco altiva. Ele falava com uma voz lenta, medida, dando um pouco a impressão de preciosidade, de correção fria e digna. A saudação militar que ele fez ao comandante Darget no momento em que, de sua demanda, ele foi apresentado, foi feito com grande correção e à moda antiga, que dizer, o cotovelo bem elevado e a mão quase horizontal.

No objetivo de controlar a identidade dessa incorporação, o capitão B. da guarnição de Paris dirigiu-se ao círculo militar onde consultou os anuários de infantaria, do que resulta:

1º que o capitão Amic (Camille Léon) pertence ao 98º regimento de Infantaria, na guarnição de Roanne, durante os anos 1912 e 1913;

2º que ele não consta nos quadros desse regimento em 1914, mas que esse anuário traz na parte inferior da página do dito regimento a menção: oficiais removidos dos quadros de 1º de janeiro a 31 de dezembro de 1913: Amic, capitão, falecido.

Esse controle é preciosamente completado pela declaração seguinte, do comandante B, da guarnição de Grenoble (não espírita e que não assistiu à sessão). Esse oficial conheceu bem, em duplo título, o capitão Amic, então tenente estagiário na 14ª Companhia da Base de Abastecimento, em Lyon, depois mais tarde, após seu casamento. Sua declaração traz toda a luz desejável na presente investigação, pois ela verifica de modo indiscutível a atitude da médium no que se refere ao modo de ser, de falar e de saudar do capitão Amic. Ora, a médium, espírita há menos de 3 anos, jamais tinha visto, conhecido ou ouvido falar do capitão Amic; ela jamais esteve em Roanne.

Declaração do Comandante B.

“Conheci em 1900 o capitão Amic (uma das vítimas da catástrofe da ferrovia de Melun que aconteceu em novembro de 1913), enquanto ele era tenente no 22º regimento de infantaria e fazia um estágio no 14º esquadrão da Base de Abastecimento, corpo ao qual eu pertencia.

De 1900 a 1904, após o casamento do tenente Amic com a srta. Rouvière, do meu com a cunhada de um farmacêutico de Lyon e do irmão deste com uma outra dama Rouvière, conheci Amic ainda mais, e foi quem, para mim, de camarada tornou-se amigo.

“Na noite da catástrofe, eu viajava de Charolles para Paris e foi lendo os jornais, ao chegar em Paris, que tive conhecimento da catástrofe de Melun, e que um capitão Amic e sua mulher ali encontraram a morte.

“Alguns dias depois, por cartas da minha família de Lyon, eu soube que o capitão Amic, de quem os jornais tinham anunciado a morte, era o meu amigo e obtive os detalhes que seguiam o tema dessa morte e da sra. Amic.

“Para a viagem, eles se instalaram no primeiro vagão da 1ª classe que estava próximo à locomotiva; no momento em que aconteceu o choque, o vagão foi levantado pela força do trem contra a locomotiva que freava e a sra Amic, que teve as duas pernas cortadas (sem dúvida pelos bancos) foi projetada para baixo do vagão até a fornalha da locomotiva. Os detritos do trem apoiados sobre suas coxas, seu sangue escapava gota a gota e a morte não se fez até as 4 horas da manhã, sendo que a catástrofe aconteceu por volta das 9 ou 9 e meia da noite...

“O capitão Amic também teve suas duas pernas decepadas; apanhado alguns instantes após a catástrofe, ele morreu enquanto era transportado ao hospital de Melun.

“Era um rapaz bem colocado, falava lentamente e com uma voz forte e grave; ao primeiro olhar, ele parecia cheio de si, mas no fundo era um excelente rapaz. A maneira que o capitão B me retratou o capitão Amic (falando por intermédio de um médium) corresponde perfeitamente à lembrança que conservo do dito capitão.

Assinado: comandante B.”

“Nota. – Se alguém vier a pensar que a médium, tendo lido os jornais da época relatando a catástrofe de Melun, tenha tirado de seu subconsciente as informações e detalhes que ele nos deu estando em estado de transe, convém colocar em evidência:

1º Que o comandante B que, ele também, leu esses mesmos jornais, só teve, entretanto, a convicção de que se tratava de seu amigo Amic pela leitura das cartas de sua família, e que apenas essas cartas lhe deram a certeza, pois os jornais não mencionavam mais que “o capitão e sra Amic” e eles só davam os sobrenomes, não mais que o sobrenome de família da sra. Amic. Ora, a médium nos trouxe: Marie-Louise Bouvière, nome e sobrenome que ela não poderia ter tirado dos jornais e, por conseguinte, de seu subconsciente.

“Além disso, convém colocar em relevo um 2º elemento de verificação constituído pela atitude, a saudação, a maneira de ser e de falar do capitão Amic que foram reconhecidas exatamente as mesmas pelo comandante B.

“Em 5 de julho, um mês depois da primeira incorporação, o capitão Amic voltou a mesma médium, sra. Mariaud. Os assistentes ficaram muito interessados pelas palavras e a atitude tocantes da entidade, que agradeceu com emoção aos investigadores pela ajuda benfazeja que lhe havia sido dirigida; em termos selecionados e confirmando uma alta elevação de pensamento, o capitão Amic abordou diferentes temas cuja exposição não tem como ser feita aqui, considerando que ele não trazia nenhuma prova nova a aquelas, muito suficientes, dadas em 7 de junho.

Capitão B”.

Não temos a fazer, sobre esse caso interessante tão bem observado, outros comentários senão aqueles do capitão B e do comandante B, e fazer uma homenagem à sagacidade com a qual eles observaram e analisaram esses detalhes.

Chegamos agora à última manifestação e ao mesmo tempo, a mais notável, tanto em razão da multiplicidade e precisão de detalhes que foram dados quanto pela dificuldade que encontramos ao procurar verificá-los. Se, depois de acompanhar a exposição que segue, alguém persistisse em ver nessa comunicação nada mais que um jogo de faculdades criptestésicas brilhantes, isso seria de desesperar o bom senso humano.

Em busca do inencontrável

2 de abril de 1922, Montmorency. – Nessa sessão, particularmente importante por seus resultados, assistiam:

Senhor Delanne, presidente; Bourniquel, Gatte, Chardon, doutor Viguiet, Maillard, doutor Pigot, Le Loup de Sainville, Grandjean, de Chessin; senhoras Bourniquel (médium), Marillard, Colligno; senhorita Jeanne Laplace (taquígrafa).

Sr. Bourniquel, em ligeira indisposição, não pôde tomar a direção das experiências; sr. Gatte foi designado pelo presidente para substituí-lo.

Camillo, o guia das sessões, incorpora e declara que há ali um outro espírito que seria muito interessante, que as investigações seriam difíceis, mas que isso daria maior valor aos fenômenos.

A médium entra em agonia; ela parece sofrer muito, sufoca, a boca para dentro, feições de dor; grande contração dos músculos do pescoço; aspecto de pessoa velha. O sr. de Sainville faz um esboço.

Sr. Gatte. “Como o senhor está? Tente falar.

R. – Eu... eu... estou paralisado da garganta”.

(Alguns passes são dados à médium).

Sr. Gatte. “Diga-nos seu nome.

R. – Edmond.

- Agora, o nome de família?

- Duhêtre (Todos os nomes de família foram alterados). Morri de paralisia.”

(A mão direita é tomada de um tremor muito acentuado; a mandíbula, em movimento contínuo, parece ter um tique.)

As perguntas feitas em seguida são respondidas de forma lenta, fragmentária, nitidamente procurando reunir as memórias. Eis o resumo dessas declarações:

“Eu me chamo Edmond Duhêtre; eu morri em Paris; eu tinha 80 anos. Quando morri, eu morava em Nanterre (A entidade declarou, a princípio, ter morrido em Paris, e um momento depois, em Nanterre; é esta última localidade que ele persistiu em designar como sendo o lugar de seu falecimento.)”

Nesse momento, os traços relaxam e tomam uma expressão normal.

“Eu morava na rua dos Ponvains, em Nanterre; eu era casado, mas minha mulher estava morta; eu morri em 1913; eu tinha duas filhas: Pauline e Louise; esta ficou comigo; a mais velha, Pauline, é religiosa na Apresentação, rua Denfert-Rochereau, nº 68. Eu era rico. Eu tinha um escritório de consultoria em advocacia ao lado do Boulevard dos Italianos, rua Feydeau, nº 7. Minha mulher morreu antes de mim uns quinze anos: ela era italiana: Jeanne Joanni.

- Você percebeu que estava morto?

- Sim, mas não tem muito tempo. Eu percebi que havia algo, porque quando eu fui para casa, eu via todo mundo, eu falava com eles e ninguém me respondia. Como eu estava velho, sofria de paralisia, eu sabia que meu tempo estava perto e eu era religioso: eu sabia, então, que a alma não morre. Eu sabia que eu viveria, mas de uma forma diferente; morri com os Sacramentos; Eu comungava muito frequentemente; Eu ia à missa todos os dias; mas eu sabia

que eu não podia ir para o Paraíso; eu tinha muitas coisas pequenas a me culpar. Há muito tempo estou procurando; eu gostaria de me comunicar com minhas filhas.

- As pessoas devem ter feito missas para o senhor.

- Ah, sim! Minha filha Pauline é irmã Marie-Adrienne. Eu não podia vê-la muito, elas são enclausuradas. Ela manteve por muito tempo o véu branco, antes de tomar seu véu negro; minha mulher não queria dar o seu consentimento, ela deu antes de morrer.

Sr. Delanne. - Quando fizeram missas para o senhor, o senhor sentiu algo?

- Não, nada mudou; no entanto, há um mundo orando por nós, mas isso não serve de nada. Eles ainda acreditam no céu como quando em vida, eles oram para ir para lá: a mentalidade aqui não é alterada, é como na Terra; essa esperança me acompanha sempre.

- Quem lhe trouxe aqui?

- Uma força, como uma intuição; de repente, fui impulsionado a ir em outra direção: eu fui atraído a vir aqui.

Sr. Delanne. – O senhor não conhecia os fenômenos do Espiritismo?

- Ah, não! Ah, não!

- O senhor percebe que você está falando aos vivos?

- Mas os senhores estão mortos, como eu.

- Não, estamos na Terra.

- Eu pensei que eu estava falando com pessoas como eu.

- O senhor vê o lugar em que estamos? Fisicamente, o senhor vê todos?

- Não, não percebo.

- Toque seu cabelo, toque seu peito, e diga-nos se esses são seus cabelos, seu peito.”

A médium passa a mão nos cabelos dela e fica sonhadora. Então, ela suavemente acaricia o peito, e esse contato parece para trazer-lhe uma lembrança. “Rachel!... Rachel! Uma amiga...”

Ele conta, então, que essa pessoa, uma bela garota de Cabourg, onde ele tinha uma propriedade, tinha estado a seu serviço e que, mais tarde, ela veio morar em frente a seu escritório, na rua Feydeau. O espírito acrescenta que ele tinha uma irmã casada com um redator do Universo, o Sr. Paul C., que era cego; esse casal morava em Saint-Germain (o nome desta cidade é alterado.), e ambos morreram 15 ou 18 anos antes dele.

Sr. Delanne. – “O senhor crê que suas filhas vão admitir que pudemos falar com o senhor? Elas atribuirão ao diabo.

- Para fazer isso, é preciso dizer a elas coisas que só elas sabem. Eu tinha uma grande fortuna; Pauline teve seu dote. Louise, de Nanterre, não se casou; ela queria dar sua fortuna a uma comunidade⁸; eu preferiria que fosse repartido entre muitas obras. Será necessário falar sobre tudo isso com Louise; o senhor tem que dizer-lhe isso, ela vai entender: eu vivi muito tempo com minha mulher e depois nós casamos em Saint-Michel; isso é muito importante na minha vida, mas é muito delicado, é preciso ter muito cuidado. As filhas são minhas; minha mulher foi casada duas vezes; ela era italiana, eu parisiense.

⁸ Nota da tradução: É possível que a palavra “comunidade” se refira a comunidade religiosa. Como não fica especificado, opta-se por deixar em aberto.

-No que concerne às boas obras das quais o senhor fala, nós não temos nenhuma qualidade; alguém logo diria: vejam, esses espíritas, eles procuram tomar o bem dos outros. Dê-nos um detalhe que faça a sua filha entender que é o senhor que falou.

-Fale a ela de Saint-Michel. Foi lá que nos casamos; as meninas o sabiam muito bem, elas já eram nascidas; ninguém ao nosso redor sabia, foi por volta de 1900.”

Visão. - Vejo um homem, rosto magro, bochechas cavadas, um tique na mandíbula, corpo grande; ele deve ter morrido subitamente; parece de muita idade, cabelo branco, cabeça meio calva, um pequeno tufo de cabelos brancos logo acima do queixo. Edmond Duhêtre, rua Feydeau. Eu ouço: Pauline, - irmã Marie Adrienne. Ele deveria ter uma pronúncia ruim (Essa observação demonstra a minúcia com que a médium vê e escuta). Eu escuto: Louise, Nanterre, rua dos Pouvains, Jeanne Joanni; vejo uma mulher ao lado dele, que parece impotente; pequena, gorda, bonita, cabelos pretos volumosos, ondulados, cacheados; ela não devia conseguir se abaixar; é sua mulher; ela parece ter uns cinquenta anos.

Primeira investigação. -Sr Le Loup de Sainville, responsável pela investigação, estabelece o relatório abaixo, na data de 22 de abril, que foi lido ao Comité na reunião do 23:

"Apesar da precisão do relato detalhado feito pela entidade Edmond Duhêtre, a investigação leva a um completo erro.

1 ° Atualmente não existe rua de Pouvains em Nanterre, nem outra rua semelhante.

2 ° Os registros de Nanterre dos anos 1911-12-13-14-15 não contêm nenhum falecido de nome Duhêtre, mas apenas um Napoleão D. morto em um asilo, aos 90 anos de idade.

3 ° Os anuários para os anos de 1853-57-61-63-70 não mencionam nenhum advogado residente na rua Feydeau, nº 7, nem as listas de advogados no Tribunal;

4 ° O nome de C. dado como o de seu cunhado, jornalista no O Universo, não é mencionado em nenhuma destas datas.

5 ° O pároco de Nanterre nem seu vigário conhecem a srta. Duhêtre. O mesmo para o convento da cidade;

6 ° Um advogado não registrado no Tribunal viveu em 1870 no n. ° 206 (Nós colocamos um número-fantasia no lugar do verdadeiro.) da rua Feydeau; chamava-se Duhêtre;

7 ° Na rua Denfert-Rochereau existe um estabelecimento religioso da Visitação, não da Apresentação.

Diante desses resultados negativos, conclui-se por uma invenção forjada por um desencarnado romanesco.

Sessão de 23 de abril. - Sr. Delanne apresenta ao guia Camillo os resultados da investigação; Camillo responde: “Esse espírito não morreu em Nanterre; a casa ainda existe.

- As investigações foram feitas; a rua dos Pouvains não existe.

- A rua existia; antigamente rua dos Pouvains.

- O senhor afirma?

- Sim, eu afirmo. Sua filha ainda vive; essas pessoas pagam impostos. Tudo isso é verdade. O espírito está ali; ele insiste; ele diz ter duas filhas: Louise e Pauline.

- Pergunte se ele não tem que corrigir alguns pontos; nós o traríamos novamente.

-...

- Já que ele é muito religioso, peça a ele para afirmar diante de Deus a realidade das coisas que ele nos revelou.

- Sim, ele afirma.

- Como o senhor o vê, Camillo? Ele parece estar em seu estado normal; esse espírito, em vida, não sofria de uma doença mental?

- Ele me parece muito sincero. É inútil trazê-lo, pois ele não vai acrescentar nada ao que ele disse antes.”

Suplemento da investigação. - Relatório: “Continuei a investigação por conta das declarações de Camillo sobre Edmond Duhêtre; o resultado ainda é um completo fracasso. Novas pesquisas em Nanterre não foram capazes de descobrir a rua dos Pouvains, mesmo antes de 1913, até 1903. O nome de Joanni é desconhecido nos conventos de Nanterre e para os padres da paróquia. Em Paris, minhas pesquisas na Câmara Municipal do 29º distrito me deram a certeza de que Duhêtre não morreu na Feydeau; não há nenhum Duhêtre que possa ser relacionado ao que procuramos, entre 1905 e 1918. No nº 206, onde o livro me indicou um E. Duhêtre em 1870, não se encontra rastro de nenhum inquilino de mesmo nome; a zeladora está lá há dez anos. No 208, onde a zeladora está na função há 18 anos e conhece bem o edifício vizinho, nenhuma informação; no 204, nada diferente. Finalmente, visitei todos os números da rua, encontrei vários zeladores muito antigos; não consegui obter nenhum rastro de Edmond Duhêtre.

E. Le Loup de Sainville”

Sessão de 7 de maio. - Sr. Delanne, presidente, apresentou aos membros do comitê e depois a Camillo, os numerosos erros que nos impedem de encontrar o rastro de Duhêtre.

Camillo. – “Esses vê do próprio espírito; o espírito está ali; bem, ele viveu em Nanterre. Ele tinha outras propriedades que ele falou para os senhores, incluindo Caboury; os senhores poderiam ver.

-Por que ele deu um nome que é desconhecido? Ele fala de suas filhas... Isso seria não um sonho desse pobre homem?

- Não, ele insiste. Ele diz: Se alguém for ao convento, encontrará pistas da minha filha.

- Mas este convento é fechado, seria muito difícil; especifique; que convento é esse?

- A Visitação, 68, rue Denfert-Rochereau.

- Como é que ele continua a dar o nome de uma rua que não existe em Nanterre?

- Ele insiste sempre; sua propriedade existe; antiga rua dos Pouvains, quando ele a comprou.

- Pergunte a ele quando ele comprou e o nome do tabelião.

- Por volta de 1885. Ele não se lembra do nome do tabelião. O espírito continua a afirmar que ele morou na rua Feydeau; ele acredita ter morrido lá.”

Abandono e retomada da investigação. - Essa terceira sessão não trouxe elementos novos, como não foi possível solicitar mais da complacência do investigador, a manifestação foi considerada como errônea, e o caso encerrado.

As férias chegaram, as sessões terminaram.

Mês de junho. Sra. Maillard, que não faltou a nenhuma, se encontrando em um salão com uma senhora de idade que viveu há muito tempo em Nanterre, teve a ideia de perguntar se ela

não teria conhecido um senhor de nome Duhêtre; a senhora se lembra de ter conhecido, e dá sobre ele algumas informações que confirmam aquelas fornecidas pelo espírito, durante as três sessões. Duhêtre, que acreditava ter seus segredos de família e pecados bem escondidos, não poderia supor que havia pessoas tão perfeitamente a par de sua vida. Infelizmente, a senhora não se lembrava mais o nome atual dado à antiga rua Pouvains, da qual ela certifica a existência.

Esse encontro fortuito e feliz nos engajou a retomar nossas pesquisas; na ausência do sr. Le Loupe, que saiu de férias, o sr. Gatte foi encarregado da nova informação; ela lhe poupava algumas surpresas e tribulações as quais ele observa no seguinte relatório:

Domingo, 8 de outubro de 1922. (Primeira viagem para Nanterre). – Estando fechada a prefeitura, perguntei a vários comerciantes se poderiam direcionar-me à rua dos Pouvains e se eles se lembram de uma família Duhêtre tendo vivido ali; por todos os lados, tive resposta negativa. O pároco não tem nenhuma lembrança nem da rua dos Pouvains nem dos Duhêtre. Encontro várias pessoas de idade que me dizem morar em Nanterre há muito tempo e que não sabem de nada.

19 de outubro. (Segunda viagem à Nanterre). No tabelião, o subtabelião foi consultar os arquivos; depois de algumas pesquisas, ele encontra um ato notarial em nome de Sr. Jules Edmond Duhêtre, morando em Nanterre, rua dos Pouvains, datado de 1892, o qual menciona sra Duhêtre, nascida com o sobrenome Giovanni (Lembremos que alteramos todos os nomes de família). Meu interlocutor não pôde me dar nenhuma informação sobre a rua dos Pouvains, a qual ele ignora.

Na prefeitura onde me dirijo, no escritório de Registro civil, são consultados os registros de falecimento de 1900 até 1916, sem encontrar vestígios do nome de Duhêtre (Nesse caso, devemos agradecer os municípios que facilitam nossa tarefa muitas vezes ingrata e expressar-lhes o reconhecimento de todos os pesquisadores boa fé.).

Pergunto se a rua dos Pouvains é conhecida; as pesquisas parecem vãs, quando um antigo funcionário disse lembrar-se que a rua dos Pouvains existia em Nanterre e que é hoje chamada rua Chanzy. Ele também lembra de uma jovem Duhêtre que viveu nesta rua no n°...

Eu vou à rua Chanzy; a propriedade atende às indicações dadas pela entidade; o atual inquilino nunca conheceu a sra. Duhêtre, mas ele sabe que essa propriedade foi vendida após o armistício para o proprietário atual, que vive em uma pequena cidade no sudoeste.

Em uma carta escrita a ele pelo Sr. Bourniquel, este senhor respondeu em 20 de outubro e dá como provável endereço da srta Duhêtre o n° 23 do boulevard da República, Saint-Germain (Lembremos que nós mudamos o nome da cidade).

23 De outubro. (Primeira viagem para Saint-Germain).- No n° 23 do boulevard da República a srta Duhêtre é desconhecida. Procuramos no anuário da cidade e encontramos uma jovem senhora de Duhêtre no 27 do mesmo boulevard. Eu vou lá: esta senhora está ausente durante o dia. Obtenho dos zeladores que o Sr. Edmond Duhêtre morreu no edifício em 1906 (Outro erro! Veremos mais adiante que a morte data de 1908. É, então, difícil saber a verdade!) e a srta Louise é sua filha, que viveu em Nanterre, onde ela possuía uma casa de campo; que seu pai era muito rico, que também era o proprietário de casas de campo em Cabourg. Dizem-me também que a srta Louise tem uma irmã religiosa no convento da Visitação, rue Denfert-Rochereau, em Paris, na religião é irmã Adrienne. Os zeladores conheceram o Sr. Duhêtre; eles nunca viram a Sra. Duhêtre, mas eles sabem que ela era de origem italiana. Todas essas informações são dadas a mim sem que eu as tenha provocado.

Eu peço a esses homens para anunciarem minha visita à srta. Duhêtre para o próximo sábado. Em seguida, vou ao cemitério; nos registros, encontro traços do falecimento do sr. Edmond

Duhêtre, em 4 de julho de 1908. A partir das indicações dadas pelo funcionário, vou à sepultura, uma lápide negligenciada e coberta de limo sobre a qual se lê a simples inscrição:

GIOVANNI-DUHÊTRE sem data, sem outra indicação.

Sábado, 28 de outubro. (Segunda viagem a Saint-Germain). – A srta. Duhêtre se recusa categoricamente a receber-me, sob o pretexto de que ela não me conhece; ela não quer ouvir nada. Recebido em sua porta, ela disse não conhecer os negócios de sua família e me encaminha a seu advogado para todas as informações, onde não julgo útil me dirigir.

10 de novembro. (Terceira viagem a Saint-Germain). – Eu vou ao escritório de Registro Civil onde o boletim de falecimento anexado me é entregue e onde obtenho que a sra. Duhêtre, nascida Jeanne Giovanni, morreu em Nanterre, em 10 de novembro de 1896.

Rua dos Pouvains. – Tendo as pesquisas encontrado dificuldade para encontrar essa rua, decido completar a investigação com informações mais precisas; em 11 de novembro, vou mais uma vez à Nanterre. Rua Chanzy, me dirijo a vários habitantes, alguns morando ali há mais de 30 anos. O proprietário de uma casa na esquina da rua Chanzy com a praça do marechal Foch me diz que ele mora na mesma casa há uns 40 anos. Ele acredita que a rua dos Pouvains foi rebatizada depois da guerra de 1870, mas, no que lhe concerne, ele sempre a conheceu com o nome de rua Chanzy.

Eu digo que vi um ato notarial datado de 1892 onde a rua dos Pouvains se encontra mencionada; ele me responde que isso é muito normal, pois os atos notoriais geralmente registram ruas, praças, etc. como o nome que elas trazem no momento da construção dos imóveis em causa.

Muitas pessoas no bairro conheceram o sr. e a sra. Duhêtre, e as informações que me dão quanto aos aspectos físico e moral corroboram perfeitamente com os detalhes dados pela entidade. Um comerciante da rua Chanzy, vizinho de muro do sr. Duhêtre, conheceu este último. Entre outros detalhes, ele se lembra do tique nervoso da mandíbula que o afetava, e diz que o sr. Duhêtre morreu de paralisia, todas as informações dadas pela médium.

Eu devo acrescentar que, nas minhas pesquisas, para encontrar a rua dos Pouvains, eu me dirigi à gendarmaria assentada a uma distância de uns dez metros da atual rua Chanzy, e que não encontrei ali nem informações, nem diretivas (Essa é a gota d'água.).

Paris, 12 de novembro de 1922

Gatte

Rua Bachaumont, 9°

A esse relatório é acrescentado o Boletim de Falecimento seguinte:

Prefeitura de...

De um AUTO DE FALECIMENTO dirigido à prefeitura de... em 4 de julho de 1908, aparece que Sr. Jules-Edmond D..... advogado, nascido em Paris (2° distrito), em 15 de agosto de 1824, viúvo de Jeanne..... residindo em..... 27, boulevard da República, faleceu em 4 de julho de 1908, à.....

..... 10 de novembro de 1922.

(Carimbo) Assinatura.

Observações. - É realmente útil enfatizar o caráter verídico e claramente espírita dessa manifestação extraordinária? Ela traz tantas evidências, inatacáveis, irrefutáveis, controladas,

que nos é suficiente listá-las sem que seja necessário sustentá-las com uma longa argumentação.

Antes da primeira incorporação, que remonta a 2 de abril, Camillo tem o cuidado de nos advertir que o espírito que irá se comunicar será muito interessante, mas que as investigações serão difíceis (no plural). Já vimos como essa previsão foi fundamentada, uma vez que as investigações que começaram desde o dia ulterior à sessão só terminaram em 12 de novembro: assim, duraram mais de 7 meses. A dificuldade vinha principalmente da impossibilidade dos dois investigadores de encontrar a rua dos Pouvains, rebatizada há 50 anos (a médium não tem mais que 35), as pessoas que ali vivem há 40 anos ignoram essa antiga denominação; apenas a senhora encontrada pela Sra. Maillard em um salão de Paris e o antigo funcionário da prefeitura em Nanterre conheciam essa particularidade.

E dificuldades ainda para encontrar a filha de M. Duhêtre: levou 6 meses e meio. O mesmo para as outras informações que puderam ser confirmadas. Camillo e Duhêtre insistem veementemente nas sessões seguintes e Duhêtre, que foi um homem pio e religioso, não hesita em atestar diante de Deus que ele fala a Verdade.

Independentemente dos testemunhos de toda espécie, há ainda o túmulo no qual estão enterrados os dois cônjuges; o Sr. Gatte, da maneira mais conscienciosa, realizou sua investigação até o fim; ele esteve no cemitério, certificou-se da existência passada desses dois seres, enterrados lado a lado; e, após essa visita, ele teve de fazer uma nova viagem, a sexta e última.

Não será possível dizer que a informação foi obtida de modo aligeirado.

XIII

Juntemos os fatos

Vocês fizeram o corte;
Agora é preciso costurar.
(Uma rainha da França, para seu filho)

Quando assistimos experiências nas quais se procuram figurar outras personalidades, não demoramos a perceber que a imaginação dos sujeitos é menos rica que se poderia esperar. A personalidade de um militar, de um padre, de uma dançarina, etc., se reproduz quase sempre com variações imperceptíveis; vê-se nitidamente que o reservatório onde a imaginação subliminal se alimenta não é inesgotável.

É muito diferente quando são individualidades desconhecidas que são conhecidos por nós por meio dos médiuns; aqui, a variedade é infinita, como a que se encontra ao frequentar personagens humanos. Em geral, sua maneira de falar é característica, em estreita relação com os costumes, o estilo de vida, os negócios do desencarnado. Estas são diferenças que nos permitem distinguir perfeitamente o que vem do fundo intelectual do médium daquilo que chega a ele externamente.

As nuances de caráter são igualmente muito marcantes; algumas entidades do além suportam com muita dificuldade o interrogatório ao qual são submetidos; algumas se exprimem com veemência ou grosseiramente, como o faria um indivíduo rude ao qual se colocassem questões que lhe parecessem indiscretas: “De que isso poderia lhe s...?” protesta um deles; e um outro: “Por que o senhor está me perguntando tudo isso? O senhor não é nem meu parente, nem meu amigo; em que isso poderia interessar-lhe?”. Outros, um pouco mais complacentes, consentem, depois que sumariamente informados, em fornecer alguns detalhes íntimos e isso é um dos pontos mais interessantes, porque nos permite uma verificação ulterior.

É de se notar que os espíritos de camponeses continuem a se interessar pelo trabalho da terra; eles falam dele com visível satisfação, e todos, de resto, em tudo que foi aqui sua principal ocupação.

Aqueles que são mais instruídos se exprimem com um vocabulário mais refinado, vindo de sua educação; mas, de modo geral, os espíritos com os quais estivemos em relação nos pareceram pouco evoluídos. Eles seguiram o curso da vida comum sem tentar compreender por que eles vieram ao mundo e, salvo exceção, (notadamente Duhêtre), não parece que os ensinamentos religiosos tenham deixado neles um traço profundo.

Inconscientemente, eles eram materialistas, ou mais exatamente, agnósticos; eles deixavam correr sua existência de uma maneira quase automática e a responsabilidade das faltas que eles possam ter cometido parece singularmente atenuada, eles não parecem estar verdadeiramente incomodados por elas; eles não têm, não mais, grandes satisfações; é possível senti-los num grau inferior da vida astral. Para a maioria, não fazem mais que despertar, e ainda incompletamente, da turbidez que sucede a morte.

Pudemos libertá-los dessa situação e permitir-lhes tomarem melhor consciência de si; será interessante, em pesquisas ulteriores, proceder com o estudo dessas individualidades, a fim de nos dar conta das mudanças que poderão acontecer em seu estado.

Muitos dentre eles não duvidam que existem em seu meio seres mais evoluídos: eles são tão ignorantes dos habitantes do além quanto quando estavam na terra. Parece que seus sentidos perispirituais não são mais desenvolvidos do que eram seus órgãos de encarnados, eles não

têm mais que sensações materiais por vezes diminutas, e, necessariamente, sua mentalidade não se encontra consideravelmente modificada; nesse ponto de vista, a morte não criou hiatus entre esses dois modos de existência e mais uma vez se verifica o aforismo de Leibniz: *Natura saltus non facit*.

A vida terrestre continua na vida astral e a turbidez em que esses espíritos estão imersos pode se prolongar por muito tempo, uma vez que temos constatado que alguns indivíduos mortos há meio século ou ainda mais pareciam despertar de um longo sonho e retomavam a vida astral do mesmo ponto do Tempo que a tinham deixado.

É, então, o perispírito o verdadeiro corpo permanente da alma, e a mentalidade do ser é devida às sensações registradas nele, mesmo depois que ele se separa do corpo físico.

Mas, e a observação é importante, quando se chega a mostrar a esses seres sua situação real, sua mentalidade se modifica; pouco a pouco, eles tomam consciência de seu novo estado e à medida que se identificam nele, eles passam a ter novas percepções; eles veem outros espíritos que são superiores a eles e recebem ensinamentos deles. É assim que Camillo tem frequentemente ajudado alguns desencarnados não somente a se reconhecerem, mas também a se familiarizarem com a vida do espaço.

De acordo com o que sabemos pelas investigações feitas anteriormente, é certo que aqueles não ficarão nesse estado inferior; eles acabarão por adquirir o inteiro conhecimento do que são e, ao mesmo tempo, vão desvanecer progressivamente as criações ideoplásticas que faziam com que as novas condições de vida fossem consideradas análogas à da terra. Encontramos o mesmo em Camillo, quando ele diz (sessão de 4 de março de 1922): “o espírito nem sempre se apercebe: acontece de ele confundir um encarnado com um desencarnado”.

É, portanto, de extrema importância para cada um de nós conhecer desde agora os diferentes estados da vida futura; isso vai evitar que venhamos a ser a presa de monoideísmos que por longos períodos impedem a alma desencarnada de compreender a realidade; seria bastante útil porque as condições pós-morte são muitas vezes muito penosas, quando o espírito se imagina estar no purgatório ou no inferno e experimenta dessa ilusão sofrimentos indizíveis.

Nós tivemos contato com um pequeno número de habitantes do além, nossa investigação não poderia comportar o conjunto de desencarnados, mesmo na categoria daqueles que ainda estão nas camadas mais vizinhas à da Terra; porém, nosso contato é bastante demonstrativo porque nos mostra que a sobrevivência é a lei e que o princípio pensante é realmente independente do organismo físico daqui.

Ele nos mostra, também, o perispírito guardião indefectível de nossa individualidade e de nossos estados de consciência, arquivista de nossa vida mental, conservador de nossas aquisições psíquicas, que uma transformação tão radical como a morte não poderia destruí-las.

É possível fazer aproximações úteis entre os fenômenos que observamos entre nós, tais como o da regressão da memória, e o que acontece no além. É certo, por exemplo, que o pequeno Mimi Lenay não ficou desde sua morte preso aos horríveis sofrimentos de sua agonia, a reproduzida por Albertina; do mesmo modo para os outros espíritos que figuraram os sintomas das doenças que os levaram à desencarnação. É infinitamente provável que esses seres pouco evoluídos, ao incorporarem, sofram automaticamente essa regressão da qual fomos testemunhas com muita frequência.

Parece, pois, que os estados mentais e psico-fisiológicos concomitantes se conservam integralmente no invólucro fluídico e que eles se reproduzem automaticamente, necessariamente um chamando o outro.

Daí, não é de surpreender que se encontrem na memória dos desencarnados as mesmas confusões, os mesmos erros, as mesmas lacunas que se constata nos humanos nas mesmas condições, quer dizer, durante o delírio ou nas doenças que entravam as faculdades do cérebro.

Independentemente dessas causas psicológicas, é preciso notar que nossas relações com os desencarnados, tal como diversas vezes apontamos, se complicam pela dificuldade que o espírito experimenta ao servir-se de um organismo que lhe é totalmente estranho.

Já na Terra, temos muitas vezes a experiência de que é bastante difícil fazer-se compreender por meio do telefone de um correspondente cujo posto receptor está em más condições. Repete-se a mesma palavra com uma impaciência crescente e sempre chega deformada a outra extremidade do fio. Essas damas do P. T. T. poderiam falar disso voluntariamente.

Não sejamos, pois, demasiado exigentes supondo que as relações devam estabelecer-se entre dois postos cuja afinação é tão difícil de realizar; a corrente fluídica que as liga nem sempre pode se dar na mesma intensidade, nem a vibração perispiritual em sincronismo constante com o receptor mediúnico.

Mais tarde, sem dúvida, quando esses estudos forem levados aos laboratórios pelos intelectuais, chegaremos a descobrir as leis que presidem esses problemas.

Nesse dia, um imenso passo será dado.

No capítulo VI fizemos um estudo das visões psicométricas da senhorita Jeanne Laplace. Apoiando em sua frente um objeto vindo da pessoa que deseja se consultar, ela tem imediatamente a visão muito nítida de eventos relacionados a essa pessoa. O fato é bem conhecido, ele foi estudado de modo muito completo, nas obras de vários psiquistas.

O objeto levado à vidente é necessário para estabelecer uma relação psíquica entre ela e o consulente, estando este presente ou não; e nos casos bem controlados, quando esta condição não é atendida, a visão não acontece. Do contrário, assim que estabelecida a relação, imediatamente se apresentam imagens, cenas animadas, pessoas. A médium não faz mais que seguir a pista e descrever os eventos que se desenvolvem diante dela, como numa tela.

É, pois, o contato do objeto que desperta a lucidez do sujeito. Se fosse necessário apoiar nossa afirmação com uma prova formal, nós a encontraríamos em uma experiência feita em Varsóvia, por M. Ossowiecki. A relação foi publicada pela Revista *Metafísica* (julho-agosto de 1922, página 251. Ver também a “Revista científica e Moral do espiritismo”, dezembro de 1922, páginas 364-5); ela foi enviada ao doutor Geley pela testemunha direta, a Sra. Aline de Glass, mulher do juiz da corte suprema da Polônia.

Durante uma visita a casa da general Krieger, mãe de Ossowiecki, a Sra. de Glass pergunta a ele se ele poderia informar sobre um broche que ela tinha perdido. Ele, então, descreve a ela um broche que foi encontrado na mesma caixa que o outro, mas ele não conseguia dar informações mais precisas, salvo se tivesse algo de material relativo ao objeto.

“Senhor, diz a Sra. de Glass, o broche estava preso aqui neste vestido”.

Ossowiecki pousa seus dedos sobre o lugar indicado e ao cabo de alguns segundos diz: “Sim, eu o vejo; ele é oval, de ouro, muito leve, é um broche antigo que lhe é caro como uma lembrança de família; eu poderia desenhá-lo para a senhora, pois o vejo claramente. Ele tem

como que orelhas; é composto de duas partes, que entram uma na outra como se fossem dedos entrelaçados...

- Mas é extraordinário o que o senhor diz; justamente há como que dedos entrelaçados.
- Eu vejo, a senhora o perdeu muito longe daqui (realmente foi a uma distância de 4 quilômetros). Sim, rua Mokolowska, esquina da rua Koszykowa.
- Mas, sim, foi lá que eu fui hoje.
- Um homem de bigode preto se inclina e o pega. Será muito difícil recuperá-lo. Tente fazer anúncios nos jornais”.

No dia seguinte, meu irmão vem a minha casa e exclama: “Milagre, milagre! Seu broche foi encontrado. Ossowiecki me telefonou dizendo que você apenas deve ir amanhã, às 5 horas, a casa da general Jacyna, irmã dele, e que ele o enviará”.

Em 7 de junho vou à general; pergunto ao sr. O.: “E meu broche, o senhor está com ele?”

- Esteja certa, senhora, nós vamos vê-lo. E ele me mostrou meu broche. Era um verdadeiro milagre.”

O. conta então a seguinte história:

“No dia seguinte ao nosso encontro, fui pela manhã ao banco. Na entrada, reparei um homem que me parecia já ter visto em algum lugar; no mesmo momento, lembrei que era justamente o homem que eu vi, nas minhas ideias, ter pego seu broche. Eu o tomei gentilmente pela mão e lhe disse: “Senhor, o senhor encontrou ontem um broche na esquina da rua Mokolowska e Koszykowa. – Sim, ele disse espantado, - Onde ele está? – Em casa; mas como a senhora o sabe?” Eu dei a descrição do broche e contei tudo que havia acontecido. Ele ficou pálido e confuso. Ele me trouxe o broche cuja descoberta ele iria anunciar nos jornais”.

Esse relato é muito sugestivo; ele nos mostra o sujeito procurando em vão visualizar e perdendo o objeto; ele encontra o caminho assim que toca com os dedos a parte de uma vestimenta sobre a qual o broche esteve preso; a visão é tão nítida que ele pode, em seguida, reconhecer o homem que o havia encontrado e fazer com que ele o restitua.

Isso demonstra indiscutivelmente a necessidade de estabelecer pelo contato de um objeto pessoal uma relação psíquica entre a pessoa que consulta e o médium; é isso que sempre acontece nas experiências tão marcantes feitas com a srta. Laplace.

Trata-se aqui de uma faculdade cinematográfica muito interessante, mas à qual é preciso dar, antes de tudo, uma interpretação animista.

Bem ao contrário, na série experimental de Albertine, que se tratam de visões ou de incorporações, nenhuma relação psíquica, direta ou indireta, intervém entre ela e o comunicante; nenhum dos assistentes jamais soube, no momento da abertura das sessões, qual espírito iria se manifestar; nenhum teve o menor indício sobre a existência terrestre desse último.

Não seria, portanto, na prática psicométrica que se poderia encontrar explicação de suas experiências que, já dissemos e precisamos, são de uma ordem diferente.

Entre as revelações que fizemos, fomos frequentemente obrigados a lançar um véu espesso sobre verdades por vezes muito brutais. Atos desonestos, delituosos ou criminosos, incêndios voluntários, abortos, desvios, nos foram confessados pelas entidades desejosas de aliviar a consciência. Por meio de investigações discretas, conseguimos verificá-las.

Se nós não estivéssemos atrás apenas do interesse de nossas concepções; se, imitando alguns jornalistas esgotados em sua seiva intelectual, não tivéssemos procurado mais que a publicidade pelo escândalo, estaríamos abundantemente providos; mas nosso desejo de ver triunfar nossas ideias se impôs diante das conveniências, diante do segredo profissional que, na circunstância, era um segredo confessional. Não teria sido leal fartar a curiosidade do público apresentando fatos privados cuja confiança de pobres desencarnados nos havia feito os guardiões involuntários.

E, no entanto!... quanta força de convicção, quantas provas absolutas nessas confissões por vezes ingênuas!

Quem, pois, entre nós, teria imaginado tal ou qual detalhe sinistro ou macabro, cuidadosamente escondido em segredos de família e que uma alma errante vinha nos confiar em sua aflição? Quem, pois, teria suspeitado a probidade de uns, a fidelidade de outros? Quem, pois, teria podido conhecer o drama íntimo no qual em outro tempo se empenhava toda a honra de uma casa?

Esses numerosos fatos, que foram grandes eventos para aqueles que os vivenciaram em outros tempos e dos quais muito frequentemente não resta nenhuma testemunha, nós não o inventamos. Ainda que se desse à criptestesia toda amplitude, toda extensão que se desejasse, seria impossível conhecê-los.

E se o professor Richet tivesse escutado diretamente o relato deles, ao invés de dizer: A prova da vida após a morte não está dada, mas apresso-me a acrescentar que estamos muito perto dela (“Tratado de Metafísica”, página 778), nós teríamos a certeza de que ele teria fielmente declarado: A prova da vida após a morte é, de agora em diante, um fato confiável.

Os leitores de boa fé reconhecerão, de fato, que tratamos de descartar todos as causas de erro, e apesar da dificuldade de evitá-las por completo, estimamos que alcançamos o objetivo. Isso não impedirá os contraditores, principalmente aqueles que jamais assistiram nossas investigações, de insinuar que nossos procedimentos não são científicos.

Mas, primeiro, o que se entende por: científico? O que é científico e o que não é? Nós não vamos, à exemplo de Brunetière, proclamar a falência da ciência; mas, enfim, com seus métodos, suas teorias e seus dogmas, ela pretende a tudo demonstrar?

Ela pode explicar a magnetização, o fluido elétrico, o magnetismo terrestre, a atração universal, as manchas solares?

Por que os raios do sol chegam quentes à Terra, depois de ter perdido todo calor nas regiões de frio intenso pelas quais passaram?

Por que as nuvens formadas seja por partículas sólidas (erupção do Krakatoa), seja pelo gelo, não caem?

Por que os raios de luz atravessam o vidro polido e os raios refletidos pelo olho não o atravessam?

Por que, nos compostos químicos, jamais se encontram as propriedades dos componentes? Exemplo: o cloreto de sódio (sal marinho) não possui nem a toxicidade do cloro, gás asfixiante, nem a afinidade para o oxigênio do sódio, que queima espontaneamente na água.

Por que, quando uma mesma quantidade de calor é absorvida por dois corpos de natureza diferente, mas tendo a mesma forma e mesmo volume, a elevação da temperatura não é a mesma?

A nutrição dos seres animados exige uma desmaterialização total da matéria; se se admite que a matéria animada traz em si sua personalidade, deve-se admitir ao mesmo tempo que quando o antropófago come seu vizinho, a personalidade da matéria muda. O mesmo quando vemos

um cachorro engolir uma costeleta ou um boi ruminar alfafa, acontece isso: a ovelha se transformará em cachorro e a erva em boi. Como e por que?

Assim, convivemos todos os dias com mistérios que nos espantam e aos quais o costume nos leva a não prestar atenção neles. Desconfiemos do testemunho de nossos sentidos.

O Monsenhor Sibour, em viagem, se encontrava à mesa do anfitrião ao lado de um caixeiro viajante que comovia por não querer crer além de sua compreensão.

“O senhor compreende, pergunta o prelado, por que o fogo faz derreter a manteiga e endurecer o ovo?

- Não, respondeu o outro.

- Isso lhe impede, replica Monsenhor Sibour, de crer em omelete?”

As aparências das coisas nos induzem constantemente ao erro; os antigos, vendo o sol se levantar no leste e se deitar no oeste, tinha a ilusão de que o sol girava em torno da terra. Os erros são devidos com frequência a nossa ignorância das causas verdadeiras; é assim que um bastão mergulhado na água nos parecerá quebrada se ignorarmos as leis da refração.

Se, então, nos ativermos somente ao lado exterior das coisas, se não virmos para além da Matéria, se não formos capazes de libertar uma filosofia daquilo que nos revelam nossos sentidos, nos manteremos sempre no erro.

O futuro da Matéria, de resto, parece muito comprometido. De todas as partes, ela recebe assaltos aos quais ela resiste ainda valentemente, mas já se escutam rachaduras significativas do lado do trono soberbo do alto do qual ela reina sobre o mundo. As células se dissociam, os átomos explodem, os elétrons dançam uma vertiginosa sarabanda em torno dos íons. A Matéria v...ai embora, diria a sra. du Barry.

Seria curioso saber o que pensam os intelectuais quanto a esse estado de coisas.

As últimas teorias não parecem tê-las prejudicado. Impavidum ferient ruinoe. Sra Curei, que o sr. Paul Henzé é o único a considerar como espírita, a sra. Curie não parece bem decidida: “Quem pode saber o que é a Matéria? Eu sei, Eu, o que é a Matéria?” declara ela, sorrindo.

Então, se essa pessoa douta está tão mal informada, quem o estaria mais que ela?

Teriam os intelectuais consagrado tanto zelo ao estudo da Matéria para chegar a essa negação: Nós não a conhecemos, mas ela existe? E isso lhes dá maior autoridade para dizer da Alma, que eles jamais estudaram: Nós a conhecemos, mas ela não existe?

Eles sabem melhor o que é a Morte?

Eles sabem somente, de modo preciso, em que momento a Vida se torna Morte?

Eles não parecem seguros quanto a isso.

Bouchut afirma que há tantos sinais exatos, imediatos e distanciados da Morte que é impossível que um médico verdadeiramente instruído possa confundir a morte aparente com a morte real. E ele aponta, para evitar que se enterrem pessoas vivas, dezesseis índices entre os quais se encontra a falha na ação da atropina sobre o olho morto (Doutores Bouchut e Desprè. – Dicionário de Medicina).

Precisamente, os doutores Ginestous e Lande tiveram recentemente a oportunidade de examinar os olhos de um guilhotinado 25 minutos após a decapitação. Eles relatam à Sociedade de Medicina e de cirurgia de Bordeaux os resultados desse exame.

“Às 6h45, dizem, portanto $\frac{3}{4}$ de hora depois da execução, instilamos no olho direito 3 gotas de um colírio com atropina e no olho esquerdo 3 gotas de um colírio com eserina (A atropina dilata a pupila e a eserina a contrai). Depois de $\frac{1}{4}$ de hora, a pupila direita pareceu sofrer uma leve dilatação; a esquerda não variou. Porém, por volta das 8 da manhã, um de nós e nosso confrade Portamn constatamos um aumento da midríase (dilatação) na direita e, o contrário, miose (contração) na esquerda. As pupilas parecem, então, ter reagido” (Savoir. – 7 de outubro de 1922).

Assim, duas horas depois da decapitação, quando todos os vasos se encontravam cortados com o eixo nervoso, quando o cérebro não recebia mais do coração seu alimento fisiológico, a persistência da vida se manifestava ainda na cabeça do morto.

Bouchot é formal: enquanto há vida, a influência da atropina se revela em poucos minutos, em meia hora no máximo, pela dilatação da pupila: mas quando a vida se foi, a iris resta imóvel e a atropina não tem mais nenhum efeito sobre a pupila (Dr. Bouchut. – Os sinais da morte).

No dicionário das Ciências Médicas, de Dechambre, (artigo suplicios) encontra-se uma relação equivalente: Duas cabeças guilhotinadas tendo sido expostas durante quinze minutos à uma luz viva, pálpebras suspensas, se fecham rapidamente. Um outro guilhotinado, de nome Dutillier, virava os olhos para o lado onde o chamavam...

Esses exemplos provam que a vida e a consciência não foram cortadas pelo golpe do carrasco; este, com o aço, libera o espírito preso ao corpo físico, como se fosse uma gota de ácido pondo em liberdade a bolha de gás contida num pedaço de giz.

Fizeram-nos uma queixa quanto a condição humilde dos espíritos que vêm a nós. Certamente, estaríamos muito honrados de ser visitados pelos gênios da humanidade e nós teríamos mostrado, por recebê-los dignamente, que sabemos o que se exige de nós, a hierarquia, o protocolo e a deferência.

Porém, Victor Hugo ficou calado e Gambelta não trovejou; nós nos consolamos, pois o que nós temos precisamente buscado são pessoas sem notoriedade e sem História. A bela dificuldade, verdadeiramente, para um sujeito bem exercido, de acampar um Napoleão belicoso e proclamador ou de recitar um desses epigramas que Voltaire lançava aos senhores e que faziam enrubecer as damas (Sem contar que os discursos desses pretensos médiuns são sempre falhos e que suas estrofes são tolas). Os grandes homens? Deixemo-los dormir em paz; eles talvez tenham mais necessidade de repouso do que os pequenos. Seus raciocínios são frequentemente falsos; eles também, como os outros, têm necessidade de ir à escola e, em todo caso, eles não teriam podido nos dizer do que nós queremos saber no que se refere a essas grandes questões; de resto, nós jamais o chamamos.

Nossas concepções ampliaram, graças a essa psicologia experimental que nos leva progressivamente à descoberta da alma, a constatação de sua existência, de sua preexistência e de sua sobrevivência. Por ela, conhecemos a lei moral que tudo rege.

Todos os deístas partem do princípio de que se existe uma inteligência diretora do Universo, esta deve ser justa e a experimentação espírita confirma essa indução. O espírito de Léo que impulsionou ao suicídio sua viúva, Sra. Formosa, acreditava poder encontrá-la no além; ele percebeu estupefato que essa violação da lei moral o separava do objeto de seu amor por um período indeterminado.

Eis uma confirmação experimental que, juntando-se a várias outras, nos forneceu uma prova de que a justiça imanente não é uma palavra vã, mas uma realidade efetiva e que todo ato moral comporta uma sanção inevitável.

Conclusão

Revele-me, ó meu bom gênio,
a mim, que tu amas,
essas verdades que dominam a Morte,
impedem de temê-la
e a fazem quase amar.
Renan

Quando, há dois mil anos, um sublime revolucionário sonhou tirar a Humanidade de sua condição miserável dando a ela uma direção, uma moral e um alvo, ele foi combatido pelos maus sacerdotes e mercadores aos quais contrariava; a nova religião colocou ao menos trezentos em formação e a conversão à unidade divina demandou por volta de mil anos.

Quando, em 1492, Cristóvão Colombo descobriu a América, a Europa inteira se recusou a acreditar nele, e foi apenas após uns trinta anos que se consentiu admitir a existência de um novo Continente.

Quando, em 1632, Galileu afirmou a rotação da Terra em torno do sol, reportado ao Tribunal da Inquisição que representava o Poder, defendia os direitos da Igreja e dominava a Justiça, ele teve de abjurar de joelhos sua pretensa heresia.

Quando, em 1857, Allan Kardec edificou as primeiras bases do espiritismo, ele levantou a curiosidade pública, e também a inveja, a ira, a calúnia. Ele foi submetido às injúrias de inimigos ferozes; infâmias foram publicadas contra ele. Em Barcelona, suas obras foram apreendidas por ordem da autoridade eclesiástica e queimadas em praça pública pela mão do carrasco; em todos os países, a nova doutrina e seu fundador foram atacadas em púlpito a partir de ordens de bispos e sermões de padres. Ainda hoje, depois de 65 anos, essa rixa não está extinta.

Por esses exemplos, vemos forças de reação constantemente associadas para a manutenção de tradições e mitos, recusando acolhimento a toda inovação grandiosa ou fazendo obstáculos a sua propagação nas massas.

Acrescentemos a isso as preocupações de uma existência cada vez mais difícil, a indiferença da multidão e, sobretudo, as condições quase exclusivamente materiais da vida moderna; temos, então, a explicação sobre as dificuldades que se experimenta na fixação da atenção da humanidade quanto a seus destinos.

A satisfação dos prazeres grosseiros tornou-se uma necessidade para o homem; a ausência de sentimentos delicados se manifesta no teatro, nos espetáculos imorais que quanto mais falam exclusivamente a seus sentidos, mais atraem sua atenção. A indigência de produções do cinema acabou por esgotar toda tentativa intelectual. Quanto à literatura, os excessos nos quais ela caiu obrigaram a riscar de seus quadros um comandante da Legião de Honra após a publicação de um livro pornográfico.

Não tendo a guerra nos levado ao renascimento do pensamento esperado por alguns entusiastas, chegamos a um período de decadência, a uma falência mental que parece não ter fim.

“É assim, diz Gonzague Truc, que depois de ter povoado o Universo de deuses pueris e dobrado os seres de essências misteriosas, os homens se inclinaram novamente diante do mistério inicial e declararam que nada podem descobrir sobre ele. Eles viram morrer os imortais; eles escutaram a agitação dos templos que caíram com Roma; eles sabem, animados

por algumas ilusões, eles fizeram morrer um Crucificado. Eles observam o mundo que se estende diante deles, impenetrável e mudo. E cheios do silêncio de novas agonias, eles escutam o batimento de seu sangue, enquanto a Morte os recolhe, um a um, para fazê-los dormir no Desconhecido” (Gonzague Truc – Revista da Semana, 27 de janeiro de 1922).

Essa passividade inconsciente que muito se parece com o fatalismo oriental tolo é obra do Materialismo. Julgando inútil submeter a um exame mais sério o problema do Ser e de seu destino, procura-se recentemente enterrá-lo na Sorbonne tomando a questão a partir de seu lado mais contestável, em condições tais que, se a experiência tivesse sido bem sucedida, seria fácil dar ali uma interpretação materialista. É a isso que se chama “esclarecer o povo”!

É hora de abordar o tema com sinceridade.

Não encontraremos um pequeno espaço para instalar uma verdadeira ciência da alma sem ritos, sem dogmas e sem padres, uma psicologia integral cujo fim será demonstrar, longe dos rascunhos e sistemáticas, a existência de uma força inteligente e invisível atestada por nossas experiências, contestadas pela maior parte dos sábios, entrevista apenas por poucos?

“Se existe em algum lugar, diz Dr. Berthelot, uma inteligência tão superior à inteligência humana tal como esta o é para a inteligência animal, é provável que se ela nos revelasse a verdade a um só tempo, nós não a compreenderíamos” (Daniel Berthelot. – “a Psique e a Metafísica das teorias” de Einstein).

Durante nossas investigações, essa inteligência se apresentou a nós, não transcendente como aquele a que se refere o Sr. Berthelot, não supra-humana, mas, ao contrário, muito terra-a-terra, impressa de nossa mentalidade, de nossas paixões, de nossas preocupações mesquinhas, e é isso que nos permite compreendê-la.

Ela nos deu a certeza de uma vida que continua na eternidade sem o recurso do corpo físico; ela nos mostrou que havia, exterior à humanidade terrestre, uma atividade mental que a envolve por todos os lados, que sofre suas dores, a inspira com seus conhecimentos, provoca grandes descobertas por meio da intuição. É a convicção de sua existência que nos permite afirmar aquilo que a psico-fisiologia se obriga a considerar como absurdo:

O PENSAMENTO PODE SUBSISTIR SEM SISTEMA NERVOSO

Se essa declaração baseada sobre múltiplas provas leva a refletir, apesar de um pequeno número de incrédulos; se ela os faz compreender que uma boa experiência vale mais que uma engenhosidade do cérebro, fosse este o de Newton; se ela dá a eles o desejo de buscar por si mesmos, nós não teríamos perdido nosso tempo e diremos com Aksafof:

“Sobre o declínio de minha vida, eu por vezes me pergunto se fiz bem em consagrar tanto tempo, tanto trabalho e dinheiro estudando e expondo esses fenômenos. Eu não tomei o caminho errado? Eu persegui uma ilusão? Mas creio sempre ouvir a mesma resposta: “O homem não poderia encontrar emprego mais elevado de sua vida senão na busca por provar a natureza superior do ser humano convocado a um destino muito mais sublime que a existência terrestre”. Eu não posso, então, me arrepender de, por tantos anos, ter devotado à busca desse objetivo por vias incomuns que a ciência ortodoxa qualifica ilusórias, mas que eu sei que são mais infalíveis do que essa ciência. Se eu consegui, de minha parte, levar, ainda que uma só pedra à construção do Templo do Espírito que a humanidade, fiel a sua voz interior, edifica através dos séculos com tanta dificuldade, essa será para mim a única e a maior recompensa que eu pudesse aspirar” (Aksakoff. – Prefácio de “Animismo e espiritismo”).

Nós fomos levados a admitir que o Espírito conserva uma lembrança mais ou menos precisa dos eventos de sua vida e que ele os leva consigo para o túmulo. É isso que Virgílio exprimiu em um verso cadenciado, de uma majestade simples, impregnado de um sopro poético:

Et dulcis moriens reminiscitur Argos (Morrendo, recorda a doce Argos).

Nossa imaginação evoca o jovem guerreiro caído em campo de honra, revendo, nesse minuto supremo, nos últimos clarões do dia e da vida, a doce cidade de sua infância. Ele revê em um quadro panorâmico a casa onde ele nasceu, os campos onde ele passeou, a mão que o embalava nos braços e que, agora idosa, não terá sequer o consolo de poder chorar sobre seu túmulo; ele revê a noiva que escolheu para compartilhar a vida e que o esperará em vão. As sombras caem mais altas do alto das montanhas, e enquanto a noite faz sentir sobre elas seu manto sepulcral, o jovem herói dá seu último suspiro, com o amargo arrependimento de ter vivido tão pouco.

Quando despertará, mais tarde, no silêncio majestoso do Infinito, não tardará a constatar que, longe de ser remetido ao nada, ele se encontra, ao contrário, na luz e na vida. Ele verá ao seu redor figuras amigas, rostos esquecidos que lhe sorrirão e que guiarão seus primeiros passos nessa nova existência da qual ele estava desabitado. Ser-lhe-á ensinado que ele é ligado a Terra por laços de parentesco e de amor: que seu sacrifício não foi inútil, e que ele poderá talvez um dia ser colocado junto àqueles que ele deixou do outro lado, a menos que na Cidade silenciosa e imensa na qual ele agora é cidadão e onde a multidão numerosa tem tão pouco lugar, ele não esteja entre os levados ao esquecimento.

Ele procurará comunicar-se com os seus; ele desejará rever sua mãe, falar de sua noiva, dar-lhe a certeza de que ele não está morto senão na aparência, levar-lhe a consolação e a esperança, fazer-lhe compreender que ele emigrou na grande colônia dos ex-terrestres onde cada um pratica a solidariedade como um dever.

Essas almas não nos são estranhas. Nós as conhecemos ou nós as conheceremos um dia; elas pertencem a nossa humanidade e elas não dormem o último sono. Elas estão não na morte eterna, mas na vida eterna que elas perseguiram e conquistaram numa atividade incessante, durante essa peregrinação sem fim, que é nosso destino comum. Essas são irmãs mais velhas que se inclinam sobre nós e nos sustentam durante a prova.

Apesar da obscuridade que ainda o envolve, tentamos penetrar nesse mundo misterioso e compreendê-lo em sua grandeza. Nós o perscrutamos, em nossas incansáveis investigações, para descobrir a verdade e chegarmos acima do senso comum da ignorância. Outros, depois de nós, continuarão nossa obra e dissiparão para sempre as últimas trevas que ainda envolvem esses vastos problemas.

As revelações que nos foram feitas trazem em si provas definitivas; elas satisfazem nossa necessidade de justiça; elas nos fazem entrever nossos destinos supremos e nos mostram os elementos da vida.

Que não se pense que se trata de um sistema forjado por nossa imaginação; as palavras que trazemos em relatos são vindas do mundo exterior e todos podem compreendê-las.

As investigações sérias e imparciais se dão conta de que eles não são estranhos à esse universo maravilhoso. Eles compararão, com um julgamento mais racional, as forças espirituais que estão ao nosso redor e apreciarão melhor sua potência. Longe de duvidar que a morte seja unicamente uma fonte de tristezas e agonias, eles não verão nela senão o esplendor e a atividade da vida; eles terão uma concepção mais precisa do futuro onde ela os leva, para além desse túmulo após o qual começa um novo ciclo de existências para o espírito imortal. A beleza de nossa filosofia aparecerá para eles e, na medida que ela se impuser à sua razão com

a evidência formal das constatações que organizamos para eles, eles se sentirão tão mais estreitamente ligados a ela.

Existem, na mente das Ciências, homens que nos combatem porque consideram falso nosso ponto de partida, baseado sobre a existência da alma.

Uma vez que seu conhecimento é delimitado pela anatomia, pela psicologia, pelas propriedades dos corpos e suas combinações químicas, a questão da imortalidade lhes parece pueril, indigna de suas preocupações. Eles não vêem no Universo mais que dois elementos: a Força e a Matéria; no indivíduo, não mais que dois princípios: as Moléculas e as Células.

Faz-se notar: na luta pelo triunfo de seu ideal materialista, nós os vemos associados às forças da Igreja que, tal como o abominável dia do incêndio de Barcelona, perseguem com uma ira tenaz o ideal espiritualista que não traz o selo do sacerdócio romano.

E desses dois pólos tão opostos, sentimos sobre nós o vento amargo da crítica. Mas, por mais amarga que ela sobre, por mais violento que seja o vento das sabedorias acadêmicas unidas às das ignorâncias monásticas, não se tem força suficiente para apagar a tocha que o espiritismo acendeu na noite da humanidade.

Todos os nossos esforços procuraram manter essa chama. Respondemos com fatos ao dar de ombros cético dos incrédulos. Em um estudo tão fechado como este, nós devemos ter por guia unicamente o método experimental; tendo em mãos os elementos necessários, levamos nossas investigações o mais longe possível e trazemos essa pedra modesta colhida no caminho; ela virá se juntar aos materiais acumulados por outros.

Ficamos tempo demais na ignorância de nosso futuro, tempo demais adormecidos em uma ilusão enganosa sobre nosso ser real, começamos, enfim, a entrever, senão completamente o que somos, ao menos o que nós não somos; e isso graças ao concurso desses desconhecidos, desses irmãos humildes cujo nome não será jamais inscrito nos arquivos da História, mas ficará sempre gravado na nossa grata memória.

O leitor terá observado divergências sensíveis nas declarações de diferentes espíritos e mesmo nas feitas pelo mesmo espírito durante uma sessão. Longe de dissimulá-las, nós as relatamos, estimando que elas têm um valor instrutivo uma vez que mostram as oscilações inevitáveis do pensamento e perturbações da memória nos espíritos tal como nos homens. Estes são desculpáveis, pois ninguém é infalível; por que os desencarnados o seriam, dado que as dificuldades que eles experimentam para nos traduzirem seus sentimentos sejam incessantes e por vezes insuperáveis?

Nós discutimos separadamente todas as partes desse dossiê; os fatos nos foram confirmados por peças oficiais e testemunhas autênticas; os episódios mais extraordinários, os segredos íntimos, os eventos impressionantes foram certificados por investigações severas. Nós constatamos que se um certo número de casos podem encontrar sua explicação mais simples no jogo do subconsciente, outros, ao contrário, escapam totalmente a essa hipótese.

Começamos por analisar os casos que poderiam, à rigor, ser considerados como produções dessa faculdade paranormal, dita criptestésica. Nós demos a ela uma parte suficientemente grande para ter o direito de reivindicar como espíritas as outras manifestações que, de toda evidência, não puderam ter sua formação, nem encontrar sua substância nos sentidos ou conhecimentos do preceptor ou dos assistentes. Essas manifestações escapam, de certo, a toda influência do mundo físico.

Nós vimos o tributo importante que elas trazem à tese espírita, estabelecendo-a em bases sólidas.

Para sua análise comparada, pode-se, então, considerar como demonstradas:

1º O erro científico que, conferindo à personalidade subconsciente uma faculdade de conhecimento universal, sem preocupação com o tempo nem as distâncias, chega a atribuir-lhe uma força prodigiosa, inverossímil, quase divina;

2º A realidade da vida após a morte e a possibilidade de os espíritos se comunicarem com os homens quando as condições necessárias se encontram reunidas.

Graças a esses resultados, temos o direito de responder à questão posta no início desta obra:

NÃO APENAS A VIDA APÓS A MORTE É UMA CERTEZA, MAS PODE-SE DEMONSTRÁ-LA EXPERIMENTALMENTE, COMO O FIZEMOS, COM A AJUDA DA MEDIUNIDADE SUBJETIVA. FORA A HIPÓTESE ESPÍRITA, QUALQUER OUTRA EXPLICAÇÃO QUE SE POSSA TENTAR QUANTO A ESSES FENÔMENOS É PSICOLÓGICAMENTE, FILOSOFICAMENTE, CIENTIFICAMENTE INADMISSÍVEL, AO MENOS ATÉ O PRESENTE.

Do berço ao túmulo, do túmulo ao berço, eis as etapas de nossa existência infinita. Jornadas de luta, jornadas de amor, jornadas de esperança. Labutas obscuras, sonhos profundos, tempos de glorioso despertar. Fraternidade, evolução, progresso. Tais são nossos deveres, nossos sentimentos, nossas tendências. Tal é nossa moeda, a da Humanidade.

Nós levantamos uma ponta do véu que esconde nosso passado e nosso futuro; arriscamos alguns passos sobre esse tenebroso trajeto que vem do eterno ontem e vai em direção ao eterno amanhã; à medida em que avançamos, nos sentimos mais firmes, mais confiantes. A luz que nos guia ainda é um pouco fraca, vacilante, longínqua, e nossos meios de exploração imperfeitos. Não importa! Nossa certeza é absoluta. Sabemos que estamos no caminho certo; estamos seguros de chegar ao objetivo.

Não dependemos mais da Igreja. Certamente, seu ensinamento dos primeiros tempos foi útil para a Humanidade, quando a palavra do Mestre, dominando os reis e os povos com todo seu esplendor, abriu a uns a Justiça e a outros a Caridade; mas esse ensinamento, hoje deformado, não é mais que objeto de controvérsias e discussões amplamente justificadas.

Não dependemos mais da Ciência oficial, ao menos em nosso país. Ela ainda não está em estado de nos dar a chave de nossos destinos futuros. Nosso futuro não existe para ela. No máximo será ela a nos dizer quanto tempo os micro-organismos levarão para acabar com nossos despojos em decomposição. Seus conhecimentos não vão mais longe.

Glória, então, a esses visitantes benévolos, a esses humildes colaboradores que foram nossos únicos recursos! Glória a eles, cuja presença secreta tão fortemente nos apoiou e encorajou nossos esforços! Glória a eles, glória a esses exumados do esquecimento que vêm de outra margem para nos esclarecer!

Sozinhos, aqueles que vivem no seio da Eternidade puderam nos desvelar uma parte desse mistério, ainda impenetrável a tantos homens.

Não esqueçamos que sem sua benfeitoria intervenção, sem essa bússola infalível que nos guia na noite perdida, na imensidão sem fim, nós inevitavelmente desviaríamos nossa rota.

Se queremos conhecer o segredo de nosso destino; se queremos saber o que nos reserva o além, sobre essas margens inexploradas onde temos tantas ligações; se queremos ser informados quanto às condições de existência que nos esperam; se queremos saber o que somos, de onde viemos e para onde vamos: Escutemos os desencarnados que nos falam,

reunidos ao nosso redor; escutemos seus conselhos e seus encorajamentos; escutemos aqueles que nós conhecemos e amamos em tempos perdidos na distância dos séculos; escutemos aqueles que foram nossos amigos, nossos pais, nossos irmãos:

ESCUTEMOS OS MORTOS!